

LIVRO DE RESUMOS

3



*congresso
internacional*

pelos
mares da
**língua
portuguesa**

EDS.

António Manuel Ferreira
Carlos Morais
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lídia Coimbra



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

3.º Congresso Internacional “Pelos mares da língua portuguesa” – Livro de Resumos

EDITORES

António Manuel Ferreira, Carlos Morais, Maria Fernanda Brasete, Rosa Lúcia Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alina Villalva (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), António Manuel Ferreira (DLC, Universidade de Aveiro), Arménio Rego (DEGEIT, Universidade de Aveiro), Belmiro Fernandes Pereira (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Carlos A. André (Instituto Politécnico de Macau e Universidade de Coimbra), Carlos Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Carlos Morais (DLC, Universidade de Aveiro), Carlos Reis (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Carlos Rodrigues (DCSPT, Universidade de Aveiro), Cheng Cuicui (Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian – China, IC-UA), Débora Leite David (CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Elza Miné (Universidade de São Paulo, Brasil), Fernanda Cavacas, Graça Rio Torto (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), Helder Garmes (Universidade de São Paulo, Brasil), Henrique Barroso (ILCH, Universidade do Minho), Inocência Mata (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Isabel Roboredo Seara (DH, Universidade Aberta), João Manuel Torrão (DLC, Universidade de Aveiro), João Veloso (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, APL), Lourenço do Rosário (Universidade A Politécnica, Moçambique), Luís Adriano Carlos (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Luísa Álvares Pereira (DEP, Universidade de Aveiro), Manuel Célio Conceição (DLCA, Universidade do Algarve), Maria Fernanda Abreu (DLCLM, Universidade Nova de Lisboa), Maria Fernanda Brasete (DLC, Universidade de Aveiro), Maria Fernanda Matias (Fundação Calouste Gulbenkian), Maria Filomena Gonçalves (DLL, Universidade de Évora), Mário Filipe (Universidade Aberta), Nobre dos Santos (Unizambeze, Moçambique), Nuno Dias (DeCA, Universidade de Aveiro), Olga Castrillon Mendes (UNEMAT, Brasil), Paula Morão (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Paulo Osório (DL, Universidade da Beira Interior), Rosa Lúcia Coimbra (DLC, Universidade de Aveiro), Rui Ramos (IE, Universidade do Minho), Shao Ling (DeCA, Universidade de Aveiro), Susana Sardo (DeCA, Universidade de Aveiro), Telmo Verdelho (Universidade de Aveiro; Academia das Ciências de Lisboa), Xavier Frías Conde (UNED, Espanha).

CAPA

Sofia Almeida (SCIRP – UA), a partir de um logótipo da autoria de Álvaro Sousa (DECA-UA)

CONCEÇÃO GRÁFICA

 **ESCOLAR EDITORA**

IMPRESSÃO / ACABAMENTO

Tipografia Lousanense

EDIÇÃO

UA Editora – Universidade de Aveiro

1.ª EDIÇÃO

Maio de 2016

TIRAGEM

150 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

.....

ISBN

978-972-789-480-2

FINANCIAMENTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Índice

Apresentação.....	7
Programa.....	9
Sessões plenárias.....	11
Sessões simultâneas.....	15
Sessão de pôsteres.....	23
Resumos.....	25
Comunicações orais.....	27
Pôsteres.....	118

Apresentação

No seguimento do I Colóquio Internacional “FestLatino 2012 – Pelos Mares da Língua Portuguesa” (21 de março de 2012) e do II Congresso Internacional “Pelos Mares da Língua Portuguesa” (21, 22 e 23 de maio de 2014), o Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro organiza, nos dias 4, 5 e 6 de maio de 2016, o 3.º Congresso Internacional “Pelos Mares da Língua Portuguesa”.

Comemorando-se em 2016 o Ano Internacional do Entendimento Global, este congresso pretende sublinhar a importância das línguas como meio de comunicação intercultural, fomentando um projeto de aproximação científica dos vários países e comunidades de língua portuguesa.

O programa do congresso inclui conferências plenárias, mesas redondas, comunicações livres e pósteres da autoria de investigadores oriundos de Portugal, Brasil, Moçambique, Índia (Goa), Timor-Leste, Espanha, Itália, Polónia, Estados Unidos da América e China (*vide* <<http://blogs.ua.pt/mares3>>).

Reforçando a pluricontinentalidade da língua portuguesa, saliente-se ainda a realização de duas exposições temáticas, uma de pintura da autoria de Chica Sales, e outra de fotografia, de Kok Nam; um espetáculo musical, protagonizado por estudantes brasileiros e portugueses, que desenvolvem a sua formação musical na Universidade de Aveiro; e a apresentação de livros, recentemente editados.

Painéis temáticos:

1. Pelos mares de África;
2. Pelos mares da América;
3. Pelos mares da Europa;
4. Pelos mares do Oriente.

Nestes quatro painéis são abordados os seguintes tópicos:

- O português, uma língua de comunicação e culturas;
- Normas e variações linguísticas;
- Diversidades literárias;
- A língua portuguesa na era digital;
- Geografias da língua portuguesa – redes de ensino (língua materna, língua segunda, língua estrangeira, língua de herança);
- Roteiros da língua portuguesa (museológicos, científicos, turísticos, literários);
- Diálogos interartes (cinema, música, ilustração, fotografia, pintura);
- A língua portuguesa em tradução;
- A língua portuguesa nos negócios e na diplomacia.



Programa



Sessões plenárias

4 de maio – Auditório Aldónio Gomes (2.1.10)

08h30 – Receção dos participantes e entrega de documentação

09h15 – Sessão de abertura

09h30 – Conferências de Abertura

Moderador: António Manuel Ferreira

PAULA MORÃO (Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa): *Fumar, pensar, olhar para dentro de si – Alguns exemplos portugueses*

E. M. DE MELO E CASTRO (Universidade de São Paulo): *Uma concepção fractal da língua portuguesa*

10h30 – Intervalo

Moderador: Carlos Manuel Morais

10h50 – ANTÓNIO MANUEL FERREIRA (Universidade de Aveiro): *Derivas religiosas de Fradique Mendes*

11h15 – LUÍS ADRIANO CARLOS (Universidade do Porto): *Língua e Literatura, ou a Mátria Revisitada*

11h40 – Mesa Redonda: *Língua e Literatura em Moçambique*

Moderadora: Fernanda Cavacas

UNGULANI BA KA KHOSA (Escritor, Presidente da AEMO)

NATANIEL NGOMANE (Universidade Eduardo Mondlane, Presidente do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa)

12h05 – LUÍS ADRIANO CARLOS (Universidade do Porto): *Língua e Literatura, ou a Mátria Revisitada*

14h30 – Mesa Redonda: *Pensando Goa: Uma Peculiar Biblioteca da Língua Portuguesa*

Moderadora: SUSANA SARDO (Universidade de Aveiro – INET-md)

HELDER GARMES (Universidade de São Paulo)

ROSA MARIA PEREZ (ISCTE – ICS)

EVERTON V. MACHADO (Universidade de Lisboa – CEC)

ADMA MUHANA (Universidade de São Paulo)

SANDRA ATAÍDE LOBO (Universidade Nova de Lisboa/FCSH-CHAM)

16h00 – Intervalo

16h30 -17h50 – **Sessões simultâneas A**

18h25 – Inauguração da exposição de pintura “...Mais um Despertar...”,
de CHICA SALES (Auditório Helder Castanheira, Livraria da UA)

19h00 – Concerto (Auditório Helder Castanheira, Livraria da UA)
Onda de Silêncio - recital de canções em língua portuguesa, por
EDUARDO BARRETTO e DEBORAH OLIVEIRA
Coração analógico, por ALEX DUARTE

5 de maio – Auditório Aldónio Gomes (2.1.10)

Moderadora: Rosa Lídia Coimbra

09h00 – ANDRÉS JOSÉ POCIÑA LÓPEZ (Universidad de Extremadura, Espanha): *Os crioulos de base portuguesa no âmbito da lusofonia: relações linguísticas e património cultural lusófono nos territórios de língua crioula*

09h25 – JOÃO VELOSO (Universidade do Porto): *Quando o Português exportava palavras: “Loanword adaptation” do Português para o Cingalês*

09h50 – PAULO OSÓRIO (Universidade da Beira Interior): *O Português como Língua Pluricêntrica*

10h15 – Intervalo e **sessão de pósteres**

Moderadora: Maria Fernanda Brasete

10h45 – SHAO XIAO LING (Universidade de Aveiro): *A Música Erudita Portuguesa na Perspetiva Intercultural: O caso da comunicação com a China*

11h10 – MARIA FERNANDA MATIAS (Fundação Calouste Gulbenkian): *Experiência museológica da Fundação Calouste Gulbenkian na Índia: Goa e Cochim*

11h35 – CARLOS ASCENSO ANDRÉ (Instituto Politécnico de Macau e Universidade de Coimbra): *Ensino do Português na China: perspectivas e constrangimentos*

12h00 – OLGA CASTRILLON-MENDES (UNEMAT, Brasil): *Relações Brasil/Portugal no discurso de configuração das fronteiras coloniais: um caso de Mato Grosso*

Moderador: João Veloso

14h30 – TELMO VERDELHO (Universidade de Aveiro): *Os pecados da boca: reflexão breve sobre a moralidade linguística*

14h55 – BELMIRO FERNANDES PEREIRA (Universidade do Porto): *Para uma retórica do ver e ouvir na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*

15h20 – MARIA FILOMENA GONÇALVES (ECS/DLL, Universidade de Évora): *Variação e Contacto Interlinguístico no Corpus do Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI a XVIII)*

15h45 – XAVIER FRIAS CONDE (UNED, Espanha): *Os escritores galegos de expressão portuguesa: escritores invisíveis?*

16h10 – Intervalo

16h30-17h40 – **Sessões simultâneas B**

18h15 – Inauguração da exposição de fotografia *Imagens de Moçambique*, da autoria de KOK NAM (Sala Hélène Beauvoir, Biblioteca da UA)

20h00 – Jantar do Congresso

6 de maio – Auditório Aldónio Gomes (2.1.10)

Moderadora: Fernanda Cavacas

09h00 – NOBRE ROQUE DOS SANTOS (UniZambeze, Moçambique): *A situação linguística de Moçambique*

09h25 – RUI RAMOS (Universidade do Minho): *Contributos para o estudo dos usos da língua portuguesa em Timor-Leste*

09h50 – JOSÉ AMARAL (Responsável Cultural da Embaixada da República Democrática de Timor-Leste) & ALFREDO CALDEIRA (Fundação Mário Soares): *Notas sobre as línguas de Timor-Leste*

10h15 – Apresentação do livro *Pelos Mares da Língua Portuguesa II*, por Carlos Moraes

10h40 – Intervalo

Moderadora: Maria Filomena Gonçalves

10h55 – MANUEL CÉLIO CONCEIÇÃO (DLCA, Universidade do Algarve): *A Língua Portuguesa no Ensino Superior*

11h20 – MÁRIO FILIPE (Universidade Aberta): *Política de Língua e Políticas Públicas, uma visão necessária*

11h 55 – Sessões simultâneas C

Moderador: Helder Garmes

15h00 – ROBERT S. NEWMAN: *Looking at Goa as a multilingual society*

15h30 – ALINA VILLALVA (Universidade de Lisboa): *A (inter)incompreensão de palavras diferentes e de palavras iguais nas variedades do Português Europeu e Brasileiro*

16h00 – Intervalo

Moderador: António Manuel Ferreira

16h15 – ELZA MINÉ (Universidade de São Paulo): *“Alguns homens de meu tempo” e outras memórias de Jaime Batalha Reis*

16h45 – Apresentação, por António Manuel Ferreira, da obra *Pessoas de Livro. Estudos sobre a Personagem*, de Carlos Reis

17h00 – Sessão de encerramento – CARLOS REIS (Universidade de Coimbra): *Diversidade e cânone literário: cinco teses*

Sessões simultâneas

Sessões simultâneas A

4 de maio | 16h30 – 17h50

Auditório Aldónio Gomes (2.1.10) – Moderador: Elza Miné

LOLA XAVIER (Instituto Politécnico de Macau/Instituto Politécnico de Coimbra): *Havia um oceano... História e ficção em O Ano em que Zumbi Tomou o Rio*

DÉBORA LEITE DAVID (CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa): *Os ministros no musseque, um gato ao piano e os flagelados da independência*

ELISABETH BATTISTA (UNEMAT, Brasil): *Entre o Índico e o Atlântico: nas trilhas da “Filosofia de uma Mulher Moderna”: configurações da vida social nas Crônicas de Maria Archer*

ISABEL ROBOREDO SEARA (Universidade Aberta): *A interação escrita no quotidiano: da compulsão à omnipresença nas redes digitais*

Sala 2.1.11 – Moderadora: Ana Maria Ramalheira

NUNO ROSMANINHO (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro): *Incidências artísticas do universalismo português*

NUNO DIAS (Universidade de Aveiro): *Centro de Interpretação do Design Português*

EDMARCOS COSTA & SHAO XIAO LING (DECA, Universidade de Aveiro): *A música erudita portuguesa como instrumento de diálogo entre um brasileiro e uma chinesa: relato de experiência do intercâmbio sociocultural e musical na preparação de uma performance musical*

KLÊNIO BARROS (Universidade de Aveiro): *A viagem da língua e tudo o que vai com a língua: música popular brasileira e interlocução de culturas nos espaços noturnos da cidade do Porto*

Sala 2.1.15 – Moderadora: Maria Fernanda Brasete

CLÁUDIA MENDES SILVA & MARIA HELENA ANÇA (Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro): *Fonias Lusas ou Lusofoonias: percepções de estudantes do Ensino Secundário Profissional*

ALGEMIRA DE MACEDO MENDES (Universidade Estadual do Piauí/UEMA, Brasil): *Paulina Chiziane, uma escrita na sociedade pós-*

-colonial moçambicana do século XXI

MARIA DE FÁTIMA MAIA RIBEIRO (Universidade Federal da Bahia, Brasil): *“Até que um dia virá e ‘os portos do mundo sejam portos de todo o mundo’”: trocas transatlânticas e sociabilidade de línguas, poderes, culturas e identidades*

BARBARA LITO (CAPES/CRIA-IUL): *Mouros na costa: recriações narrativas na travessia do Atlântico*

Sala 2.5.6 – Moderadora: Teresa Alegre

MAFALDA FRADE (Universidade Nova de Lisboa / Universidade de Aveiro): *A tradução portuguesa das aventuras de Marco Polo: uma ponte linguístico-cultural para o Oriente no tempo das Descobertas*

EDWIGES CONCEIÇÃO DE SOUZA FERNANDES (Universidade de Aveiro / Universidade Nova de Lisboa): *Pessoa, leitor-receptor, tradutor e reescritor de “The Scarlet Letter”*

ALEXIA D. BRAVO & FILIPA R. SANTOS (Instituto Politécnico de Bragança): *As traduções de Gata Borralheira/Cinderela de Charles Perrault, Irmãos Grimm e Walt Disney*

MARIA JOÃO FERRO (ISCAL/CL, Universidade Nova de Lisboa): *A tradução de originais em língua portuguesa na Europa: Uma análise contrastiva*

Sala 2.5.7 – Moderadora: Olga Castrillon Mendes

REGINA CÉLIA PEREIRA DA SILVA (Università degli Studi di Napoli l’Orientale): *Uma (re)leitura do Espelho dos Brâmanes de Mateus de Castro: primórdios literários*

ANA BEATRIZ DEMARCHI BAREL (Universidade Estadual de Goiás): *Uma Língua e uma Literatura Brasileiras: a Obra de Milton Hatoum*

BRUNO ANSEMI MATAGRANO (Universidade de São Paulo/ CNPq): *Notas de um Bestiário Simbolista: inovação e tradição na representação animal*

WENDEL CÁSSIO CHRISTAL & MAURÍCIO PEDRO DA SILVA (Universidade Nove de Julho, Universidade Presbiteriana Mackenzie): *Uma flor africana: literatura infanto-juvenil brasileira e relações étnico-raciais*

Sala 2.5.8 – Moderador: Fernando Martinho

ANTÓNIA ESTRELA & SANDRA ANTUNES (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa): *A sufixação num corpus de aquisição de PLE/L2*

- ANGELINA COMÉ, JOSEFINA FERRETE & TOMÁSIA MATARUCA (Universidade Pedagógica): *O Ensino do PLE em Moçambique: Referências*
- ANA RITA CARRILHO (Universidade da Beira Interior): *Ensino de estratégias de aprendizagem de vocabulário em Português Língua Estrangeira*
- ANA FILIPA PINHO (FLUP, Universidade do Porto): *A importância do uso das NTIC no ensino de Português Língua Estrangeira a adultos*

Sala 2.5.9 – Moderador: Andrés Pociña Pérez

- ROSA LÍDIA COIMBRA & URBANA PEREIRA (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro): *A tangerina da sorte: Um estudo de metáforas com nomes de vegetais em falantes chineses e portugueses*
- ELIZANGELA NIVARDO DIAS & SILVIO A. TOLEDO NETO (FFLCH, Universidade de São Paulo): *Estudo filológico dos bilhetes deixados junto aos bebês das Rodas dos Expostos do Brasil e de Portugal: Aspectos linguísticos, históricos e culturais*
- BRUNA TRINDADE LIMA SANTOS (FSCH/ Universidade Nova de Lisboa): *O português “com açúcar” ou uma língua brasileira*
- CAIO CESAR ESTEVES DE SOUZA (Universidade de São Paulo e Universidade Nova de Lisboa): *Entre a espada e a pena: Violência de Estado e poesia nas celebrações da inauguração da Estátua Equestre de D. José I*

Sessões simultâneas B

5 de maio | 16h30 – 17h50

Auditório Aldónio Gomes (2.1.10) – Moderador: Paulo Osório

- HENRIQUE BARROSO (ILCH, Universidade do Minho): *<Passar a + infinitivo> no Português Europeu: construção com valor discursivo ou operador aspetual?*
- ANTÓNIO MORENO (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro): *Quanta gramática tem um jornal?*
- ALBERTO GÓMEZ BAUTISTA (Bolseiro de Investigação na Fundação Calouste Gulbenkian / CLLC, Universidade de Aveiro): *A língua portuguesa e a ciência; problemas e desafios*
- ABDELILAH SUISSE (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro): *O papel das línguas segundas na apropriação de uma terceira língua: um estudo*

do sobre estudantes universitários marroquinos de português língua estrangeira

Sala 2.3.11 – Moderador: Carlos Rodrigues

ANTÓNIO GRAÇA DE ABREU (DCSPT, Universidade de Aveiro): *Li Bai, Du Fu, Wang Wei, Bai Juyi, traduzir os maiores poetas da China, criação, reinvenção e rigor*

CRISTIANE WERLANG (Universidade de Coimbra – Bolsa CAPES/BR): *As Máquinas de Cena do TeatrO Bando: espaços rítmicos potenciais*

EDYTA JABLONKA (Universidade Maria Curie, Skłodowska, Lublin, Polónia): *Estrangeirismos nos blogues femininos portugueses e brasileiros*

Sala 2.5.6 – Moderador: Helder Garmes

ADMA MUHANA (Universidade de São Paulo, Brasil): *Circulação literária entre a Índia e o Brasil durante os séculos XVI, XVII e XVIII: O caso do Arcebispo de Goa, Fr. Inácio de Santa Teresa*

MÓNICA ESTEVES REIS (Centro de História da Arte e Investigação Científica, CHAIA-UÉ): *A historiografia da arte Indo-Portuguesa e a missão científica de Mário Tavares Chicó em Goa*

MARIA DE LOURDES BRAVO DA COSTA (Universidade de Goa): *Compreender problemas de questões agrárias em Orlando da Costa de “O Signo da Ira”. O cultivo de arroz em meados do século XX em Goa*

LUÍS P. L. CABRAL DE OLIVEIRA (CEDIS-FDUNL/ESTG-IPL): *Recortes da Índia: uma incursão pelos opúsculos oitocentistas da coleção Ismael Gracias*

Sala 2.5.7 – Moderadora: Urbana Pereira

GISLENE DA SILVA & DANIEL SOARES DA COSTA (Unesp Araraquara): *A produtividade dos sufixos -s/ção e -mento na formação de substantivos deverbais no Português Brasileiro*

MARIA DO SOCORRO PESSOA & MARIA HELENA ANÇÃ (Universidade Federal de Rondônia/Universidade de Aveiro): *Na língua portuguesa das fronteiras brasileiras a norma é variar*

CLEIDE INÊS WITTKÉ & JOSSEMAR DE MATOS THEISEN (Universidade Federal de Pelotas/ISOW): *Abordagem do ensino e da aprendizagem de português como situação comunicativa*

JOSSEMAR DE MATOS THEISEN & CLEIDE INÊS WITKE (ISOW / Universidade Federal de Pelotas): *O processo de ensino e aprendizagem dos letramentos acadêmicos por meio de tecnologias digitais*

Sala 2.5.8 – Moderador: Belmiro Fernandes Pereira

MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES (Universidade do Minho): *Invento o que escrevo / escrevendo para me inventar: a obra poética de Mia Couto*

DANIEL CRUZ FERNANDES (Universidade de Coimbra): *Apontamentos sobre a teoria da literatura de viagens*

SILVANIA NÚBIA CHAGAS (UPE/UC/Capes): *Religiosidade e poder na obra de Paulina Chiziane*

PAULA MAIMUNA BERNARDO ÂNGELO BAMBO (Universidade Pedagógica, Moçambique): *Paisagem Linguística da cidade de Quelimane*

Sala 2.5.9 – Moderadora: Alina Villalva

MONICA LUPETTI & MATTEO MIGLIORELLI (Università di Pisa/FCSH - UNL): *Português língua de comunicação internacional no século XVIII: o caso da Gramatica linguae malavaricae. Samscredam de Giuseppe Chariati Indiano*

DINA MARIA SILVA BAPTISTA (ESTGA, Universidade de Aveiro/ CLLC): *A importância do conteúdo na web: para uma estratégia comunicacional eficaz*

ZAINABO ALCINA DOS ANJOS VIAGEM (Universidade Pedagógica – Delegação de Nampula, Moçambique): *O Português, Uma Língua de Comunicação e Culturas*

SÍLVIA ROSA SIMONE & LEONILDA SANVECA (FCLCA, Universidade Pedagógica de Moçambique): *A Língua Portuguesa e o Hibridismo Linguístico em Moçambique*

Sessões simultâneas C

6 de maio | 11h55 – 13h15

Auditório Aldónio Gomes (2.1.10) – Moderadora: Isabel Roboredo Seara

LURDES DE CASTRO MOUTINHO & ROSA LÍDIA COIMBRA (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro): *Quando a escrita mimetiza a oralidade: Um estudo de marcadores prosódicos*

LORENA RODRIGUES & ALINE BAZENGA (Universidade Federal do Ceará/ Universidade da Madeira): *A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa: “estou estudando ela” em perspectiva sociolinguística*

DAYSE FRANCISNÉIA SANTANA CORREIA ALFAIA (FCSH, Universidade Nova de Lisboa): *As marcas linguístico-discursivas como recursos estratégicos de argumentação na entrevista política e no discurso de tomada de posse*

THIAGO MAERKI (Bolsista Sanduíche Capes, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp): *A língua portuguesa entre a simbologia marítimo-expansionista e a mística franciscana*

Sala 2.1.11 – Moderador: Rui Ramos

CHENG CUICUI (Universidade de Dalian, China): *Propostas curriculares de intervenção pedagógica cultural para os diferentes percursos no ensino do Português a alunos chineses*

RITA PEREIRA & CARLOS RODRIGUES (Universidade de Dalian, China/ Universidade de Aveiro): *Expectativas de empregabilidade e a aprendizagem da Língua Portuguesa na China: o caso de Dalian*

FILOMENA AMORIM (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro): *Consoantes líquidas /l/ e /r/: “confusões” fonéticas manifestadas por estudantes chineses na aprendizagem do português europeu*

ALICE ALCOBIA (Agrupamento de Escolas Templários): *Um percurso... um olhar. O Ensino da Língua Portuguesa e da Língua Cabo-Verdiana: Emergências e Competências*

Sala 2.3.11 – Moderador: Nobre Roque dos Santos

ROSILDA ALVES BEZERRA & PIRES LARANJEIRA (Universidade Estadual da Paraíba / Universidade de Coimbra / CAPES): *A (Re)Construção de uma Nação e o Processo Identitário em “Mistida” de Abdulai Sila*

DANUZA AMÉRICO FELIPE DE LIMA (FLUC / CAPES): *A língua literária de José Luandino Vieira: a serviço da violação de um cânone europeizado*

LUCIANA MORAIS DA SILVA & FLAVIO GARCÍA (UERJ, Brasil/Universidade de Coimbra): *Margens do português na ficção e na ensaística de Mia Couto*

ANTÓNIO JOSÉ MARQUES MARTINS (AESMP, Vila Real): *A potencialidade literária e didática de autores africanos em Língua Portuguesa, o caso especial de Mar-me-quer, de Mia Couto*

Sala 2.5.6 – Moderador: Mário Filipe

DULCE MELÃO (ESE de Viseu / Instituto Politécnico de Viseu): *Pelos mares da leitura literária no ensino superior: há lugar(es) para/do livro na era digital?*

SILVIA HELENA BENCHIMOL BARROS & KARLEY R. RIBEIRO (UA, UNL, Universidade Federal do Pará): *Tradução de Lendas e Mitos Populares: Imaginário Amazônico e desafios Interculturais*

FERNANDA LIMA JARDIM MIARA & GISLENE SILVA (UFSC/UNESP): *Diferentes usos no PP e no PB: a variação lexical no quotidiano*

GUILHERME DE OLIVEIRA BARBOSA (FCSH, Universidade Nova de Lisboa): *Ensino de Língua Portuguesa e Meio Ambiente: (como) é possível conciliar?*

Sala 2.5.7 – Moderador: Elisabeth Battista

HELENA SANTANA & MARIA DO ROSÁRIO DA SILVA SANTANA (UA / ESE-CD, Guarda): *A poesia portuguesa visitada, e revisitada, por Clotilde Rosa: Diálogos (semi)improváveis*

ISA VITÓRIA SEVERINO (Instituto Politécnico da Guarda): *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles numa outra cadência – o mar, as palavras e a insularidade*

BIANCA DO ROCIO VOGLER (Universidade de Coimbra): *O narrador de Eça de Queiroz na minissérie de Maria Adelaide Amaral e Luiz Fernando Carvalho*

MONTSERRAT VILLAR GONZÁLEZ (Universidad de Salamanca, Espanha): *Álvaro Alves de Faria: Um poeta nas duas margens. Poeta brasileiro e poeta português. Experiência de tradução*

Sala 2.5.8 – Moderador: António Moreno

MARIA CRISTINA VIEIRA DA SILVA (ESEPF-CIPAF / CIEC – Universidade do Minho): *A diferenciação pedagógica como estratégia promotora do ensino-aprendizagem do Português*

KARLA ANDRÉA DA SILVA, LURDES PATROCÍNIA M. NAKALA, MARIA CLÉA NUNES & TERESA BETTENCOURT (DEP, Universidade de Aveiro): *Contribuição do Blogue nas Práticas de Leitura dos Alunos da Educação de Infância e do 1.º Ciclo do Ensino Básico*

ROBERTO LOUREIRO (Universidade de Coimbra / CAPES): *Uma proposta de ensino das Viagens na Minha Terra*

PAULA BARATA DIAS (CECH, Universidade de Coimbra): *A tradução de A Retirada dos dez mil de Xenofonte por Aquilino Ribeiro. Encontros e desencontros entre dois autores*

Sala 2.5.9 – Moderador: Abdelilah Suisse

ROSA MARIA FANCA (CIDTFF, Universidade de Aveiro): *Diversidade linguística e cultural nas escolas portuguesas: O papel que os jovens de minorias linguísticas e culturais atribuem à Língua Portuguesa*

VANESSA GOMES TEIXEIRA (FLUP, Universidade de Porto): *Cultura e Aquisição de segunda língua: análise de um material didático de Português para surdos*

ROSE M. B. MOTTER, BEATRIZ HELENA DAL MOLIN, JULIA CRISTINA GRANETTO, FRANCIELI M. LUDOVICO & LUANA RODRIGUES S. OLIVEIRA (Unioeste, / UTFPR, Brasil): *Língua portuguesa como língua estrangeira na Universidade Estadual do Oeste do Paraná na modalidade presencial e a distância: um relato*

JOANA MESTRE COSTA (Universidade de Aveiro): *Da toponímia à bibliofilia e da bibliofilia à toponímia: subsídios para uma reflexão sobre turismo literário em Portugal*

Sessão de pôsteres

5 de maio | Sala de leitura | 10h15-10h45

CARLOS MORAIS (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Novas tecnologias no ensino de PLE a hispanofalantes

CATARINA XU YIXING & RAN MAI (SISU, China / Universidade de Aveiro)

Utilização do Wechat no Ensino/aprendizagem de PLE: Estudo de caso de alunos da SISU

ELIZANGELA NIVARDO DIAS & RENATA FERREIRA MUNHOZ (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, FFLCH / USP)

A mulher e o abandono de seus filhos: estudo dos documentos das rodas dos expostos das Santas Casas de Misericórdia

INÊS MOURA, LUÍSA ÁLVARES PEREIRA & ROSA LÍDIA COIMBRA (Universidade de Aveiro)

Riqueza vocabular em textos de alunos do Ensino Básico

PAULA MAIMUNA BERNARDO ÂNGELO BAMBO (Universidade Pedagógica, Moçambique)

A Variação Linguística no Contexto Escolar

ROSA LÍDIA COIMBRA & MARIA FERNANDA BRASETE (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Os “polícias” da língua: metalinguagem do erro em comentários online



Resumos



Comunicações orais

Abdelilah Suisse

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*O papel das línguas segundas na apropriação de uma terceira língua:
um estudo sobre estudantes universitários marroquinos de português
língua estrangeira*

Palavras-chave: Aquisição de uma terceira língua, Transferência linguística, Alunos marroquinos de português, Consciência metalinguística, Didática contextualizada, *Noticing Hypothesis*.

No quadro dos trabalhos sobre a aquisição de uma terceira língua, esta apresenta características próprias, em comparação com a aquisição de uma segunda língua, porque o aluno plurilingue (que sabe mais do que duas línguas) tem a possibilidade de as mobilizar numa nova aprendizagem. Nesta linha, esta comunicação pretende explicar o papel desempenhado pelas línguas segundas na aprendizagem de uma terceira língua, ou língua adicional, bem como os fatores (psico)linguísticos e sociolinguísticos que o condicionam.

A análise dos desvios verificados nas produções escritas de português dos aprendentes marroquinos permite-nos concluir que nem sempre a L1, a língua árabe, se afigura como fonte preponderante dos desvios de transferência, pois as outras línguas estrangeiras, tais como o francês ou o espanhol, são as línguas mais ativadas pelos alunos marroquinos – num processo hipotético, seletivo, complexo, heterogéneo e dinâmico –, verificando-se no uso do léxico e em alguns aspetos sintáticos. A ativação e/ou bloqueio das línguas previamente aprendidas ao nível processual (produção escrita), por parte dos aprendentes marroquinos, depende essencialmente da conjugação de vários fatores, tais como a proximidade linguística, a proficiência, o efeito do estatuto da língua estrangeira e a exposição e uso recente desta. Estes fatores são relevantes para os professores não apenas na compreensão do processo de apropriação de uma língua estrangeira, mas também na sua reflexão e prática didática, sendo que esta deve ter em conta o perfil linguístico dos aprendentes, bem como o seu contexto educativo.

Nesta linha de reflexão, e com base nos resultados obtidos, a comunicação termina com uma reflexão didática contextualizada que, tomando

como referência o conceito de *Noticing Hypothesis*, pretende valorizar a biografia linguística dos alunos e otimizar a sua capacidade metalinguística, aquando da explicação de conteúdos lexicais e gramaticais da língua portuguesa pelo professor, sempre que esta é ensinada posteriormente a outras línguas.

Adma Muhana

(Universidade de São Paulo, Brasil)

Projeto Pensando Goa

Circulação literária entre a Índia e o Brasil durante os séculos XVI, XVII e XVIII: O caso do Arcebispo de Goa, Fr. Inácio de Santa Teresa

Palavras-chave: Circulação literária, Goa, Brasil, Antônio Vieira, Inácio de Santa Teresa.

No interior do Projeto Temático “*Pensando Goa: uma peculiar biblioteca em língua portuguesa*”, tratamos de investigar a circulação literária entre a chamada Índia portuguesa e o Brasil, particularmente durante os séculos XVI a XVIII. Tomamos como ponto de partida os escritos de Fr. Inácio de Santa Teresa, arcebispo de Goa entre 1721 e 1740.

Detentor de inegável saber, Fr. Inácio possuía uma vasta biblioteca, de 197 volumes. Entre eles, merece destaque os do P.^e Antônio Vieira, em especial seus *Sermões* e a *História do Futuro*, assim como a “Apoloogia a favor do Padre Antônio Vieira, de Soror Margarida Inácia”. O arcebispo não somente possuía os livros do jesuíta como fez uso extensivo da obra de Vieira em seus próprios escritos, nomeadamente no *Estado do presente estado da Índia* (manuscrito inédito); na carta de 1727 ao Inquisidor-Geral D. Nuno da Cunha intitulada “Jano Portuense no Templo Humanístico”, e, sobretudo, no impresso *Crisis paradoxo* (1748), editado sem nome do autor. Essa obra evidencia um demorado conhecimento da obra profética de Vieira, tanto da *Historia da Futuro* como da *Clavis Prophetarum*, que corria manuscrita e fora escrita em sua maior parte na cidade de Salvador da Bahia. Um dos principais escritos de polémica de Fr. Inácio, o “Manifesto do procedimento do Arcebispo de Goa contra as muytas falsidades, e calumnias que lhe tem imposto” foi encontrado na mesma cidade de Salvador, onde um anônimo redigiu certas “Reflecoens declarativas do manifesto do procedimento do Arce-

bispo de Goa”, nas quais procede a diversas comparações entre Goa e a capital do Brasil.

Esses textos demonstram que, pelo menos durante o arcebispado de Fr. Inácio em Goa, foi intenso o trânsito de impressos e manuscritos entre a Índia portuguesa e o Brasil; sua obra, além disso, parece paradigmática dessa ampla circulação literária, a qual precisa ser melhor dimensionada e explorada em suas significações.

Alberto Gómez Bautista

(Bolsheiro de Investigação na Fundação Calouste Gulbenkian / CLLC da Universidade de Aveiro)

A língua portuguesa e a ciência; problemas e desafios

Palavras-chave: Língua portuguesa, Ciência, Política linguística, Transferência, CPLP, Tecnologia.

Esta comunicação indaga as relações entre a língua portuguesa e a ciência. Tem como principal objetivo refletir sobre a utilização do nosso idioma no âmbito da produção e divulgação da ciência a nível nacional e internacional e determinar em que medida o recurso à língua portuguesa nos artigos científicos e comunicações tem relação direta com a visibilidade e o impacto da produção científica feita em Portugal.

Analisaremos como o inglês tem vindo a ser privilegiado em Portugal, em detrimento do português, ao nível das instituições científicas como língua para a divulgação da ciência, tanto na oralidade como na escrita. Aprofundaremos as causas pelas quais o português tem vindo a ser preterido a favor do inglês como veículo privilegiado de expressão no âmbito da ciência. Abordaremos sumariamente como é encarada esta problemática noutros países, nomeadamente os que constituem a Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP).

A ciência (e a educação) em Portugal tem evoluído de forma notável desde o 25 de abril de 1974. É cada vez mais evidente o impacto positivo que os avanços científicos e tecnológicos têm na vida das pessoas. Por conseguinte, o presente trabalho quer contribuir para dar resposta a questões tão importantes como estas: Será que faz sentido deixar a língua portuguesa de fora, ou relegada a um papel secundário, no nosso sistema científico e tecnológico? É possível valorizar o nosso sistema educativo

e científico e sermos competitivos a nível mundial sem aproveitarmos as potencialidades (expressivas, geoestratégicas, políticas e económicas) que a língua portuguesa oferece?

Por último, são considerados os discursos oficiais que visam valorizar a nossa língua no plano internacional e a sua aplicação prática (ou ausência dela) nas políticas concretas que têm por objetivo valorizar o idioma de Camões como língua científica internacional.

Alexia Dotras Bravo & Filipa Raquel Santos

(Instituto Politécnico de Bragança / Centro de Literatura Portuguesa)

Filipa Raquel Santos

(Instituto Politécnico de Bragança)

As traduções de Gata Borralheira/Cinderela de Charles Perrault, Irmãos Grimm e Walt Disney

Palavras chave: Tradução / versão, Cinderela, LIJ, Perrault, Grimm, Disney.

Este é um trabalho de investigação realizado no contexto do mestrado de Tradução da Escola Superior de Educação de Bragança (2015-2017) que visa mostrar as traduções e adaptações de diferentes versões de um conto infantil de fadas para a língua portuguesa. Entre as várias versões que existem, os autores que escolhemos foram os clássicos de Charles Perrault e os Irmãos Grimm, por um lado, e as adaptações livres e muito popularizadas de Walt Disney. Neste trabalho foi feita uma análise, em tabelas e por tópicos organizados, dessas diferentes versões e traduções, mostrando as suas diferenças temáticas, linguísticas ou culturais, além daquilo que existe em comum entre elas e que se direciona para o arquétipo literário. Optamos por incluir uma pequena referência ao funcionamento da tradução na literatura infanto-juvenil, pois é uma área muito importante na tradução, visto que os contos infantis refletem uma das melhores maneiras de chegarmos às crianças, mas é também uma das traduções mais difíceis de acometer porque os tradutores têm que se imaginar na pele de uma criança para que a mensagem possa ser bem recebida e ao mesmo tempo ser fiel ao conto e à mensagem original. Por outro lado, foi abordado desde a perspectiva da multiplicidade do

título em português. Por causa de as línguas originais serem o francês e o alemão conseguimos traduções muito fiéis, rigorosas e profissionais, para assim podermos comparar os textos. Finalmente, com este trabalho, podemos ter um pouco a noção do quanto é difícil realizar traduções em locais e épocas diferentes, principalmente infantis, e dos cuidados que necessitamos de ter com algumas questões, nomeadamente a da cultura da língua para a qual estamos a traduzir, sem apagar a cultura da língua de origem, nem esquecer a lição moral acrescentada à LIJ desde os inícios.

Algemira de Macedo Mendes

(Universidade Estadual do Piauí//UEMA, Brasil)

*Paulina Chiziane, uma escrita na sociedade pós-colonial
moçambicana do século XXI*

Palavras-chave: Paulina Chiziane, Literatura Pós-Colonial, Literatura Africana de Língua Portuguesa, Narrativa de autoria feminina, Século XXI.

Este estudo examina as obras da escritora moçambicana Paulina Chiziane, *Niketche, uma história de poligamia* (2004), *O alegre canto da perdiz* (2008) e *Balada de amor ao vento* (1990), à luz das teorias feministas e pós-coloniais de Stuart Hall (2000), Joan Scott (2011) e Spivak (2010), entre outros autores.

Paulina Chiziane, voz transgressiva em meio à produção da literatura pós-colonialista dos países africanos de língua portuguesa, é a primeira mulher a escrever um romance em Moçambique. A autora problematiza, em suas obras, a questão do feminino e o faz com maestria tanto em *Niketche* (2004), como em *Balada de amor ao vento* (1990) e em *O alegre canto da perdiz* (2008). Em *Niketche*, especificamente, desenvolve uma narrativa em que a voz do feminino recupera as histórias da tradição, ressignificando-as. Enfatiza as marcas do discurso da oralidade, e a voz feminina aponta para um questionamento e para a ruptura daquilo que aprisiona e oprime as atitudes e desejos femininos na sociedade moçambicana pós-colonial.

Alice Alcobia

(Agrupamento de Escolas Templários)

Um percurso... um olhar

*O Ensino da Língua Portuguesa e da Língua Cabo-Verdiana:
Emergências e Competências*

Palavras-chave: Aspetos identitários, Literatura, Língua cabo-verdiana, Língua portuguesa, Metodologias de ensino.

Não andarei muito longe da verdade se disser que, de todos os conteúdos dos currículos escolares cabo-verdianos, os ensinamentos das línguas cabo-verdiana e portuguesa tendem a ser objeto de polémica.

É consabido que todo o conhecimento se alimenta para além da curiosidade e do exercício da crítica. Também não é novidade que essa crítica envolve sempre elementos especificamente cognitivos e outros que resultam de posições sociais e políticas. Mas as paixões exacerbam-se e com razão, diria eu, quando se trata da língua cabo-verdiana: bem precioso, potente guardião da identidade nacional, potenciadora do direito ao exercício da cidadania. Também a língua portuguesa ocupa um lugar privilegiado que lhe é conferido pelo seu estatuto de língua oficial, portanto, língua de administração, de escolarização, da comunicação social, da literatura, enfim, tem valor civilizacional e grande poder instrumental.

Na emergência da dicotomia atrás referida, formalizamos a nossa intervenção em dois momentos complementares. No primeiro, justificamos a urgência de um ensino em paralelo da LCV e da LP, numa processologia educativa imbricada em obras literárias e aspetos identitários do país e na adequação dos programas de ensino e concomitantemente na flexibilização dos currículos.

No segundo momento, justificamos a necessidade de espaços (alguns já existentes, tal como o mestrado de Krioulística, da Universidade de Cabo Verde) que envolvam uma comunidade de especialistas de crioulo, de português, de ensino das línguas e de linguistas para desenvolverem uma abordagem aprofundada e clarividente dos mais importantes domínios desta temática.

Concluimos a nossa intervenção, dando a conhecer a mediação da universidade na formação de professores capazes para ensinarem os seus alunos a representarem o mundo na sua língua com base numa análise

ecológica da língua – com rigor, eficácia, correção e, como refere Dulce Pereira, se possível com arte.

Alina Villalva

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

*A (inter)incompreensão de palavras diferentes e de palavras iguais
nas variedades do Português Europeu e Brasileiro*

Palavras-chave: Brasileirismos, Português Brasileiro, Português Europeu, Portuguesismos, Semântica lexical, Variação lexical.

A relação entre falantes do Português Europeu e do Português Brasileiro passa frequentemente por momentos de incompreensão. Alguns resolvem-se com a aprendizagem da outra variedade, sempre motivada por experiências de vida. Encontram-se nesta categoria pares como *autocarro/ônibus* ou *casa de banho/banheiro*, mas também os chamados falsos amigos como *presunto/fiambre/prosciutto*) ou *camisola/camisa de dormir/ malha*, que designam diferentes conceitos nas duas variedades do Português. A especificidade destas palavras ou expressões é aprendida quando necessário, nos contextos de uso relevantes e sempre individualmente.

Há casos mais complexos de ‘interincompreensão’, quando os falantes não suspeitam da existência de um contraste lexical e imaginam outras hipóteses, de entre as quais a mais frequente é a de se tratar de um erro. Numa recente emissão de televisão, um apresentador interrompe a leitura de um teletexto para explicar que o verbo *deslanchar*, que surgiria na frase *a sua carreira deslanchou depois de...*, não fazia sentido. O apresentador tentou demonstrar a inadequação do verbo decompondo-o humoristicamente a partir de *lanchar* e de uma hipotética prefixação em *des-*, desconhecendo que a sua existência no PB, com o valor de *arrancar*, provirá de um empréstimo do Francês (*déclencher*). A identificação deste tipo de casos é mais complexa do que a anterior porque exige não só uma aprendizagem caso a caso, como a aquisição de uma espécie de competência bilingue nas duas variedades.

Este estado de coisas teria há muito justificado uma intervenção política, pelo menos no que diz respeito à integração, nos planos de estudos das disciplinas da área da língua portuguesa, de espaço dedicado ao estudo

da variação lexical. Mas só depois de se promover um levantamento sistemático e tecnicamente controlado que conduza, por exemplo, à criação de uma base de dados lexical contrastiva, de posterior acesso livre. É essa necessidade que aqui venho defender e justificar.

Ana Beatriz Demarchi Barel

(Universidade Estadual de Goiás)

Uma Língua e uma Literatura Brasileiras: a Obra de Milton Hatoum

Palavras-Chave: Milton Hatoum, Imigração, Família, Multiculturalismo, Identidade Nacional, Língua Portuguesa do Brasil.

A obra de Milton Hatoum, autor amazonense nascido numa família libanesa, é portadora de uma das muitas manifestações da língua portuguesa do Brasil. Diversidade linguística de um país de dimensões continentais, a língua portuguesa na obra de Hatoum é encarregada de inúmeras missões, imbricadas, superpostas, interpenetradas. Se, por um lado, ela revela o universo amazonense em toda sua pulsão fluida e aquática, por outro, é testemunho de nosso processo histórico, traduzindo universos multilinguísticos e multiculturais, na representação dos movimentos migratórios intensos do período compreendido entre o final do século XIX e o início do XX, quando milhares de estrangeiros de inúmeras partes do mundo se dirigiram ao Brasil em busca de uma vida melhor e de oportunidades de trabalho digno. Os escritos desse romancista premiado três vezes com o Jabuti, maior reconhecimento literário do país, documentam, igualmente, a História brasileira, contando, na língua de um autor que se deslocou pelo território do Brasil, de Norte a Sul, os acontecimentos que moldaram a identidade nacional do país. Um Oriente amazônico, tupi, árabe, brasileiro, luso. Múltiplo e plural. A riqueza da lusofonia numa de suas mais belas e perfeitas leituras do Brasil. Nosso trabalho privilegiará três de suas obras: *Relato de um Certo Oriente* (1989), seu romance de estreia, *Dois Irmãos* (2000) e *Um Solitário à Espreita* (2013), seu único livro de crônicas, para explicitar a herança da lusofonia na diversidade literária hatoumiana.

Ana Filipa Pinho

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

*A importância do uso das NTIC no ensino de
Português Língua Estrangeira a adultos*

Palavras-chave: Aluno adulto, Aluno cliente, Andragogia, Novas tecnologias, Recursos web, Abordagem comunicativa

No mundo globalizado de hoje, a crescente cooperação internacional tornou urgente a capacidade de comunicar no plano internacional, tendo levado a um aumento de falantes de outras línguas a operarem em Portugal, e com uma grande necessidade de aprender a língua portuguesa. Dentro dessa lógica, quando um aluno com este perfil procura um curso de Português Língua Estrangeira vem com o objetivo de adquirir um serviço que colmate uma necessidade que tem. É importante que o aluno-cliente sinta que o curso vai responder às necessidades que traz e que se ajusta à sua realidade académica ou profissional. Neste sentido, torna-se importante ver este aluno à luz dos preceitos da Andragogia, definida por Malcolm Knowles, como a ciência que estuda a educação para adultos, com a finalidade de procurar uma aprendizagem centrada no desenvolvimento de competências.

Consequentemente, estamos diante de alunos pertencentes a uma sociedade do conhecimento, da informação, com novo formato de receber e transmitir informação, e de uma busca interminável de conhecimento.

Neste trabalho, deter-me-ei, num primeiro momento, no perfil deste aluno adulto, geralmente motivado por necessidades profissionais e ou académicas; num segundo momento, proponho-me fazer uma reflexão sobre a importância do uso das NTIC no ensino de línguas a adultos, na medida em que as Novas Tecnologias podem prover recursos que tornam a sala de aula num ambiente cada vez mais ligado ao mundo de cada aluno, mais interativo, mais diversificado e, consequentemente, que atrai mais os alunos. Aliada à visão do aluno adulto cliente, a exploração da Web ganha ainda maior importância e relevo dado que oferece ao professor um recurso extra, permitindo a utilização materiais autênticos e permitindo aos alunos a prática, em contexto real, dos conteúdos que são trabalhados nas aulas.

Ana Rita Carrilho

(Universidade da Beira Interior)

Ensino de estratégias de aprendizagem de vocabulário em Português Língua Estrangeira

Palavras-chave: Aquisição de língua, Aprendizagem estratégica, Estratégias de aprendizagem.

Aprender uma língua em contexto formal prova ser, muitas vezes, insuficiente no cumprimento das necessidades e expectativas de quem se propõe a fazê-lo, não sendo raros os casos daqueles que consideram ser fundamental a aprendizagem de vocabulário, sobretudo quando se encontram em níveis de iniciação à língua.

Neste contexto, a apresentação e o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem de forma explícita e reconhecível pode conduzir os alunos a desenvolvê-las por si próprios, potenciando que a aprendizagem se dê para lá das paredes da sala de aula.

Traz-se à colação um trabalho desenvolvido em 2012 no contexto de ensino de Português Língua Estrangeira, num curso intensivo de iniciação, lecionado na Universidade Técnica de Białystok (Polónia). Neste estudo, que tem por base a classificação de estratégias diretas de aprendizagem proposta por Oxford (1990), são apresentadas as estratégias promovidas pela professora ao longo do referido curso, quais foram as que os alunos revelaram desenvolver fora da sala de aula e, por fim, expõe-se o quanto os resultados então apurados influenciaram a promoção de uma ação estratégica num curso intensivo lecionado no mesmo contexto no ano subsequente.

Andrés José Pociña López

(Universidad de Extremadura, Espanha)

Os crioulos de base portuguesa no âmbito da lusofonia: relações linguísticas e património cultural lusófono nos territórios de língua crioula

Palavas-chave: Crioulos de base portuguesa, Língua Portuguesa, Lusofonia, Património Linguístico e Cultural, Diglossia, Sociolinguística.

Falar de idiomas crioulos de base portuguesa é falar de *idiomas* propriamente tais, e não de *dialetos*, ou variantes diatópicas, do idioma português. Ora, sendo assim, parece-nos perfeitamente legítima uma discussão a propósito da “lusitanidade” (ou pertença à Lusofonia) dos espaços onde, no mundo, se falam crioulos de base portuguesa, tendo em vista a definição de Lusofonia como sendo o conjunto de territórios, no mundo, onde se fala *português* (*id est*, onde o *idioma português* é falado). É bem certo que, em alguns dos espaços geográficos onde se falam crioulos, o português é também uma língua oficial, falada, ou usada em mais ou menos âmbitos sociolinguísticos (educação, literatura, oratória...), não sendo poucos os países ou lugares do mundo onde se verifica um bilinguismo, ou diglossia, português/ crioulo (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau). Há porém territórios onde se falam (ou “sobrevivem”, nem sempre nas melhores condições) crioulos de base portuguesa, mas não se fala português. É claro que estes territórios não são propriamente “Lusofonia”, segundo a definição antes dada deste termo; porém, não é menos claro que nestes territórios se conserva, através do léxico crioulo de origem portuguesa, um património linguístico “lusíada”, às vezes, desaparecido no próprio idioma português. E, de facto, também os crioulos falados nas zonas de diglossia têm preservado um material linguístico desaparecido no português (pelo menos nas suas variantes *standards* ou *padrões*). A minha proposta de comunicação visa o estudo dos crioulos como repositórios de um certo material linguístico português “à margem da Lusofonia”, tentando ao mesmo tempo procurar vias para esclarecer o assunto, nem sempre fácil, da relação dos crioulos de base portuguesa com a Lusofonia.

Angelina Comé

Josefina Ferrete

Tomásia Mataruca

(FCLCA, Universidade Pedagógica, Moçambique)

O Ensino do PLE em Moçambique: Referências

Palavras-chave: Ensino do PLE, Materiais didácticos, Língua e cultura.

Ensinar uma língua é mais do que ensinar palavras, ensinar a construir frases e as regras gramaticais, é, acima de tudo, ensinar os significados culturais existentes em cada uma dessas palavras e em cada uma des-

sas frases, isto é, propiciar aos alunos/aprendentes dessa língua a vivência dos valores culturais veiculados linguisticamente em contextos reais de comunicação.

Estudiosos como Baker (2015), Holliday (1994; 2005), Hurst (2014), Kramsk (1993) e Sowden (2015) discutem aspectos relacionados com a cultura e a língua, mostrando que ensinar uma língua é também ensinar a cultura dos falantes da língua alvo e, por isso, os materiais didácticos devem espelhar a cultura do povo e do mundo, o que nos conduziu a colocar as seguintes questões:

- Que tipo de materiais são usados para suportar o ensino do PLE?
- Que aspectos culturais são abordados nos manuais usados para ensinar PLE em Moçambique?
- Será que os materiais usados abordam aspectos relacionados com a cultura moçambicana?

A partir dessas questões definiram-se os seguintes objectivos: (i) Identificar, seleccionar e distinguir os materiais usados no ensino do PLE, nas escolas moçambicanas; (ii) Identificar algumas unidades e descrever os conteúdos ou tópicos, de acordo com a área vocabular; (iii) Analisar os aspectos culturais de algumas unidades didácticas, relacionando-os com as temáticas e a abordagem lexical.

O estudo feito revela que os materiais usados para o ensino do PLE são, predominantemente, feitos em Portugal e predominam aspectos da cultura portuguesa, não contribuindo, deste modo, para ensinar os valores culturais moçambicanos.

Ao longo da comunicação, demonstrar-se-á como os conteúdos das unidades seleccionadas não contribuem para o ensino o efectivo do Português em Moçambique.

Antónia Estrela

(Escola Superior de Educação de Lisboa/ Centro de Linguística da UL)

Sandra Antunes

(Centro de Linguística da UL)

A sufixação num corpus de aquisição de PLE/L2

Palavras-chave: *Corpus* de aprendizagem, Português língua estrangeira, Português língua segunda, Derivação, Sufixação, Nominalização.

O objetivo deste trabalho é descrever alguns dados relativos à ocorrência de nomes formados por sufixação num *corpus* de aquisição de português língua estrangeira (LE) / língua segunda (L2), o COPLE2. Este *corpus*, em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, engloba dados de produção oral e escrita de alunos estrangeiros que estão a aprender português LE/L2, e de candidatos a exames de proficiência de nível de língua (Antunes *et al.*, 2014). A presente análise recairá sobre dados de produção escrita de alunos de diferentes níveis de proficiência (de A1 a C1), cujas línguas maternas são o inglês, o espanhol, o francês e o italiano. A seleção destas 4 línguas justifica-se por ser nosso intuito realizar uma análise interlínguas contrastiva (Granger, 1996) e verificar se a L1 dos alunos tem um papel relevante no que respeita à aprendizagem da sufixação em português. Incidiremos, portanto, na formação de nomes que apresentam sufixos diferentes daqueles que ocorrem em português europeu.

O uso de um sufixo diferente do que é utilizado pelos falantes nativos pode ter diferentes explicações, como a interferência de uma palavra da L1/L2 (‘Europeanos’ (do inglês *Europeans*), ‘pertenencia’ (do espanhol *pertenencia*), a aplicação de uma dada regra de formação de palavras (‘namoramento’ (espanhol L1), ‘patriotista’ (inglês L1), erros ortográficos (‘miradoio’ (espanhol L1), modernizar (inglês L1), entre outras (Mendes *et al.*, em prep.).

Interessa-nos identificar erros que possam resultar de transferências da L1 ou de outras línguas anteriormente aprendidas (Jarvis, 2000; Pinto, 2012) e verificar se há mais produtividade na utilização de determinados sufixos.

Estudos recentes mostram que a língua materna tem uma forte influência no modo como a língua estrangeira é aprendida (Paquot, 2013). Assim, uma tomada de consciência dos efeitos de transferência por parte dos professores potenciará a adoção de estratégias de ensino mais adequadas.

Referências

- Antunes, S., A. Mendes, A. Gonçalves, M. Janssen, N. Alexandre, A. Avelar, A. Castelo, I. Duarte, M. J. Freitas, J. Pascoal & J. Pinto. (2014). “Apresentação do Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda – COPLE2”. *Textos Seleccionados do XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto, Portugal, pp. 77-87.
- Granger, S. (1996). “From CA to CIA and back: An integrated approach to computerized bilingual and learner corpora”. In Aijmer, K., Altenberg,

- B. and Johansson, M. (eds.). *Languages in Contrast. Text-based cross-linguistic studies*. Lund Studies in English 88. Lund: Lund University Press, pp. 37-51.
- Jarvis, S. (2000). "Methodological rigor in the study of transfer: Identifying L1 influence in the interlanguage lexicon". *Language Learning* 50(2), pp. 245-309.
- Mendes, A., A. Estrela, M. F. Bacelar do Nascimento, L. Pereira, S. Antunes. (em prep.). "New words, old suffixes: Nominal derivation in the African varieties of Portuguese compared to European Portuguese". In Muhr, R., Duarte E., Mendes, A., Negre, C. & Testa, J. (eds.). *Pluricentric Languages and non-dominant Varieties worldwide: Pluricentric Languages across continents - Features and usage*. Wien et. al., Peter Lang Verlag.
- Paquot, M. (2013). "Lexical bundles and L1 transfer effects". *Language Learning and Technology* 14(2), pp. 30-49.
- Pinto, J. (2012). "Transferências lexicais na aquisição de português como língua terceira ou língua adicional. Um estudo com alunos universitários em Marrocos". *Diacrítica*, 26/1, Language Sciences, pp. 171-187

António Graça de Abreu

(DCSPT, Universidade de Aveiro)

Li Bai, Du Fu, Wang Wei, Bai Juyi,

traduzir os maiores poetas da China, criação, reinvenção e rigor

Palavras-chave: Tradução, Poesia, Poetas chineses, Criação, Reinvenção, Rigor.

É possível traduzir poesia? Jorge Luís Borges, que não acreditava em dicionários porque "podem levar-nos à ilusão que as línguas são traduzíveis", defendia justamente que "quando se trata de emoções, uma linguagem é uma maneira especial de sentir o universo". Para Ortega e Gasset "cada língua é uma equação diferente entre manifestações e silêncios. Daqui a enorme dificuldade da tradução".

A presente comunicação aborda os desafios que se podem associar à tradução de poesia chinesa para português com base numa reflexão sobre a experiência do autor, que, durante anos, experimentou a impossibilidade e a possibilidade da tradução. O artigo revela a importância do apoio de

traduções inglesas e francesas, tantas vezes fundamentais para conseguir entender, organizar e dar sequência ao discurso poético chinês. Embora a leitura e procura do difícil entendimento do poema no original chinês seja sempre preponderante, é de considerar que o conhecimento das boas traduções inglesas, francesas e até alemãs, sobretudo as bilingues, constitui uma ajuda importantíssima na compreensão de caracteres de significado dúbio ou obscuro, na própria ordenação dos versos. O poema na língua chinesa é sagrado, mas torna-se necessário “dessacralizar o sagrado” para o transformar num poema em língua portuguesa.

No essencial, trata-se sempre de procurar um equilíbrio entre a necessidade de se ser fiel ao original chinês e de se criar um poema que soa bem em português, o que jamais é fácil porque o poema já não está construído utilizando-se todos os complexos andaimes que o estruturam na língua chinesa, mas sim as ferramentas de uma outra língua, neste caso, a língua final de chegada, a portuguesa. Estamos diante de um “outro”, um outro poema. E aí entram por completo as múltiplas ajudas e a arte do tradutor, se considerarmos que a tem.

António José Marques Martins

(Agrupamento de Escolas de Santa Marta de Penaguião, Vila Real)

A potencialidade literária e didática de autores africanos em Língua Portuguesa, o caso especial de Mar-me-quer, de Mia Couto

Palavras-chave: Literatura, Lusófonos, Potencialidades, Leitura, Ensino básico.

Os novos autores africanos em Língua Portuguesa apresentam um forte comprometimento com o real empírico, apoiados numa imaginação alimentada na sensibilidade, na inovação e na transfiguração: os mundos literários destes autores instituem espaços dialógicos e críticos em que somos “brindados” com a fantasia, o sonho e o prazer de ler e sentir.

Nestes tempos difíceis que vivemos, a fantasia permite que as crianças cresçam mais felizes. De facto, o modo como a literatura mexe com o imaginário das crianças, permite que estas tenham acesso a outros mundos que não o quotidiano.

Os autores africanos em Língua Portuguesa apresentam um conjunto de textos, sobretudo “contos”, mas também algumas crónicas e textos

líricos que refletem o imaginário das culturais ancestrais e míticas. Ao mesmo tempo que recusam o mundo estereotipado, apresentam uma nova estratégia que leva os leitores a procurar o que está oculto nas mensagens, uma “verdade secreta”, a descoberta do “não dito”, que permite o despertar da sua consciência e da sua capacidade de intervenção no tecido social que a rodeia.

Deste modo, é nossa convicção de que existe um manancial de qualidade didática na leitura de autores africanos em Língua Portuguesa, sobretudo, no que diz respeito à possibilidade inequívoca de estes textos desenvolverem a imaginação e criatividade dos alunos, ao mesmo tempo que ajudam a construir a personalidade da criança/jovem, o seu sentido crítico e as suas estruturas cognitivas. Desta forma, os jovens leitores poderão estabelecer uma ponte entre o real e o imaginário, ficam abertos a novos horizontes culturais, integram-se nos problemas da sociedade que os rodeia. Em suma, é possível promover uma abordagem intemporal, transgeográfica e transcultural da literatura e sua didática.

Neste contexto, apresentamos uma adaptação feita por alunos do 2.º CEB da novela *Mar-me-quer* de Mia Couto, prova inequívoca das potencialidades, descritas anteriormente, dos autores africanos de Língua Portuguesa.

António Manuel Ferreira

(DLC/CLLC; Universidade de Aveiro)

Derivas religiosas de Fradique Mendes

Palavras-chave: Eça de Queirós, Fradique Mendes, Religião, Deus.

As questões religiosas estão inscritas em vários lugares da narrativa queirosiana, em defluência de variados propósitos do escritor. Assim, por exemplo, a história de beatas e padres pecadores, que estrutura o romance *O Crime do Padre Amaro*, é, em princípio, muito diferente da exaltação lírica que encerra o conto “Adão e Eva no Paraíso”; e o verdadeiro êxtase de Jacinto, fortalecido pela energia do seu autorreconhecimento em *A Cidade e as Serras*, também diverge do capítulo central do romance *A Relíquia*. As derivas religiosas de Fradique Mendes são apenas mais uma prova do interesse de Eça de Queirós pela reflexão acerca de Deus.

António Moreno

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Quanta gramática tem um jornal?

Palavras-chave: Texto jornalístico, Estruturas gramaticais, Descrição, Ensino.

A capacidade de ler e de compreender um jornal constitui um patamar de competências no processo de ensino e aprendizagem de uma língua materna ou segunda. Como ilustração, note-se, por um lado, que os manuais escolares de português dos ensinos básico e secundário em Portugal recorrem frequentemente ao texto jornalístico como material de leitura e compreensão linguística e cultural e, por vezes, também como material de reescrita; por outro lado, o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas inclui a capacidade de ler um jornal (textos simples e familiares) logo nas competências de leitura/compreensão dos níveis A2 e B1.

Porém, o texto jornalístico não corresponde a um género textual específico, mas antes a um conjunto de géneros múltiplos que mobilizam conhecimentos e competências diversas. Assim sendo, e apesar desta multiplicidade textual, será possível identificar um conjunto de competências gramaticais no domínio de uma língua que se possam entender como fundamentais para a leitura/compreensão de um jornal? Esta comunicação tentará, no âmbito do português europeu, responder a esta pergunta.

Para isso, recorrendo a *software* de concordâncias e de estatística vocabular e a um *corpus* constituído por números do jornal Público será feita a descrição dos recursos gramaticais mobilizados neste periódico.

Tal descrição pretende, num primeiro momento, identificar globalmente os vocábulos e estruturas gramaticais e determinar a sua frequência. Num segundo momento, será apresentada uma descrição mais desenvolvida nos seguintes domínios gramaticais: pronomes pessoais nas formas tónicas e átonas; tempos verbais simples e complexos; conjunções e locuções conjuncionais na relação com a frase complexa.

A metodologia adotada é fundamentalmente descritiva e os resultados obtidos podem constituir um instrumento produtivo nas áreas de conhecimento textual e no ensino da língua.

Barbara Lito
(CAPES/CRIA-IUL)

*Mouros na costa:
recriações narrativas na travessia do Atlântico*

Palavras-chave: Mouros Míticos, Atlântico, Degredados, Piratas, Chegança, Encantaria.

A expulsão dos mouros estabelecidos na Península Ibérica, desde princípios do medievo, não é o fim da história dos mouros imaginários, mas o começo. Foi a partir desse episódio que o mouro se converte em uma espécie de fantasma que se espalha por todo território peninsular e que acaba cruzando o Atlântico, numa travessia mais que geográfica: cultural e mítica. No “Novo Mundo, foi capaz de conjugar muitos elementos importantes em um só personagem, feito, no entanto, de múltiplos rostos e histórias.

No Brasil, esse processo pode ser pensado de forma fértil a partir da ótica de manifestações narrativo-performáticas do universo *cultural popular brasileiro* em que se dançam, cantam, contam e representam histórias, mitos e crenças compartilhados. Algumas dessas manifestações são tão antigas que acompanham a própria história e desenvolvimento do país. O ambiente de travessia do Atlântico, com suas ilhas e com embarcações ‘perdidas’ num espaço repleto de piratas, degredados, marinheiros, estrangeiros de diversas procedências, contendidas e batalhas navais é cenário para a descrição de alguns desses personagens mouros, mitificados em solo brasileiro, e de que iremos tratar nesta apresentação.

Belmiro Fernandes Pereira
(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Para uma retórica do ver e ouvir na Peregrinação de Fernão Mendes Pinto

Palavras-chave: Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, Humanismo, Retórica, Jesuítas.

Recorrerá o ‘pobre de mim’, peregrino por antonomásia dos mares da Língua Portuguesa, a exercícios de (re)conhecimento típicos da pedagogia quinhentista? Espera-se que uma reflexão sobre os processos de

‘composição de lugar’ e sobre o uso público da palavra na *Peregrinação* possa contribuir para reequacionar a questão do humanismo de Fernão Mendes Pinto.

Bianca do Rocio Vogler

(Universidade de Coimbra)

*O narrador de Eça de Queiroz na minissérie
de Maria Adelaide Amaral e Luiz Fernando Carvalho*

Palavras-chave: *Os Maias*, Narrador, Personagem, Focalização interna, Voz em *off*, Afonso da Maia.

O trabalho relacionado à temática das adaptações audiovisuais de textos literários tem-se pautado cada vez mais nos aspectos relativos aos meios artísticos em que os textos são construídos, sendo deixada de lado uma visão focada em uma compreensão de “fidelidade” erroneamente estabelecida e fixada em uma percepção hierárquica entre literatura e cinema/televisão. Nesse sentido, no artigo que aqui apresento, busco observar de que forma se dá a adaptação do recurso da focalização interna do romance *Os Maias*, de Eça de Queiroz, para a minissérie homônima, exibida pela Rede Globo de Televisão, no ano de 2001, tendo como roteirista Maria Adelaide Amaral e como diretor Luiz Fernando Carvalho. Assim, busco compreender o modo como os autores da adaptação televisiva se voltam para um modo de narração e de construção de personagens muito característico da obra eciana, contudo utilizando-se dos mecanismos próprios à linguagem dos meios audiovisuais. Para tanto, faço uma abordagem relativa à questão do narrador eciano, partindo do livro de Carlos Reis, *Estatutos e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*, para, posteriormente, analisar de que modo Maria Adelaide e Luiz Fernando se utilizam do artifício da voz em *off* como uma alternativa ao narrador eciano, principalmente no que diz respeito à questão da focalização interna que se apresenta como uma característica essencial da sua escrita e do seu processo de composição de personagens. Dessa maneira, os autores coadunam tal artifício com os demais recursos imagéticos que possuem nos meios audiovisuais. Nesse sentido, nos focamos no modo como tal composição se dá relativamente à personagem Afonso da Maia, sendo esta a que ganha um maior destaque na obra televisiva, principalmente no que se refere a esse recurso narrativo.

Bruna Trindade Lima Santos
(FSCH/ Universidade Nova de Lisboa)

O português “com açúcar” ou uma língua brasileira

Palavras-chave: Português Brasileiro, Socio-história da Língua Portuguesa, Ensino, Variação Linguística, Prática Docente e Ideologias linguísticas.

Mattos e Silva (2008) afirma que a separação entre o Português Brasileiro e o Português Europeu é objeto de especial atenção e nem sempre simples de estudar; no entanto, é provável que sejam, na verdade e ao contrário do que pensam os defensores da unidade lusófona, poucos os que não se interessem por tal fenômeno, pelo que “vem sendo uma empresa de muitas décadas e de muitos estudiosos”. A delicada questão que se instala na atribuição do estatuto de língua à variedade brasileira da língua portuguesa era tema das discussões de alguns escritores como Monteiro Lobato, que, já em 1920, afirmava que essa separação era, na verdade, uma evolução. Por outro lado, Barreto (1980, p. 357) afirmava que “a língua portuguesa no Brasil é diferente e errada, mal falada, em relação à falada em Portugal, e alguns fatos dessa imperfeição se devem ao contato, aqui havido, com os idiomas africanos e indígenas”. Percebemos, no entanto, que a defesa por uma *língua brasileira* permeiam muitas questões ideológicas e políticas e refletem uma realidade linguística bem complexa. Assim, sustentados nas discussões de Antunes (2003), Possenti (1996), Travaglia (1996), Geraldi (2004), Bakhtin/Volochínov (2006) e Orlandi (2005), objetivamos discutir sobre as ideologias linguísticas que norteiam o estatuto do PB e como estas influenciam nas concepções de linguagem usadas na prática docente.

Bruno Anselmi Matangrano
(Universidade de São Paulo (USP) / CNPq)

*Notas de um Bestiário Simbolista:
inovação e tradição na representação animal*

Palavras-chave: Bestiário, Representação animal, Poética simbolista, relações Portugal-Brasil-França.

Dentre os grupos de imagens mais representativas para a poética simbolista, destacam-se as de animais tanto por sua representatividade, quanto por sua carga simbólica e diálogo com a tradição. Desde suas origens francesas, o simbolismo inovou ao propor releituras bastante diferentes de imagens anímicas tradicionais, como o cisne, o gato, o verme, o corvo, muitas vezes invertendo-lhes a simbologia do senso comum ou simplesmente atribuindo-lhes significados totalmente inéditos. À medida que floresceu em outros países, sobretudo, em Portugal e no Brasil, onde mais se desenvolveu fora dos domínios francófonos, novas imagens somaram-se às importadas da França e Bélgica, já típicas do movimento; no entanto, apesar da diversidade da fauna local, sobretudo no que diz respeito ao Brasil, as imagens que compõe o bestiário simbolista permanecem praticamente as mesmas, nas quais se destacam aves tipicamente europeias como corvos e rouxinóis, seres fantásticos da tradição ocidental, como faunos e esfinges, animais domésticos e toda a sorte de seres repulsivos, como sapos, vermes, serpentes, herdados do ultrarromantismo, no qual a literatura de horror floresceu. Por meio do estudo comparatista dessas imagens, o presente trabalho pretende demonstrar como os simbolismos português e brasileiro dialogam entre si por compartilharem a mesma língua (ainda que guardadas suas especificidades locais), e em que medida compartilham a herança imagética das matrizes de língua francesa, para mostrar como o bestiário simbolista, bem como todo o seu rol imagético, se constrói de acordo com as convenções do movimento, em detrimento de cor local ou nacionalismos, cumprindo o ideal cosmopolita e transcendente esperado e defendido pelo movimento, ainda que, por vezes, haja *nuances* específicas significativas que demarcam as diferentes nacionalidades de seus autores.

Caio Cesar Esteves de Souza

(Universidade de São Paulo e Universidade Nova de Lisboa)

Entre a espada e a pena: Violência de Estado e poesia nas celebrações da inauguração da Estátua Equestre de D. José I

Palavras-chave: Violência, Estado pombalino, Alvarenga Peixoto, Estátua equestre, Colonialismo, Século XVIII.

Pretendemos, com esta apresentação, discutir as relações entre a política do Estado Pombalino e a poesia produzida a partir do mecenato por ele

desenvolvido. Elegemos como recorte histórico específico as celebrações da inauguração da Estátua Equestre de D. José I, em 1775, que mobilizaram a capital do Império e expressaram artisticamente – por meio de alegorias descritas em folhas volantes do período, que analisaremos na apresentação – a forma do Estado Pombalino lidar com suas colônias em outros continentes. Discutiremos os mecanismos por meio dos quais essa arte visual alegoriza a violência de Estado, partindo sempre de *ekphrasis* com circulação significativa como folhas volantes durante a segunda metade do século XVIII. Em seguida, mostraremos como o poeta colonial luso-brasileiro, Inácio José de Alvarenga Peixoto, sumariza essas longas celebrações em seu soneto “América sujeita, Ásia vencida”, escrito em homenagem à estátua e, evidentemente, ao Marquês de Pombal e ao próprio rei, D. José. A base teórica da apresentação parte dos estudos de Manuel Rodrigues Lapa (1960), Ivan Prado Teixeira (1999) e João Adolfo Hansen (2006) sobre Alvarenga Peixoto, Mecenato Pombalino e *Ekphrasis*, respectivamente.

Carlos Ascenso André

(Instituto Politécnico de Macau e Universidade de Coimbra)

Ensino do Português na China: perspectivas e constrangimentos

Palavras-chave: Português Língua Não Materna, Políticas de Língua, China, Macau.

Nos últimos dez anos, o ensino do Português na República Popular da China conheceu um aumento exponencial, verdadeiramente imprevisível há uma dúzia de anos atrás: aumento do número de universidades que oferecem programas de graduação em Português e bem assim daquelas que oferecem o Português a título opcional, aumento invulgar do número de estudantes e, *ipso facto*, aumento do número de docentes. Hoje, o Português está presente numa vasta mancha do território da RPC, de Norte a Sul, entre o centro e o litoral, e começa a alastrar ao interior Oeste. Este crescimento inusitado não acontece, obviamente, sem problemas, fragilidades, riscos e comporta desafios vários; uns e outros (os problemas e os desafios) reclamam respostas eficazes e a curto prazo, as quais só podem ser dadas em estreita cooperação entre Portugal e quem, mais de perto e dentro de território chinês, reúne condições para tanto. Cabe a Macau um papel determinante e iniludível nesse processo.

Pretende-se, com esta comunicação, olhar o ritmo de crescimento do sistema de ensino do Português na China, em particular no ensino superior, refletir sobre as fragilidades e constrangimentos desse crescimento e sobre as necessidades do sistema e seus agentes (os docentes) e apontar algumas soluções e estratégias para o futuro próximo.

Carlos Reis

(Universidade de Coimbra)

Diversidade e cânone literário: cinco teses

Palavras-chave: Diversidade, Cânone, Pós-colonial, Língua portuguesa, Instituição literária.

A minha intervenção desenvolver-se-á a partir de três questões articuladas entre si: 1) a situação da língua portuguesa como idioma em contexto pós-colonial; 2) a questão da diversidade como tendência com motivações sociolinguísticas, ideológicas e políticas; 3) a questão do cânone literário e dos seus condicionamentos.

Se a questão da diversidade envolve as motivações referidas, ela pode ser ponderada também pensando em cenários emergentes no tempo histórico pós-colonial. Mas aquela questão não se afasta de outros fatores determinantes: o ensino e os seus referentes normativos, o papel do Estado, os envolvimento socioletais e dialetais, designadamente em situações de diglossia.

É em função destes pressupostos que se coloca o problema do *cânone literário*, das interrogações e das subversões que ele inspira. Que sentido faz falar em cânone literário em universos culturais de conformação pós-colonial? E como se posiciona, mesmo do ponto de vista valorativo, a postulação do cânone relativamente à língua que foi a do colonizador? Como se equaciona a questão do cânone literário, se se considera o lugar ocupado por outras línguas, sobretudo quando se encontram na situação de língua materna ou primeira? Por fim: a formação de um cânone literário depende (ou é limitada) por instrumentos de institucionalização, ainda em formação?

As cinco teses sobre diversidade e cânone literário serão formuladas como proposições cuja demonstração pressupõe a possibilidade da sua contestação.

Cheng Cuicui

(Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian – China, IC-UA)

*Propostas curriculares de intervenção pedagógica cultural
para os diferentes percursos no ensino do português a alunos chineses*

Palavras-chave: Intervenção pedagógica, Metodologia tradicional, Abordagem comunicativa.

Como a metodologia tradicional é tratada como um método que resiste ao teste do tempo na realidade do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na China, esta ainda é a mais aplicada durante o ensino da fase básica. De acordo com as orientações da metodologia tradicional, divide-se todo o processo do ensino do português como língua estrangeira a alunos chineses na China em quatro tipos de disciplinas no desenho curricular dos cursos de diferentes níveis: Português Elementar para desenvolver as competências linguísticas básicas (ouvir, falar, ler e escrever) – pronúncia, regras gramaticais, conhecimentos lexicais, estruturas das frases; Aulas de Laboratório para desenvolver a habilidade de compreensão oral e expressão oral (ouvir e falar), com materiais vídeo e áudio; Aulas de Leitura para desenvolver a habilidade de compreensão escrita (ler), com textos apresentados nos livros didáticos ou textos literários; Aulas de Tradução para desenvolver a habilidade de escrita e tradução (escrever e traduzir) com os materiais autênticos. O trabalho tem como objetivo analisar as propostas curriculares de intervenção pedagógica cultural para os diferentes percursos no ensino do português a alunos chineses.

Cláudia Mendes Silva

Maria Helena Ançã

(Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro)

*Fonias Lusas ou Lusofonias: perceções de
estudantes do Ensino Secundário Profissional*

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Ensino de Português, Perceção de alunos, Lusofonia, Variedades, Potencial da língua.

Atendendo ao lugar que atualmente ocupa a Língua Portuguesa (LP) no Mundo (Reto, 2012) e o crescente interesse na sua aprendizagem (Laborinho, 2012), é importante contribuir para uma consciencialização mais efetiva desta realidade junto dos alunos das nossas instituições de Ensino Básico e Secundário.

Nesta perspetiva, realizou-se um estudo numa turma de Português do 10º ano, do Ensino Secundário (Curso Profissional de Técnico de Comércio), numa escola em Aveiro, com 12 alunos portugueses e 3 angolanos. Para o efeito, o estudo desenhou-se em três fases, correspondentes às seguintes etapas: i) *Peddypaper* sobre Lusofonia, com o objetivo de valorizar o contacto com outras variedades da LP; ii) Inquérito por questionário, no qual se pretendeu identificar os conhecimentos e perceções dos alunos no que se refere à cosmovisão da LP, às suas variedades, ao papel desempenhado pelo ensino da língua, quer em termos pessoais, quer em termos profissionais; iii) Sessão de sensibilização “Fonias Lusas”, promovendo um espaço de reflexão e de desconstrução de pré-conceitos encontrados na fase ii.

Os resultados apontam para um desconhecimento das línguas do mundo e para o lugar ocupado pela LP nesse contexto. Para além disso, estes estudantes revelam uma visão eurocêntrica da LP, negligenciando as restantes variedades geográficas e culturais, o que poderá justificar a pouca importância (e crença) da LP, tal como encontrado no estudo de Ançã (2015). Por fim, relativamente ao ensino da língua, em termos pessoais, atribuem-lhe algum reconhecimento, sobretudo a nível estético-afetivo; no domínio profissional, este reconhecimento é mais evidente, quando estes estudantes afirmam a necessidade de uma boa comunicação e argumentação na sua prática profissional futura.

Cleide Inês Wittke

(Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil)

Jossemar de Matos Theisen

(International Student Organisation Wageningen, Wageningen, Holanda)

*Abordagem do ensino e da aprendizagem de
português como situação comunicativa*

Palavras-chave: Língua portuguesa, Ensino, Aprendizagem, Texto Interacionismo sociodiscursivo, Projetos.

Ensinar português: uma tradição cuja necessidade é inquestionável. Certamente que o ensino de português deve ocorrer nas escolas brasileiras e também no meio universitário, já que essa é a língua oficial do Brasil (materna) e é por meio dela que nos comunicamos, ou seja, interagimos com o outro que nos cerca, nas diferentes esferas sociais (Bakhtin, 1992). Assim como podemos dizer que a importância desse ensino é inquestionável, também podemos afirmar que tanto a escolha dos objetos de ensino quanto o modo de abordá-los precisam ser questionados e constantemente ajustados a cada realidade social, levando em conta os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 1999) e elementos da cultura nacional e local (Brait, 2002). Por definir a língua como um processo de interação verbal (Bronckart, 2012), elegemos o texto, ou o gênero de texto, conforme determinam Schneuwly & Dolz (2009, 2010), como objeto a ser trabalhado em aula. Defendemos também a abordagem do texto sob uma perspectiva sociointeracionista (Machado, 2005; Cordeiro, 2007), investigando os elementos textuais, enunciativos, pragmáticos, discursivos e linguísticos que o legitimam como uma intenção comunicativa (Marcuschi, 2002, 2008; Koch e Elias, 2010). Nessa perspectiva, o presente artigo reflete sobre a realidade do ensino de língua nas escolas brasileiras, buscando apontar perspectivas conceituais e didáticas que possam melhorar a qualidade dessa prática não somente no nível básico, mas também no contexto acadêmico. Acreditamos que o diálogo entre professores formadores de docentes e os professores do ensino básico seja um caminho promissor (Wittke, 2012; 2015). Essa interação pode ser concretizada por meio de palestras, seminários, oficinas e eventos afins, bem como através de projetos elaborados em conjunto e com objetivos comuns, voltados à qualificação do processo de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa, nos mais variados contextos sociais.

Cristiane Werlang

(Universidade de Coimbra – Bolsa CAPES/BR)

*As Máquinas de Cena do TeatrO Bando:
espaços rítmicos potenciais*

Palavras-chave: Atuação, Musicalidade, Máquinas de Cena, Espaços Rítmicos, TeatrO Bando, Dramatografia.

Procura-se observar, no grupo de teatro português O Bando, as potencialidades criativas para a atuação teatral das Máquinas de Cena, especificamente a do espetáculo *Jangada de Pedra*, de José Saramago, encenado pelo grupo em 2013. Argumenta-se que a Máquina de Cena, um cenário-dispositivo dramatúrgico com o qual e no qual os atores se relacionam ao longo da peça, produz espaços-tempos que dão suporte a uma atuação de característica musical, sendo o ritmo um dos elementos mais salientes. Busca-se referências na pedagogia da atuação de Adolphe Appia, encenador e cenógrafo suíço que criou, no início do século XX, uma série de espaços que ofereciam constrictões e obstáculos ao ator, chamados de Espaços Rítmicos. Procura-se lançar um olhar sobre a prática dramatográfica d'O Bando como suporte para a pedagogia da atuação no viés da musicalidade.

Daniel Cruz Fernandes

(Universidade de Coimbra)

Apontamentos sobre a teoria da literatura de viagens

Palavras-chave: Literatura de viagens, Gênero literário, Teoria literária, Periodização, Literatura portuguesa, Portugal.

É conhecido o papel da literatura de viagens como testemunho histórico do processo expansionista português desde meados do século XV. Por tais relatos, todo um novo imaginário se instaura ontologicamente no seio da cultura portuguesa – para restringirmos a nossa abordagem –, ao sabor de um conjunto semântico que, revisto incessantemente ao longo do tempo, tece uma das linhas de força fundamentais para a noção de identidade do país. Entretanto, a sua natureza pluridiscursiva, hesitante no que respeita às fronteiras entre a realidade e a ficção, culmina na dificuldade de tangenciar a estrutura desse gênero literário, isso se gênero literário for. Propomo-nos com esta comunicação a discutir a literatura de viagens, sob o seu aspecto teórico, a partir de duas linhas de raciocínio fundamentadas tanto pela sua periodização, ou seja, se de fato só é lícito pensá-la em determinados períodos históricos (Seixo 1998, Cristóvão 2002, Champeau 2004), e também por reflexões acerca do seu estatuto de literário através das relações da subjetividade e da preponderância do discurso descritivo (Buescu 1990).

Danuza Américo Felipe de Lima

(Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra / CAPES- Proc. nº BEX 1772/15-5)

*A língua literária de José Luandino Vieira:
ao serviço da violação de um cânone europeizado*

Palavras-chave: *Luuanda*, Linguagem literária, Violação, Cânone europeizado.

Desde o início da colonização até meados do século XIX foi impossível a proliferação de qualquer produção literária em língua portuguesa em Angola, bem como a consolidação de público leitor. Somente com as novas configurações do quadro social, com a introdução da tipografia e a circulação da imprensa, que aos poucos surgiram as primeiras manifestações literárias. Sendo essas, no entanto, fortemente marcadas pelo signo da exclusão, pois imperava o paradigma de inferiorização dos africanos imposto, ideologicamente, para a manutenção do regime colonial. Conforme ocorre com as poesias e, posteriormente, nas narrativas da intitulada Literatura Colonial. A publicação de *Luuanda*, em 1964, de autoria de José Luandino Vieira, introduz na literatura angolana significativa mudança no tratamento da linguagem literária. Além de dar cor e voz às personagens suprimidas pela pobreza e segregação social, a referida obra é pontual por permitir um caminhar próprio para a literatura nacional e oferecer uma opção estética às narrativas, num momento em que estas permaneciam ligadas aos padrões do cânone europeu. Nascida sob o signo da ruptura, esta literatura mantém em suas obras a marca da cisão de padrões que representam a hegemonia do discurso eurocêntrico. Conquanto, os diversos caminhos trilhados pelos escritores na figuração das personagens, dos espaços e da plasticidade da linguagem, resultam em proventos para a sua consolidação. Assim, *Luuanda* surpreende pela habilidade criativa em unir a língua portuguesa escrita e o quimbundo falado nos musseques. A obra de Vieira representa significativo contributo às narrativas de língua portuguesa e um avanço para a literatura angolana rumo a uma autonomia estética. Objetivamos, neste trabalho, visualizar a língua literária criada pelo autor e mensurar sua contribuição estética para a violação dos modelos europeus de escrita.

Dayse Francisnéia Santana Correia Alfaia

(FCSH-Universidade Nova de Lisboa)

As marcas linguístico-discursivas como recursos estratégicos de argumentação na entrevista política e no discurso de tomada de posse

Palavras-chave: *Argumentação, Entrevista política, Discurso de tomada de posse, Responsabilidade enunciativa, Ethos, Pathos.*

Pretende-se apresentar, com esta comunicação oral, parte da minha dissertação de mestrado (já defendida), que está voltada, por sua vez, para a área da Análise do Discurso e propõe abordar diferentes perspetivas de estudos acerca da argumentação. Tendo também como base teórica a Análise Textual dos Discursos proposta por Adam [(2008) (2011)], este trabalho apresenta um *corpus*, que, ao nível metodológico, constitui-se de dois géneros de texto, abrangendo quatro entrevistas políticas (levantadas em épocas variadas – séculos XX e XXI) e dois discursos de tomada de posse (levantadas em 2003 e 2010) – em duas variedades de língua –, nomeadamente o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE). Os objetivos da apresentação consistem em demonstrar como os recursos linguístico-discursivos, usados por enunciadores “presidenciais”, revelam uma intenção estratégica com o fim de persuadir o enunciatário a uma determinada ideia política, tendo em conta que as questões de ordem macrolinguística (discursivas) dependerão das questões de ordem microlinguística (Amossy, 2000; Marques, 2007). Foi verificado, nas construções dos enunciados, a *responsabilidade enunciativa* (Adam, 2011), bem como, o que já na Antiguidade Clássica eram denominados de *ethos* e *pathos*, elementos de estudo propostos por Aristóteles. Em função dos objetivos desta dissertação, que acredito servirem de contribuições para o meio académico, têm-se, aqui, algumas questões de investigação que servirão de referências para a análise do corpus: de que modo serão construídos o *ethos* e o *pathos*, tendo em conta a identidade social e discursiva (Charaudeau, 1999) das personagens políticas dos respectivos géneros de texto? Com que finalidades persuasivas determinadas unidades da língua, como os pronomes pessoais ou pronomes possessivos, por exemplo, são construídos nos enunciados da entrevista política e do discurso de tomada de posse? De que forma os pronomes – eu/nós – marcam uma oposição estratégica de intenções políticas nos enunciados? O discurso de tomada de posse terá como funções prioritárias as de emocionar o enunciatário? Poderão ser atestadas

mais diferenças e/ou mais semelhanças linguístico-discursivas nos enunciados proferidos pelos políticos de sexos distintos? Pretende-se, portanto, estudar questões inerentes à argumentação, não só pela necessidade que se tem de debater, confrontar, refutar, mas especialmente pela necessidade que se tem de persuadir o outro, por meio das relações sociocomunicativas.

Débora Leite David

(CLEPUL, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

*Os ministros no musseque, um gato ao piano
e os flagelados da independência.*

Palavras-chave: Literatura Angolana, Exílio Interior, Romance, Realismos, Metaficção, Alteridade.

A partir das tensões entre a realidade e ficção, José Luís Mendonça, autor do romance *O Reino das Casuarinas*, coloca o leitor à frente de grande parte da História de Angola do século XX, advertindo-o de que “qualquer semelhança [...] com factos, lugares, ou personagens de romance ou de novela é pura ficção de quem lê”. Entretanto, a narrativa apresenta os fatos históricos por meio das memórias, amnésias e cenas oníricas, percorrendo dicotomias como a lucidez na loucura de algumas de suas personagens. A distância temporal das independências africanas permite, cada vez mais, o desvelar de memórias maduras e sem medo. O pacto ficcional torna-se afinal um lugar possível à retomada do passado e das vidas que ainda estavam submersas no anonimato das contradições da vitoriosa revolução, entre essas, a impossibilidade do presente para alguns que foram empurrados para o exílio interior.

Delfim Correia da Silva

(Universidade de Goa/CLP-Camões, I.P.)

*Viagem da Língua Portuguesa pelo mar “susegad” de Goa:
Uma breve perspectiva histórica e sincrónica do estado
dos Estudos Portugueses.*

Palavras-chave: Ensino de PLE, História, Goa, Leitorado do Camões, Universidade de Goa, Lusofonia.

Após os acontecimentos de 1961, Goa assumiu a tendência que já vinha manifestando, o inglês e as línguas nacionais e regionais dominaram a vida administrativa e o sistema de ensino. A erradicação definitiva do Português só não aconteceu graças ao empenho de alguns que o mantiveram vivo em contexto familiar.

Com o restabelecimento das relações diplomáticas, assistimos a uma gradual afirmação da Língua Portuguesa na Índia, e em Goa em particular. Procuraremos traçar essa evolução, dando uma especial atenção aos desafios colocados à implementação dos programas de Estudos Portugueses no subcontinente indiano, destacando a centralidade que Goa assume devido à sua enormíssima herança cultural e às potencialidades pedagógico-educativas de que beneficia.

Apresentaremos dados atuais sobre o universo estudantil, dos níveis de escolaridade onde se integra o Português como língua estrangeira de opção curricular, dos diversos programas de Estudos Portugueses, das instituições públicas e privadas que ministram o Português, da formação de professores de PLE em Goa e dos centros de recursos documentais e acervos bibliográficos.

Por fim, tentaremos justificar o papel dinamizador que a Universidade de Goa e o CLP do Camões, I.P. devem assumir na articulação dos interesses convergentes na promoção e difusão da Língua Portuguesa e das culturas dos países lusófonos nesta região do sudoeste asiático.

Dina Maria Silva Baptista

(ESTGA - Universidade de Aveiro/ CLLC)

*A importância do conteúdo na web:
para uma estratégia comunicacional eficaz*

Palavras-chave: Língua portuguesa, Plataformas digitais, Comunicação, Hipertexto, Géneros textuais, Técnicas de escrita.

Se ao longo das últimas décadas a web esteve intimamente ligada a aspetos tecnológicos, cujos objetivos passavam pela criação de infraestruturas técnicas e contratação de recursos humanos especializados em tecnologia, hoje assiste-se a um paradigma completamente diferente, que exige o investimento em profissionais da comunicação que saibam escrever textos criativos, apelativos, adequados às especi-

ficidades das principais plataformas digitais, nomeadamente dos *sites*, dos blogs e das redes sociais (Facebook, Instagram, Pinterest, Twitter, Youtube, entre outras), mas que respondam também às exigências/necessidades do público-alvo. Na web, os leitores/consumidores leem na diagonal, centram a sua atenção sobretudo nos títulos e subtítulos, nos números e palavras-chave e não perdem tempo com informação muito extensa e descritiva, embora se deixem atrair e conquistar por histórias que os envolvam, que os emocionem, que os ajudem a solucionar os seus problemas e os façam sentir únicos. Além disso, a fusão de todos os meios de comunicação num só espaço exige também mudanças ao nível das características linguísticas e estruturais dos tradicionais géneros textuais.

Face aos novos paradigmas comunicacionais, pretende-se explorar nestes “mares da língua portuguesa” precisamente algumas práticas de escrita, adequadas às diferentes plataformas digitais, assentes na construção de conteúdos criativos, que explorem o poder da narrativa, da imagem, do vídeo, do registo áudio e do hipertexto, assim como fomentem a interatividade do leitor através de comentários.

Dulce Melão

(Escola Superior de Educação de Viseu / Instituto Politécnico de Viseu)

*Pelos mares da leitura literária no ensino superior:
há lugar(es) para/do livro na era digital?*

Palavras-chave: Leitura, Ensino superior, Língua portuguesa, Livro, Era digital, Educação Básica.

É consensualmente reconhecida na atualidade a relevância da leitura na sociedade, abrindo-se, de forma crescente, a uma multiplicidade de dimensões alimentadas pela comunicação em rede. No ensino superior, tais dimensões merecem particular atenção, não só pelos desafios lançados pelo seu carácter cada vez mais diversificado, como pelas possíveis consequências que daí podem advir para o futuro profissional dos estudantes. Assim, nesta comunicação temos como objetivo indagar a importância do livro na era digital enquanto possível suporte/veículo configurador de práticas de leitura literária de estudantes do ensino superior a frequentar um 1.º Ciclo de estudos de Bolonha.

No que se refere à metodologia adotada, face aos objetivos do estudo, considerámos adequada uma abordagem de natureza qualitativa, tendo como referencial metodológico o estudo de caso. Os participantes foram 27 estudantes inscritos na unidade curricular de Iniciação à Leitura e à Escrita que integra o plano de estudos da licenciatura em Educação Básica, na Escola Superior de Educação de Viseu (3.º ano, 1.º semestre, ano letivo 2015-2016). Os instrumentos utilizados foram 27 reflexões escritas individuais realizadas no âmbito do trabalho autónomo dos estudantes. A técnica privilegiada foi a análise de conteúdo.

Apesar dos amplos itinerários de leitura proporcionados pela era digital, conclui-se que os estudantes atribuem grande importância ao livro impresso enquanto potenciador da motivação para a leitura literária, relegando para segundo plano possíveis vantagens do livro em suporte digital. Embora a tecnologia seja onnipresente no seu quotidiano, é o livro que resguarda os lugares das memórias que se entrecem nos seus percursos de leitura.

E. M. de Melo e Castro

(Universidade de São Paulo, Brasil)

Uma concepção fractal da língua portuguesa

Palavras-chave: Língua, Cultura, Arquipélago, Mar, Dispersão fractal.

A língua portuguesa é atualmente dispersa geográfica, espacial e culturalmente, podendo considerar-se que o seu uso, quer oral quer escrito, nos oito países que oficialmente a têm como sua, se articula como se de um arquipélago se tratasse. Arquipélago esse em que cada ilha tem a sua dimensão e características próprias, fonéticas, morfológicas, sintáticas e vocabulares, só avaliáveis pelas variações, fracturas e inovações das falas e das escritas dos seus diferentes habitantes. O que no entanto, não prejudica a comunicação, antes a enriquece permitindo, isso sim, considerarmos o todo dessas ilhas, como um fractal em que a autossemelhança dos falares e das escritas forma uma entidade fraccionada mas organicamente viva e autorreprodutiva. Daí a intensa inventividade literária, principalmente na poesia.

Edmarcos Costa

Shao Xiao Ling

(DECA, Universidade de Aveiro)

A música erudita portuguesa como instrumento de diálogo entre um brasileiro e uma chinesa: relato de experiência do intercâmbio sociocultural e musical na preparação de uma performance musical

Palavras-chave: Música erudita portuguesa, Comunicação sociocultural, *Performance* musical, Experiência, Brasil, China.

A seguinte investigação apresenta um relato de experiência na preparação de uma *performance* musical, a qual enfatiza o intercâmbio sociocultural e musical entre um violinista brasileiro e uma pianista chinesa, ambos estudantes do curso de mestrado em música da Universidade de Aveiro.

Esse trabalho tem como objetivo geral identificar e descrever o processo de diálogo entre dois músicos de contextos socioculturais distintos e a semântica musical duma Sonata Pós-Romântica portuguesa. Como objetivos específicos pretende-se conhecer e compreender com mais profundidade a música erudita portuguesa; divulgar e propiciar o conhecimento da música portuguesa nos países natal de cada integrante. Para o alcance dos objetivos mencionados foram colhidos os relatos de ambos os participantes por meio de entrevistas semiestruturadas com perguntas que os ajudassem a detalhar com mais precisão o período em que se preparava o repertório. A presente investigação também teve o auxílio metodológico da pesquisa bibliográfica com o fim de embasar teoricamente os relatos colhidos, buscando explicar sucintamente os fenômenos ocorrentes na preparação da *performance* mencionada.

A principal questão que norteou esta investigação foi saber como foi possível a preparação da *performance* satisfatória de uma sonata portuguesa por músicos de nacionalidades distintas. Alguns resultados já foram percebidos devido a permanência por um ano dos integrantes do duo em Portugal. Tal fator contribuiu diretamente na compreensão do autor e da obra estudada. Outro ponto que permitiu este diálogo foi a peça estudada ter sido construída sobre normas e técnicas convencionais ocidentais, presentes no ensino da música em todo o mundo inclusive no oriente.

Edwiges Conceição de Souza Fernandes

(Universidade de Aveiro / Universidade Nova de Lisboa)

Pessoa, leitor-receptor, tradutor e reescritor de “The Scarlet Letter”

Palavras-chave: Pessoa tradutor, Reescritor, Hawthorne, *The Scarlet Letter*, Traduções em Portugal.

Assim como em outras áreas da atividade humana, teoria e prática se inter-relacionam na tradução, ao mesmo tempo em que as práticas tradutórias se transformam de acordo com contexto e história. Sabe-se que a tendência predominante nas traduções da primeira metade do século XX privilegiava o texto de partida, e que entre os tradutores daquele contexto figuravam grandes escritores. É, portanto, justificável que alguns destes autores-tradutores, ainda fortemente influenciados pelos ideais românticos, produzissem trabalhos onde o ‘gênio do autor’ poderia emergir como aspecto de relevo. Fidelidade e equivalência à intenção e ao estilo originais transformavam-se em ‘balizas’ para tradutores, leitores e editoras (Berman, 1984; Venuti, 1995). A Estética da Recepção, sob ótica distinta, considera a obra de arte como um sistema que se define por produção, recepção e comunicação e, por conseguinte, tece uma relação dialética entre autor, obra e leitor. Jauss (2002b) reitera que o diálogo entre obra e leitor depende de fatores determinados pelo horizonte de expectativas – responsável pela primeira reação do leitor à obra. Este trabalho tem por objetivo apresentar a primeira tradução, em Portugal, da obra *The Scarlet Letter*, de Nathaniel Hawthorne (1804-1864), por Fernando Pessoa. Far-se-á relação entre esta tradução e outras traduções do romance de Hawthorne em Portugal, bem como considerações à figura do grande poeta português como tradutor, o qual segundo Vieira e Zenith (2013, p. 58), por ser possuidor de uma “capacidade prodigiosa de incorporar os estilos que perfilhava, e de os metamorfosear na sua própria substância”, foi capaz de reescrever essa obra-prima devido ao seu gênio criador.

Edyta Jablonka

(Universidade Maria Curie, Skłodowska, Lublin, Polónia)

Estrangeirismos nos blogues femininos portugueses e brasileiros

Palavras-chave: Língua portuguesa, Estrangeirismo, Empréstimo, Blogue, Moda, Beleza.

Ao longo dos séculos, as línguas estrangeiras enriqueceram o acervo lexical do português pertencente ao domínio da moda e da beleza. A influência das línguas tais como o francês, o inglês ou o italiano marcou várias fases da evolução do português e, sem dúvida, até hoje é atual. No nosso estudo, gostávamos de lembrar a entrada dos estrangeirismos no vocabulário relacionado com a moda e os produtos de beleza, assim como apresentar as tendências atuais e alguns problemas relacionados com o uso das palavras estrangeiras.

Como base do nosso estudo, tomaremos em consideração os trabalhos de vários linguistas (Alves 1984, 1994, 2002, 2004, Carvalho 1998, Guilbert 1975, Haugen 1950, Langacker 1972, Lino 1990, Mattoso Câmara Jr. 1979, entre outros) que nos ajudarão a analisar o *corpus* escolhido à base dos blogues femininos portugueses e brasileiros. Pretendemos ver os estrangeirismos não como um elemento nocivo, uma ameaça contra a integridade da língua, mas como um elemento enriquecedor que, contudo, suscita algumas dúvidas e conduz à incompreensão e às dificuldades relacionadas com a pronúncia e a ortografia. Apresentaremos vários exemplos das palavras estrangeiras usadas nos blogues femininos. Geralmente, ao descrever os estrangeirismos, consideramos que o valor comunicativo é decisivo no seu emprego e que na maioria possibilitam o enriquecimento do léxico da língua importadora.

Elisabeth Battista

(Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil)

Entre o Índico e o Atlântico: nas trilhas da “Filosofia de uma Mulher Moderna”: configurações da vida social nas Crônicas de Maria Archer

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Diáspora, Vida social, Maria Archer.

Esta leitura articula-se em torno da instigante produção criativa e intensa atividade intelectual de Maria Archer para os meios de imprensa, em meados do século XX, em Portugal. Ao fazer incursões em torno dos papéis que circunscrevem o universo feminino na literatura nos países que tem o português como língua de comunicação instiga-nos compreender os fundamentos das concepções dominantes no âmbito da representação li-

terária. Nos estudos que estamos realizando sobre a participação de escritoras na imprensa e a circulação literária entre os países de Língua oficial portuguesa, temos colhido gestos e presenciado a intensa movimentação com vistas à ampliação das relações de trocas e possibilidades de abertura e aproximação cultural nas relações literárias e culturais ibero-afro-americanas.

Elizangela Nivardo Dias

Silvio de Almeida Toledo Neto

(FFLCH, Universidade de São Paulo, Brasil)

*Estudo filológico dos bilhetes deixados junto aos bebês
das Rodas dos Expostos do Brasil e de Portugal:
Aspectos linguísticos, históricos e culturais.*

Palavras-chave: Filologia, História do Brasil, História de Portugal, Colonização do Brasil, Roda dos Expostos, Santa Casa de Misericórdia, Sociologia.

Apresentaremos uma amostra de bilhetes deixados junto aos bebês entregues nas principais rodas dos expostos de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador (Brasil) e da roda de Lisboa (Portugal). Para tanto, será necessária uma breve apresentação da relação entre a roda dos expostos e as Santas Casas de Misericórdia, que recebiam os bebês depositados na roda. A partir desse embasamento contextual, será possível entender a importância da tramitação dos bilhetes na casa de acolhida. Além disso, esses bilhetes permitem compreender com mais detalhes o funcionamento administrativo da instituição da roda dos expostos e, sobretudo, fornecem dados linguísticos e sociais relevantes para a reconstrução da Língua Portuguesa no período colonial brasileiro. Portanto, este estudo contempla ainda, aspectos culturais além dos linguísticos. Consideramos, pois, importante este estudo filológico dos bilhetes enquanto documentos primários e provas desse fato histórico impactante com relação à estrutura familiar e à questão da organização da sociedade brasileira com base na organização social portuguesa devido à colonização.

Elza Miné

(Universidade de São Paulo/ CNPq)

*“Alguns homens de meu tempo” e outras memórias
de Jaime Batalha Reis*

Palavras-chave: Jaime Batalha Reis, Memorialismo, Literatura Portuguesa, Geração de 70, Relações com o Brasil, Imprensa Periódica.

Jaime Batalha Reis (1847-1935), desde muito jovem, começou a atuar no jornalismo e pode-se sem dúvida afirmar que, permeando seus textos de imprensa e a elaboração de seus projetos, vamos sempre encontrar gestos concretos de intervenção cultural, revelando-nos o seu interesse e apoio a manifestações de inovação artístico-literárias surgidas em seu tempo. A variedade de assuntos e temas tratados liga-se diretamente à sua versatilidade como jornalista: ao lado dos aspectos sociais e políticos, a pintura e a música merecem-lhe atenção privilegiada e competente tratamento da informação e crítica. Digno de nota também seu interesse pela Literatura Brasileira nos primeiros anos do século XX, propiciado pela força da língua comum e por sua convivência com diplomatas e intelectuais brasileiros, em Londres.

Além disso, Batalha, companheiro de Eça, Antero, Oliveira Martins, entre outros, em sua condição privilegiada de testemunha participante das muitas atividades da Geração de 70, tinha em vista registrar recordações de seus amigos, cuja reunião viria a constituir um volume que deveria intitular-se: “Alguns homens de meu tempo. Folhas das minhas memórias”. Não chegou contudo a concretizar tal projeto, que sempre acalentou e referiu.

Depois de uma longa convivência com os papéis de Batalha Reis e de outros seus contemporâneos constantes do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Portugal, preparamos o volume “Alguns homens de meu tempo e outras memórias de Jaime Batalha Reis” que, além de apresentar a gênese e uma possível concretização de tal projeto, focaliza também outras memórias do autor. São apresentados artigos de imprensa de sua autoria, e textos seus inéditos de cunho vinicamente memorialista sobre seus amigos e seu tempo, sempre tributários do olhar de um observador/testemunha da sociedade e reveladores das suas preocupações dominantes.

A presente comunicação pretende dar breve notícia de nossos percursos de investigação.

Fernanda Cavacas

Sol ou simples mancha amarela?
Mulheres de Cinza, de Mia Couto

Palavras chave: Realidade, Ficção, Personagens, História, Oralidade, Mulher.

Mulheres de Cinza é o último romance do escritor Mia Couto e o primeiro de uma trilogia sobre os derradeiros dias do Estado de Gaza.

Se o título do livro é o seu bilhete de identidade, reconhecemos facilmente a função metafórica de *Mulheres de Cinza*, que reenvia para o conteúdo do texto de uma forma simbólica, já que na guerra são as mulheres que se tornam ainda mais vítimas, apesar do seu papel fundamental na manutenção da vida.

A Nota Introdutória com que Mia Couto inicia o seu romance orienta a leitura, explicando e enquadrando o horizonte de expectativas. Diz ele: *Esta narrativa é uma recreação ficcional inspirada em factos e personagens reais.*

A organização macroestrutural do texto narrativo obedece a um plano bipartido de quinze capítulos sempre iniciados por uma epígrafe e catorze cartas do sargento português que alternadamente vão contribuindo para a construção e a desocultação da história.

A narrativa é conduzida a duas vozes, cuja polifonia nos transmite a universalidade do discurso e a particularidade da vivência individual e única: nos capítulos, o narrador é uma mulher jovem moçambicana chamada Imani, nome que afinal não é nome e que significa “*Quem é?*”; as cartas escritas pelo sargento Germano de Melo ao Conselheiro José de Almeida são um misto de relatórios e confidências ditadas pelo isolamento.

Cada um à sua maneira é protagonista e representa um lado diferente da História, estando ambos próximos dos factos narrados, uma vez que propõem dados precisos e pormenorizados, dando a impressão de grande fidelidade e objetividade e reenviando para o tema geral: Moçambique e Portugal – uma História comum, pontos de vista diversos.

Fernanda Lima Jardim Miara

(UFSC, Brasil)

Gislene Silva

(UNESP - Araraquara)

*Diferentes usos no PP e no PB:
A variação lexical no cotidiano*

Palavras-chave: Variação lexical, Léxico cotidiano, Português de Portugal, Português do Brasil, Usos linguísticos, Variedades do português.

A questão geográfica e a dimensão temporal são variáveis que contribuem para explicar as diferenças entre o português de Portugal (PP) e o português do Brasil (PB), além de outros fatores (extra)linguísticos. Ainda que não sejam declaradas línguas distintas, essas duas variedades do português, em muitos contextos, podem gerar problemas de compreensão/interpretação, o que reforça a vitalidade de cada uma delas (Villalva; Silvestre, 2014), visto que a variação e a mudança são processos inerentes às línguas e devem ser compreendidos como sistemáticos e ordenados (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]).

Este trabalho tem como objetivo mostrar algumas diferenças lexicais, no dia a dia de falantes nativos portugueses e brasileiros, desde o momento em que acordam até a hora em que vão dormir, de modo a mostrar que, embora sejam falantes de língua portuguesa, o léxico cotidiano de cada um deles, isto é, as palavras e as expressões que usam, em muitos casos, é bastante distinto, sendo que os diferentes usos assinalam uma evidência forte de que a dinâmica dos dois português não é exatamente a mesma, de maneira a demarcar a particularidade dessas duas variedades linguísticas. A ideia de mostrar, através dos fatos quotidianos, as diferenças entre as duas variedades, surgiu da experiência de falantes do PB ao terem contato com falantes do PP, percebendo que essas diferenças quotidianas eram muitas e que podiam, inclusive, gerar algumas dificuldades de comunicação. Assim, falantes da mesma língua podem enfrentar dificuldades de comunicação, o que nos mostra que a língua está em constante modificação por parte dos seus falantes e se mostra bastante viva e fluida.

Filomena Amorim

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Consoantes líquidas /l/ e /r/: “confusões” fonéticas manifestadas por estudantes chineses na aprendizagem do português europeu

Palavras-chave: Ensino, Aprendizagem, Língua portuguesa, Consoantes líquidas.

Constantes são as referências ao interesse crescente dos chineses pela aprendizagem da língua portuguesa. A nova tendência académica é ladeada por investimentos, que nos são dados a conhecer através de sucessivas menções pelos mais diversos canais de comunicação.

No contexto educativo português, assiste-se a uma abertura das instituições, nomeadamente do ensino superior, ao público chinês que, por diversas motivações, pretende estudar o português.

Pela natureza distante das duas línguas, circunstancialmente confluentes, – o chinês e o português –, docentes e estudantes são confrontados com diferentes desafios e graus de dificuldade no processo de ensino e no processo de aprendizagem, respetivamente. Concomitantemente, surge a necessidade de gerar informação que ajude a planar patamares e a dissipar barreiras, contribuindo para solidificar o conhecimento, refletindo-se no plano teórico e prático.

Neste âmbito, este artigo visa estudar as “confusões” fonéticas manifestadas por estudantes chineses na aprendizagem do português europeu, aquando da realização de exercícios de compreensão oral, com o emprego das consoantes líquidas /l/ e /r/, no contexto das aulas de Português Língua Estrangeira (PLE).

Gislene da Silva

Daniel Soares da Costa

(Unesp, Araraquara)

*A produtividade dos sufixos -s/ção e -mento
na formação de substantivos deverbais no Português Brasileiro*

Palavras-chave: Morfologia, Sufixação, Formação de substantivos, Produtividade lexical, Português Brasileiro.

A produtividade lexical ainda é um campo pouco explorado na Linguística quando comparado a outros estudos da língua, por isso o presente

trabalho busca contribuir para a ampliação dos estudos da produtividade com o objetivo de mostrar a produtividade dos sufixos *-s/ção* e *-mento* quando se ligam a uma base verbal para a formação de substantivo, pois, durante a análise dos processos morfofonológicos desencadeados pela adição desses sufixos a uma base verbal, verificamos algumas peculiaridades relacionadas à preferência pela junção às bases verbais de primeira (-ar), segunda (-er) e terceira (-ir) conjugações.

Para a realização da análise, foi utilizada uma amostra do Português Brasileiro coletada em jornais publicados em duas cidades brasileiras de regiões distintas – Araxá-MG e Araraquara-SP – na primeira metade do século XX (1901-1950). A montagem do *corpus* foi realizada a partir da seleção e digitalização dos jornais publicados nas cidades durante o período escolhido, contribuindo, também, para a preservação de patrimônio histórico e para a organização de um banco de dados com textos do Português Brasileiro. Depois da digitalização dos jornais, fizemos a coleta de todos os substantivos verbais terminados com os sufixos escolhidos para análise da produtividade desses sufixos.

No Português encontramos alguns processos de formação de palavras, como a derivação e a composição. A derivação pode ser dividida em sufixação - quando temos o acréscimo de um sufixo a uma base - e em prefixação - quando um prefixo é acrescentado a uma base. No nosso caso, interessa-nos a sufixação, utilizando os sufixos *-s/ção* e *-mento*. Tendo em vista que alguns trabalhos apontam para a maior produtividade do sufixo *-s/ção* em relação ao sufixo *-mento* quando da formação de palavras, com este trabalho, buscamos também mostrar se há a preferência pela utilização de algum desses sufixos nas palavras encontradas nos jornais selecionados e em quais proporções esses sufixos se juntam aos verbos de cada uma das conjugações, além de entender como as condições de produtividade e de produção interferem na formação de novos substantivos.

Guilherme de Oliveira Barbosa

(FCSH, Universidade Nova de Lisboa)

*Ensino de Língua Portuguesa e Meio Ambiente:
(como) é possível conciliar?*

Palavras-chave: Ensino, Língua portuguesa, Meio ambiente, Leitura, Produção textual, Gêneros textuais.

Neste trabalho relatarei uma experiência de sucesso de um estágio curricular realizado em 2014 numa escola pública da cidade do Recife, no nordeste do Brasil. Seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que recomendam ao professor o trabalho com temas transversais (conteúdos, que podem ser abordados por todas as disciplinas, voltados à formação da cidadania e que respondem a questões urgentes e necessárias à sociedade contemporânea, são eles: Ética, Orientação Sexual, Saúde, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Trabalho e consumo), decidi elaborar um projeto que conciliasse o ensino de língua portuguesa, por meio dos gêneros textuais (pensando em uma escola letradora), e o tema meio ambiente. Bem-sucedida, a experiência pautou-se nos eixos da leitura e compreensão, análise linguística e produção textual e ainda culminou com efeitos de conscientização ambiental. Na leitura os alunos tiveram contatos com os gêneros conto, entrevista, reportagem e cartaz educativo e na produção textual os alunos elaboraram entrevistas com moradores do bairro no qual a escola se localiza e criaram cartazes educativos que foram apresentados aos colegas da escola. Fica assim demonstrado como um ensino de língua que vai além do ensino da gramática é mais eficaz e produtivo para o desenvolvimento da competência comunicativa. Deste modo, focalizarei na fundamentação teórica deste trabalho algumas questões (que no Brasil ainda causam polêmica) sobre o ensino de gramática e a transição para um ensino de reflexão da língua (por meio dos eixos da leitura, análise linguística, produção textual, oralidade e letramento literário) e que se pauta pelos gêneros textuais. Ainda versarei também sobre a importância do tratamento dos temas transversais na sala de aula, e mais especificamente do tema meio ambiente, explicitando a necessidade da abordagem conciliadora entre este(s) tema(s) e as disciplinas tradicionais.

Hélder Garmes

(USP/FAPESP/CNPq, Brasil)

*Para escrever uma história da literatura de língua portuguesa de Goa:
o caso da poesia*

Palavras-chave: Literatura Goesa de Língua Portuguesa, Literatura Indo-Portuguesa, Literatura Goesa, História Literária, Transferência cultural, Ambivalência.

A presente comunicação discute aspectos relativos ao sentido e forma de se escrever uma história da literatura goesa de língua portuguesa que consiga contemplar a complexa dinâmica do meio literário e intelectual de Goa nos séculos XIX e XX. Para além da mescla de paradigmas culturais bastante distintos, a ex-colônia portuguesa gerou um universo letrado que envolveu literaturas em ao menos quatro línguas: português, concani, marata e inglês. Para exemplificar e discutir o valor e legitimidade de se redigir essa história, emprega-se aqui o *corpus* literário da poesia goesa, nomeadamente os escritores Joseph Furtado (1872-1947) e Raghunath Vishnu Pandit (c.1916-1990).

Helena Santana

(DECA, Universidade de Aveiro)

Maria do Rosário da Silva Santana

(Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda)

*A poesia portuguesa visitada, e revisitada, por Clotilde Rosa:
Diálogos (semi)improváveis*

Palavras-chave: Clotilde Rosa, Música contemporânea portuguesa, Poesia portuguesa, Armando Silva Carvalho, Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões.

Clotilde Rosa, compositora portuguesa nascida em 1930, possui uma vasta obra para voz e instrumentos. O seu interesse por imaginários transmitidos pela palavra, fã-la debruçar-se em vários momentos da sua produção artística por diversos textos de autores de reconhecido mérito como Luis Vaz de Camões, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Eugénio de Andrade, Armando Silva de Carvalho, entre outros.

Nesta comunicação, pretendemos mostrar de que forma a escrita da compositora evolui técnica e estilisticamente ao longo dos anos, mostrando as técnicas e os materiais que nelas expõe de acordo, e relevando os textos em uso. Do conjunto das suas obras salientamos o conjunto daquelas construídas sobre poemas de Armando Silva Carvalho e Fernando Pessoa. Neste sentido debruçaremos a nossa atenção sobre *Cinzas de Sísifo* (1986), *O Fabricar da Música e do Silêncio* (1987) e *Quiet Fire* (1999) sobre poemas de Armando Silva Carvalho, e sobre as obras *Sonhava de um Marinheiro* (1980) e *Passo Dezembro na Alma* (1981) sobre excertos

de “O Marinheiro” de Fernando Pessoa. No caso da obra *Sonhava de um Marinheiro*, obra para 3 vozes femininas, orquestra e Banda magnética, o processo de amplificação da voz e dos instrumentos pela fita concorre para a criação de um sonoro mais monumental, e uma outra dimensão à palavra. Mais recentemente compôs *Complexidades* (2001) sobre poema de João Franco, *El vaso Reluciente* (2003) sobre Soneto de Luís de Camões ou *Doce e Suave Pranto* (2008) sobre poema de Joaquim Carvalho.

Através da análise das obras pretendemos mostrar a evolução da escrita da compositora, das diversas técnicas discursivas e compositivas que aí expõe. Pretendemos igualmente mostrar de que forma a palavra se revela, ou não, representativa na definição de um sonoro de autor, tentando perceber de que forma o mesmo se evidencia na palavra dita, cantada se não falada.

Henrique Barroso

(ILCH, Universidade do Minho)

*<Passar a + infinitivo> no Português Europeu:
construção com valor discursivo ou operador aspetual?*

Palavras-chave: *<Passar a + infinitivo>*, Perífrase discursiva, “Estruturador da informação”, Operador aspetual, “Passagem a um novo estado”, Português Europeu.

Recorrendo a um *corpus* constituído por material linguístico autêntico, recolhido quase exclusivamente na imprensa escrita (anos 90 do séc. XX e zero do XXI) e em textos literários (sécs. XX e XXI), é meu objetivo, nesta comunicação, tentar perceber se *<passar a + infinitivo>* é uma ‘construção com valor discursivo’, como defendem uns (por exemplo, García Fernández: 2006) ou, antes, um ‘operador aspetual’, como sustentam outros (também por exemplo, Cunha: 2007) e descortinar, caso se integre na primeira classificação, o valor discursivo que está em causa e, caso faça parte da segunda, o tipo de operação aspetual que intervém. Para tal, é absolutamente necessário convocar argumentos quer de natureza estrutural (recorrendo a testes quase exclusivamente de natureza sintática, verificar-se-á que *passar a* se pode considerar um verbo semiauxiliar e a sequência “*passar a + infinitivo*”, uma construção perifrástica) quer sintático-semântica (tipos e formas proposicionais, tipos de sujeito, configurações sintáticas, classes aspetuais de predicacões). É o que farei.

Isa Vitória Severino

(Instituto Politécnico da Guarda)

Vitorino Nemésio e Cecília Meireles numa outra cadência – o mar, as palavras e a insularidade

Palavras-chave: Vitorino Nemésio, Cecília Meireles, Insularidade.

A presente comunicação pretende estabelecer um paralelismo entre dois autores que, apesar de distanciados geograficamente, apresentam uma temática que lhes é comum – a vivência da insularidade.

No caso de Vitorino Nemésio a insularidade prende-se com o conjunto de características que advém da sua vivência na ilha e do isolamento que lhe é inerente. No caso de Cecília, apesar de nunca ter vivido numa ilha, interiorizou um sentimento de insularidade que se reflete na sua poesia.

De igual modo, também o mar adquire significados plurifacetados na obra de Cecília, estabelecendo uma associação com a infância da escritora, um tempo povoado “por histórias encantadas” e pela presença inolvidável da sua avó. Constitui ainda uma forma de regresso imaginário ao passado, mantendo vivas as recordações a ele ligadas. A memória, qual vaga, transporta-a num regresso a esse tempo ancestral cheio de tradições. Em Nemésio, também a memória o reporta para a íntima ligação ao mar e aos Açores, por isso afirma: “os Açores estão mais ou menos na raiz de tudo quanto faço”.

Pretende-se, assim, analisar os significados que o mar assume nas obras dos dois autores; um mar feito de palavras, concretizado numa cadência distinta, mas que acentua um sentimento insular transversal aos poetas.

Isabel Roboredo Seara

(Universidade Aberta e Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

*A interação escrita no quotidiano:
da compulsão à onipresença nas redes digitais*

Palavras-chave: Interação digital, Dinâmica comunicacional, Elevada interatividade/efemeridade *continuum* oral-escrito, Especificidades linguísticas.

« La fin du XX siècle ne scellera pas la mort de l'écrit »

Jacques Anis

A compulsão e a onnipresença da escrita no nosso quotidiano deve conduzir-nos a uma ampla reflexão. A linguagem escrita não é mais o alto templo da sociedade ocidental com os atributos de frases bem feitas, da correção gramatical e ortográfica. Tornou-se oralizada, quando se visualiza no ecrã, do computador, do telemóvel. A escrita digital adota um estilo de informalidade. Indubitavelmente, o meio eletrónico está a provocar uma revolução nas culturas e nas civilizações: anuncia-se uma revolução cada vez mais vertiginosa. O tempo, o espaço e a identidade são contínua e profundamente reformulados. Passar do domínio tipográfico para a escrita digital implica uma mudança em relação à teoria, na medida em que verificamos que entre esta e a realidade existe simultaneamente continuidade e separação.

Serão as formas escritas digitais formas assíncronas, instantâneas, descartáveis, efémeras?

No caso da comunicação digital, mesmo tratando-se de uma comunicação diferida, a temporalidade é modificada a partir da ilusão da sincronia que decorre da possibilidade de receção quase imediata. Esta ambivalência tem consequências não só a nível da escrita da mensagem, como no âmbito do pacto da interação. Pressupondo uma receção temporalmente próxima, o presente da narração avizinha-se do presente da leitura, suprimindo a projeção no futuro. Em alguns tipos de interação eletrónica, frequente e intensa, instauram-se, como veremos, formas similares às formas dialogais, esvaziando-se, então, as categorias de abertura e de fecho.

Apresentar-se-ão algumas especificidades desta escrita, nomeadamente a informalidade, o hibridismo, a elevada interatividade, a efemeridade, a dinâmica da sequencialidade, o caráter dialógico que subjazem ao que designamos por “paradoxo da solidão interativa”.

Joana Mestre Costa

(Universidade de Aveiro)

*Da toponímia à bibliofilia e da bibliofilia à toponímia:
subsídios para uma reflexão sobre turismo literário em Portugal~*

Palavras-chave: Estudos literários, Literatura portuguesa, Turismo, Turismo literário, Bibliofilia, Toponímia.

O turístico é, hoje, um setor tentaculado, cuja atividade se espalha por vertentes tradicionais e por outras recentes e insuficientemente exploradas, como o turismo literário.

São ancestrais, várias e prolíferas as interseções entre a esfera das viagens e a da literatura, sendo o seu ápex, muito provavelmente, a literatura de viagens. No entanto, o turismo literário nem se confunde com a literatura de viagens nem a ela se confina, consistindo numa opção em que o turista privilegia a visita aos locais associados à biografia de um escritor ou àqueles que são descritos nas suas obras ou, ainda, aos espaços associados à bibliofilia, das feiras do livro às vilas literárias.

Neste domínio, a tendência tem sido crescente, quanto ao número de visitantes e de iniciativas — depois da primeira classificação da UNESCO, em 2004, somam-se já a Edimburgo outras 20 *Cities of Literature*; há feiras absolutamente incontornáveis, *maxime* a *Frankfurter Buchmesse*; e afirmam-se, como alternativa a percursos mais comerciais, a Praga de Kafka, a Dublin de Joyce ou a Paris de Victor Hugo.

Também em Portugal, o turismo literário tem conhecido um impulso extraordinário, ainda que, face à feliz profusão da nossa literatura, manifestamente insuficiente — Óbidos transformou-se, em 2015, numa dessas *Cities of Literature* da UNESCO; as feiras do livro tornaram-se um hábito, as de Lisboa e Porto marcos nacionais, e espaços como a Lello ou a Ler Devagar já ganharam destaque internacional; ademais, paralelamente à Lisboa pessoana, surgiu um projeto pioneiro, “Escritores a Norte”, oferecendo itinerários delineados a partir das casas-museus de autores como Torga, Régio, Camilo, Eça, Guerra Junqueiro.

Considerando o subaproveitamento e o potencial do segmento, urge uma reflexão multidisciplinar — propomo-nos a um subsídio literário — que perscrute esses caminhos que podem fazer de um bibliófilo um topófilo e, porque não, aqueles que podem conduzir da topofilia à bibliofilia.

João Veloso

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

*Quando o português exportava palavras:
“loanword adaptation” do português para o cingalês*

Palavras-chave: Empréstimos lexicais, Cingalês, Fonologia, Loanword adaptation.

Um dos reflexos da globalização contemporânea encontra-se nos abundantes “empréstimos lexicais” - palavras que migram entre línguas. Para a fonologia, e de um ponto de vista puramente descritivo, este fenómeno é muito relevante, pois (i) põe em evidência as restrições compatíveis e incompatíveis entre as fonologias de diferentes línguas e, através da observação de re-hierarquizações impostas pela língua importadora, (ii) permite testar de forma minimamente robusta uma série de hipóteses sobre a hierarquização das restrições fonológicas em cada sistema fonológico. Este tópico específico constitui um campo de estudos produtivo em diversos modelos da investigação fonológica, correntemente designado por “loanword adaptation” (Paradis & LaCharité 1997; Cohn 2001; Peperkamp & Dupoux 2003; Vendelin & Peperkamp 2004; LaCharité & Paradis 2005; Peperkamp 2005). Hoje, o fluxo migratório lexical mais visível dá-se a partir do inglês como língua exportadora. Noutros contextos e noutros momentos históricos, contudo, outras línguas – nomeadamente o português – cumpriram também esta função de “exportador lexical”. Dessa época restam hoje muitos vestígios históricos (i) nas diversas variedades pluricontinentais do português, (ii) nos crioulos de base lexical portuguesa e (iii) em subconjuntos lexicais específicos de diversas línguas espalhadas pertencentes a diversas famílias linguísticas. Além do interesse histórico e cultural desta realidade, ela oferece-nos, no domínio específico da linguística, informação muito esclarecedora para a reconstituição de estádios passados da fonologia quer do português, quer das línguas importadoras. Nesta comunicação, faremos um exercício exemplificativo de fonologia contrastiva entre o português e o cingalês quinhentistas a partir do minicorpus de empréstimos lexicais do português para esta língua compilados por Disanayaka (2012: 648-649).

Referências

- Cohn, A. 2001. Phonology. In: M. Aronoff, M. J. Rees (Eds.). *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell, 180-212.
- Disanayaka, J. B. 2012. *Encyclopedia of Sinhala Language and Culture*. Colombo: Sumitha.
- LaCharité, D.; Paradis, C. 2005. Category Preservation and Proximity versus Phonetic Approximation in Loanword Adaptation. *Linguistic Inquiry*. 36(2):223-258.
- Paradis, C. LaCharité, D. 2008. Apparent Phonetic Approximation: English Loanwords in Old Quebec French. *Journal of Linguistics*. 44(1):87-128.

- Paradis, C.; LaCharité, D. 1997. Preservation and Minimality in Loanword Adaptation. *Journal of Linguistics*. 33(2):379-430.
- Peperkamp, S. 2005. A Psycholinguistic Theory of Loanword Adaptations. *Proceedings of the 30th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 341-352.
- Peperkamp, S.; Dupoux, E. 2003. Reinterpreting Loanword Adaptations: The Role of Perception. *Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences*, 367-370.
- Vendelin, I.; Peperkamp, S. 2004. Evidence for Phonetic Adaptation of Loanwords: An Experimental Study. *Actes des Journées d'Etudes Linguistiques de l'Université de Nantes*, 129-131.

José Amaral

(Responsável Cultural da Embaixada da República Democrática de Timor-Leste)

Alfredo Caldeira

(Fundação Mário Soares)

Notas sobre as línguas de Timor-Leste

Palavras-chave: Timor-Leste, Português, língua oficial, línguas maternas, línguas de administração.

A República Democrática de Timor-Leste decidiu, na Restauração da Independência, em 2002, definir constitucionalmente a questão da língua, dispondo o seu artigo 13.º:

“1. O tétum e o português são as línguas oficiais da República Democrática de Timor-Leste.

2. O tétum e as outras línguas nacionais são valorizadas e desenvolvidas pelo Estado.”

Por outro lado, a Constituição estabeleceu, no seu art. 159.º, que “A língua indonésia e a inglesa são línguas de trabalho em uso na administração pública a par das línguas oficiais, enquanto tal se mostrar necessário.”

É um quadro complexo que, no entanto, encontra similitudes em muitos países que adquiriram a sua independência após processos de descolonização.

Em termos gerais, pode dizer-se que, na vigência do Estado de Timor-Leste, se verificou sucintamente:

- A reintrodução da língua portuguesa;

- O reforço do tétum como verdadeira língua nacional;
- O despertar do interesse pelas línguas maternas;
- A utilização das línguas indonésia e inglesa em algumas áreas da administração pública.

Pretende-se evocar brevemente a evolução destas realidades e, em especial, o caso da língua portuguesa, quer ao longo do seu processo de reintrodução (com apoio de Portugal), quer enquanto elemento decisivo na modernização da língua tétum – sem esquecer o enorme esforço empreendido por Timor-Leste na luta contra o analfabetismo.

Jossemar de Matos Theisen

(International Student OrganisationWageningen, Wageningen, Holanda)

Cleide Inês Wittke

(Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil)

*O processo de ensino e aprendizagem dos letramentos acadêmicos
por meio de tecnologias digitais*

Palavras-chave: Ensino, Aprendizagem, Práticas de leitura e escrita, Tecnologias Digitais, Letramentos acadêmicos, Universitários.

As tecnologias digitais fazem parte da sociedade contemporânea, nas diferentes práticas sociais, tornando-se fundamental o seu conhecimento para atuar e se engajar na sociedade digital. Esse aspecto influencia no processo de ensino e aprendizagem dos letramentos acadêmicos (o modo como constituir-se como ser acadêmico), pois interfere no modo como o universitário se constitui nesse meio. O desenvolvimento dos letramentos acadêmicos envolve conhecimentos de como funcionam as atividades solicitadas pela universidade e as relações estabelecidas (para) nas suas produções (Lea; Street, 2014). Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar uma pesquisa realizada com universitários ingressos em um curso de Letras de uma universidade federal no sul do Brasil, na qual se investiga como esses sujeitos realizam as atividades de leitura e de produção textual propostas pela universidade e como fazem uso das tecnologias digitais para a realização das mesmas. Os dados foram coletados com base em atividades realizadas por quatro estudantes, no ano de 2013, após terem cursado a disciplina de Produção da Leitura e da Escrita I. A pesquisa é de caráter qualitativo, caracteriza-se por uma perspectiva etnográfica

e os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com os acadêmicos. As análises baseiam-se nas marcas discursivas indicadoras de como esses estudantes realizam as suas produções acadêmicas, fazendo uso das tecnologias digitais, por meio de pesquisas na web. O aporte teórico está centrado nos Novos Estudos dos Letramentos, com ênfase nos letramentos acadêmicos e em abordagens que estudam os processos de ensino e aprendizagem da língua portuguesa, por meio das tecnologias digitais. Os resultados da pesquisa indicam que os universitários, ao receberem determinada tarefa acadêmica, costumam ler *online*, por exemplo, resenhas de livros, para depois realizarem a leitura impressa dos livros propostos no curso. Dessa forma, as tecnologias digitais podem funcionar como apoio às práticas de leitura e escrita, na esfera acadêmica.

Karla Andréa da Silva

Lurdes Patrocínia Matavela Nakala

Maria Cléa Nunes

Teresa Bettencourt

(Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro)

*Contribuição do Blogue nas Práticas de Leitura dos Alunos
da Educação de Infância e do 1.º Ciclo do Ensino Básico*

Palavras-chave: Blogue, Educação, Ensino e aprendizagem, Ferramentas colaborativas, Interação, Leitura.

Este estudo apresenta o resultado de uma atividade prática sobre as ferramentas da web 2.0 e o uso destas no processo de ensino e aprendizagem na escola, realizada no contexto da Unidade Curricular Desenvolvimento de Materiais Multimédia para Educação, do Programa Doutoral em Multimédia em Educação, da Universidade de Aveiro. Trata-se da criação de um blogue intitulado *Blogue Leitura Hoje* (<http://leiturahojesempre.blogspot.pt/>) que pretende constituir-se numa ferramenta de leitura facilitadora do acesso a diversos materiais e suportes relacionados com a leitura tendo em vista a promoção da literatura infantil e juvenil.

O blogue desenvolveu-se com a finalidade de proporcionar o estímulo das competências de leitura de alunos de jardins de infância e do 1.º Ciclo do Ensino Básico e, ainda, possibilitar ao professor, aos pais e aos

familiares argumentarem e partilharem o que leram de forma interativa e autónoma, colocando-se como autores no processo de conhecimento. O *Blogue Leitura Hoje* inclui conteúdo de literatura infantil e juvenil (livros e vídeos), leitura e literatura (artigos e textos) e acesso a outros conteúdos relacionados com o tema através de ligações do domínio público.

Como resultado, esperamos que o blogue desenvolvido seja utilizado pelo público-alvo ao qual se destina e estimule as suas práticas de leitura. Espera-se ainda, que a sua exploração tenha reflexo nas famílias integrando-as no processo educativo.

Klênio Barros

(Universidade de Aveiro)

*A viagem da língua e tudo o que vai com a língua:
música popular brasileira e interlocução de culturas
nos espaços noturnos da cidade do Porto*

Palavras-chave: Língua, Mobilidade, Música Popular Brasileira, Interlocução cultural, Bamba Social, Samba.

Vivemos tempos de mudanças e de grandes mobilidades linguísticas, já que o homem encurtou distâncias e dirimiu fronteiras. Um dos principais fatores relacionados a esse caráter móvel encontra-se expresso nos movimentos que afetam as linguagens e as culturas (Shelemay, 2001). Através dos estudos desenvolvidos no âmbito da Etnomusicologia (Côrte-Real, 2010; Seeger, 2015; Blacking, 2000; Nettl, 2005), sabemos que a língua, tal como a música, é inerente à condição humana e desempenha, ainda hoje, um papel unificador entre as sociedades contemporâneas. Mas a linguagem musical possui um protagonismo importante que a distingue, visto ser uma das mais “permeáveis ao contágio” (Farmhouse, 2010), por isso a importância de discuti-la.

Por esses motivos, o diálogo intercultural, próprio da mobilidade dos indivíduos e de tudo o que estes levam consigo (língua, crenças, tradições, práticas performativas e memórias), pode ser estudado, no contexto desta proposta, através da música popular brasileira, nomeadamente o *samba*, executado pelo grupo ‘Bamba Social’, nos espaços de lazer noturnos da cidade do Porto. O grupo portuense, criado em 2011, é composto por músicos portugueses e brasileiros imigrantes.

Logo, o objetivo central desta proposta é compreender a interlocução de culturas nesses espaços, a partir da música que lá se faz, especialmente porque esta incorpora sons estrangeiros. Em outras palavras, procura-se refletir em torno da seguinte questão: como podemos definir espaços e lugares através da música que lá é produzida?

A metodologia utilizada inclui estudo empírico, autoetnografia, análise de vídeos, revisão bibliográfica e entrevistas coletadas em campo. Os resultados obtidos apontam que a música e os comportamentos relacionados a ela são geradores de dinâmicas espaciais e de reinvenção cultural, independentemente de sua localização geográfica. A música é interventiva socialmente. Sem ela, os encontros identitários se tornariam, de alguma forma, empobrecidos.

Lola Geraldês Xavier

(Instituto Politécnico de Macau e Instituto Politécnico de Coimbra)

*Havia um oceano... História e ficção em
O Ano em que Zumbi Tomou o Rio*

Palavras-chave: José Eduardo Agualusa, Romance.

Havia um oceano... que permitiu encontro de culturas. Mas permitiu, também, constrangimentos. Em *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (2002), do angolano José Eduardo Agualusa, pode perceber-se alguns desses encontros triangulares entre América (o Brasil), África (Angola) e Europa (Portugal). Trata-se de um romance instigador de questões identitárias da cultura brasileira, mas também de culturas africanas em língua portuguesa, em particular a angolana.

Enquanto romance pós-moderno, *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* usa procedimentos técnico-compositivos que configuram uma relação peculiar entre História e Literatura, entre sociedade intra e extratextual, estabelecendo-se vários diálogos históricos, sociais e culturais (com destaque para as relações interartes). Nesse sentido, tenta perceber-se a sua inscrição na metaficção historiográfica (Linda Hutcheon, 1996).

Tratando-se de uma narrativa polémica, que estabelece várias pontes com o universo de língua portuguesa, pretende mostrar-se com esta comunicação o lugar deste romance na obra do autor, bem como o papel

de *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* nas literaturas e culturas em língua portuguesa, sobretudo numa perspectiva dialógica.

Lorena Rodrigues

(Universidade Federal do Ceará/ CAPES-PDSE)

Aline Bazenga

(Universidade da Madeira)

*A categoria caso nos pronomes pessoais de terceira pessoa:
“estou estudando ela” em perspectiva sociolinguística*

Palavras-chave: Variação linguística, Pronomes Pessoais, Clíticos, Categoria de caso, Português falado na Madeira, Português Brasileiro.

Este trabalho tem por objetivo o estudo da variação no sistema pronominal da Língua Portuguesa no que tange à categoria de caso. Para isso, analisamos o Português Europeu Insular, na sua variante madeirense, em comparação com o Português falado no Brasil. Essa escolha deve-se ao fato de que estudos – como os de Carrilho e Pereira (2011), Vianna (2011) e Andrade (2014) – demonstram que alguns usos de variantes sintáticas são mais produtivos no dialeto madeirense, é o caso dos pronomes *ele* e *lhe* usados na função de objeto direto. Observa-se que essas estruturas sintáticas se distanciam da norma linguística falada no continente, porém se aproximam da variedade brasileira. Assim, com base nessas pesquisas, nossa investigação centrou-se nas variantes linguísticas pronominais usadas para marcar o caso oblíquo em pronomes pessoais de 3.^a pessoa. Foram investigados 412 informantes madeirenses, todos estudantes universitários. As variantes linguísticas analisadas foram os pronomes *o*, *lhe*, *ele* e anáfora zero. Como fatores de controle linguístico averiguados, utilizou-se o traço semântico [$\pm$ humano] e gênero do OD e a posição pronominal. Como condicionantes extralinguístico, examinou-se o sexo do informante e a sua permanência na ilha e a avaliação dada a cada variante. Os dados passaram por um tratamento estatístico no programa GOLDVARB X e depois foram analisados na perspectiva sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; LABOV, 1978, 1994, 2001, 2008 e 2010). Como resultados, observou-se o uso do pronome clítico em posição enclítica como a variante com maior prestígio social e os pronomes *lhe* e *ele* foram as formas mais estigmatizadas, porém os estudantes reconhecem que as usam em contextos menos formais.

Luciana Moraes da Silva

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Universidade de Coimbra)

Flavio García

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil)

Margens do português na ficção e na ensaística de Mia Couto

Palavras-chave: Mundos Possíveis Ficcionalis, Estudos Narrativos, Personagens, Língua Portuguesa.

A hibridização quotidiana de línguas autóctones e alóctones é uma constante nos processos de escrita de autores dos PALOP, Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, tensionando modelos homogêneos de produção literária. Nesse sentido, as línguas oficiais do Estado são pensadas como expressões de unidade, permitindo uma ultrapassagem de fronteiras, ao produzir na língua de contato, ainda que não acessível a todos os moçambicanos. Exaltando o modo como a língua portuguesa vem sendo capaz de promover a unidade na diversidade, o escritor Mia Couto, seja em sua ficção, seja em sua ensaística, tem promovido importantes debates acerca de percursos e modelos de construção textual a partir do uso da língua portuguesa. O domínio da língua portuguesa, na opinião do escritor, autoriza-o a transpor barreiras, entrando em contato com uma “linguagem em infância”, produtora de novos sentidos, principalmente diante de “um país também em infância”. Assim, Mia Couto propõe novos percursos pelos “mares da língua portuguesa”, buscando garantir visibilidade às temáticas moçambicanas ao mesclar elementos autóctones aos códigos alóctones. Sua escrita na língua oficial do Estado, apesar de não chegar a toda a sua terra e, muito menos, a todos os seus leitores potenciais, permite a transposição de fronteiras nacionais e continentais e fazer com que os holofotes do mundo globalizado se voltem para Moçambique, por meio da promoção de diálogos entre traços culturais e um trabalho poético com a língua portuguesa.

Luís Adriano Carlos

(Universidade do Porto)

Língua e Literatura, ou a Mátria Revisitada

Palavras-Chave: Mátria, Pátria, Língua Portuguesa, Literatura, Babel, Comunicação Estética.

O autor retoma a problemática desenvolvida num estudo de 2003 — publicado em Portugal e no Brasil, *A Mãtria e o Mal* —, onde, a pretexto da obra poética de Natália Correia, examinou o conceito de “mãtria” na tradição ocidental, de Platão ao Padre António Vieira, de Chateaubriand a Miguel de Unamuno e Leopold Ziegler. A Mãtria constituiria a dimensão afectiva e amorosa da linguagem, em permanente conflito com a dimensão territorial e política da Pãtria. Nessa perspectiva, o autor focará especialmente o papel existencial da Mãtria como inscrição mítica e amorosa da Língua, isenta da venalidade do poder e da dominação, ao mesmo tempo matricial e maternal, de que a linguagem poética seria a representação exemplar enquanto espaço de soberania por meio de liberdade. A famosa frase de Fernando Pessoa, “A minha pátria é a língua portuguesa”, poderá ser reescrita como “A minha mãtria é a literatura de língua portuguesa”, uma vez que entre Língua e Literatura existe um conflito familiar que tem correspondência directa na oposição Pãtria-Mãtria. Na medida em que pressupõe uma comunicação estética — por definição, sensível e afectiva —, a Literatura será encarada como a melhor resposta à Babel em que as várias expressões políticas da língua portuguesa poderão transformar-se no curso da História.

Luís P. L. Cabral de Oliveira

(CEDIS-FDUNL/ESTG-IPL)

Projeto Pensando Goa

*Recortes da Índia: uma incursão pelos opúsculos oitocentistas
da coleção Ismael Gracias*

Palavras-chave: Goa, Séculos XIX-XX, Sociedade, Opúsculos, Ismael Gracias.

O estudo da produção literária portuguesa na Goa do século XIX/princípios do século XX enquanto espelho da sociedade local e expressão das tensões políticas, jurídicas, religiosas e sociais em terras das *Novas e Velhas Conquistas* tem-se focado nos contributos dos principais autores da época bem como, ainda que em menor medida, em trabalhos dados ao prelo pelos muito periódicos publicados ao longo deste período. Cremos porém que o seu âmbito pode alargar-se a outros campos.

No fundo Ismael Gracias, depositado no Xavier Centre of Historical Research, existe um núcleo documental raro e rico – e cremos que

até agora inexplorado – composto pelos opúsculos impressos em português em terras do Estado da Índia que aquele investigador e professor goês foi recolhendo ao longo da vida (1857-1919). Nessa mole pouco sistematizada é possível encontrar documentos das mais diferentes espécies (composições em prosa ou em verso, bilhetes, programas, pequenos jornais, libretos) e com os mais diversos fins: assinalando a passagem de personagens relevantes, a realização de obras públicas importantes, datas religiosas e académicas, a preparação de eventos sociais e artísticos (acompanhados pelos respetivos programas) – ao que se associam obituários, votos de parabéns e elogios das elites locais (sejam elas *reinóis*, *descendentes* ou *naturais* católicas), textos satíricos ou mesmo composições musicais.

Percorrê-los atentamente permite-nos lançar novos olhares sobre quem os escreveu e para quem foram escritos, para além de procurar apurar qual a intenção que guiou a sua publicação e dissecar os respetivos conteúdos. Assim, cremos que uma apresentação dos resultados da análise de uma amostra deste fundo se justifica plenamente num encontro que pretende não só enfatizar a importância da língua como meio de comunicação intercultural como promover o estudo da diversidade literária num espaço com o peso e a originalidade de Goa.

Lurdes de Castro Moutinho

Rosa Lídia Coimbra

(CLLC, Universidade de Aveiro)

*Quando a escrita mimetiza a oralidade:
Um estudo de marcadores prosódicos*

Palavras-chave: Prosódia, Fonética experimental, Análise acústica, Leitura, Marcas de oralidade, Texto publicitário.

Ao contrário do que não raras vezes se considera, o texto escrito pode conter em si características que comumente se associam a produções orais. Todavia, esses recursos são utilizados, frequentemente, de modo a conferir ao texto escrito um caráter oralizante, funcionando também como geradores de determinados efeitos prosódicos. São exemplo disso o uso de negrito, de maiúsculas, da separação silábica, da repetição de grafemas, de sublinhados, entre outros.

No âmbito deste trabalho, ocupar-nos-emos da repetição sucessiva de grafemas, como possível marcador prosódico de ênfase.

Com o objetivo de testar esta hipótese, procedeu-se à recolha de um *corpus* com estes marcadores e foi construída por nós uma versão deles isenta. Esses dois *corpora* foram lidos por um informante em laboratório de fonética, as frases foram segmentadas e, em seguida, o sinal acústico foi analisado em ambiente Praat (Rilliard, 2008 & Romano, 2001). Este procedimento permitiu obter dados quantitativos para os sons em estudo em ambos os *corpora* bem como a sua comparação. Esses parâmetros dizem respeito a F0, duração e energia, parâmetros normalmente utilizados em estudos de prosódia (Contini, 1992).

Os resultados dessa análise deverão permitir-nos avaliar da maior ou menor eficácia destes marcadores na prosódia da leitura.

Referências

- CONTINI, Michel (1992). Vers une géoprosodie, Actes du «Nazioarteko Dialektologia Biltzarra Agiriak», Bilbao: Pub. Real Academia de la Lengua Vasca, 83-109.
- RILLARD Albert (2008). Outils pour le projet AMPER. Disponível em: <https://perso.limsi.fr/rilliard/InterfaceAMPER.html>
- ROMANO Antonio (2001). Analyse des structures prosodiques des dialectes et de l'italien régional parlés dans le Salento: approche linguistique et instrumentale. Lille, Presses Univ. du Septentrion.

Mafalda Frade

(Universidade Nova de Lisboa/ Universidade de Aveiro)

*A tradução portuguesa das aventuras de Marco Polo:
uma ponte linguístico-cultural para o Oriente no tempo das Descobertas*

Palavras-chave: Marco Polo, Tradução, Português, Latim, Oriente, Descobrimientos.

Escritas em 1298 provavelmente por Rustichello de Pisa, as aventuras de Marco Polo descrevem, do ponto de vista de um viajante europeu a terras do Oriente, as características, hábitos e crenças dos diferentes povos com que se confronta. Pela sua singularidade e novidade, a obra tornou-se, na Idade Média, um verdadeiro caso de sucesso, com mais de uma centena

de traduções em variadas línguas. Entre elas encontramos uma tradução portuguesa, editada em Portugal por Valentim Fernandes em 1502, precisamente na época em que Vasco da Gama inicia a sua segunda viagem à Índia. Esta versão descende de uma tradução latina da obra elaborada pelo Dominicano Francesco Pipino de Bolonha (entre 1314 e 1324, a partir da versão veneziana das aventuras) que diminuiu e condensou o texto original, focando-se não no conhecimento geográfico-cultural do Oriente, mas numa interpretação moralizadora da vida dos orientais sob o ponto de vista cristão.

No mundo de hoje, onde o choque cultural entre Ocidente e Oriente continua a ser notícia, pretendemos olhar para a época em que, em Portugal, o conhecimento do Oriente era ainda incipiente, investigando a forma como ele foi veiculado através da tradução do texto de Marco Polo em duas vertentes: em termos culturais, isto é, imbuído ou não de preconceitos em relação a comunidades com hábitos e crenças diferentes; em termos linguísticos, ou seja, analisando o vocabulário da tradução portuguesa na sua relação com o texto latino, por forma a verificar se o tradutor se aproxima ou distancia da visão cristianizada de Pipino, preferindo manter-se fiel à visão cristã ou revelando algum distanciamento em relação à mesma.

Manuel Célio Conceição

(DLCA, Universidade do Algarve)

A língua portuguesa no ensino superior

Palavras-chave: Língua de ciência, Política linguística, Diversidade linguística.

As línguas e as respetivas escolhas na interação social não são neutras e os saberes que veiculam e constroem não lhes podem ser dissociados. Face a esta declaração programática, será necessário revisitar o conceito de língua para nos cingirmos à presença das línguas no ensino superior e, em particular, obviamente, à língua portuguesa.

Abordaremos os estatutos que o português assume sob diferentes perspetivas no ensino superior: objeto de estudo, língua de ensino, língua de herança, língua de cultura, língua franca, língua de ciência.

A falta de políticas de língua, nomeadamente no que respeita a internacionalização, a competitividade, a empregabilidade ou a atualidade, as-

sociada a preconceitos sobre o valor do português como língua de ciência, tem promovido a erosão de culturas científicas e a quebra de densidade e detalhe do saber científico verbalizado numa língua estrangeira.

O objetivo desta comunicação é realçar a necessidade indiscutível da língua portuguesa (e da diversidade linguística) no ensino superior, refutando as teses monolíngues e monolíticas da incapacidade e da impossibilidade de o português ser língua de ciência. Bibliometrias e interesses vários pugnam por uma enganadora transparência que promove a monocultura na form(at)ação dos saberes e o aniquilamento da competência comunicativa em português. É na perspectiva oposta que nos situamos.

Maria Cristina Vieira da Silva

(Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF-CIPAF) /
CIEC – Universidade do Minho)

A diferenciação pedagógica como estratégia promotora do ensino-aprendizagem do Português

Palavras-chave: Diferenciação pedagógica, Ensino e aprendizagem, Didática do Português.

Na escola atual, a diversidade dos alunos é uma realidade que se manifesta nos diferentes níveis de aprendizagens alcançados, mas também nas diferentes formas de aprender, bem como nas distintas culturas e domínios da língua portuguesa em presença. Procurando dar resposta aos diferentes ritmos de aprendizagem e às dificuldades sentidas pelos alunos, a diferenciação pedagógica tem vindo a ser assumida pela tutela como uma perspectiva educativa com elevado potencial no processo de ensino-aprendizagem.

O conceito não é novo, nomeadamente na área da Educação Especial, a partir da qual foi alargado, tendo vindo a ser contemplado, desde há já uma década, na legislação para o Ensino Básico (cf. o Despacho Normativo n.º 1/2005, republicado pelo Despacho Normativo 14/2011, que define os princípios e procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências, assim como os seus efeitos). Estes normativos salvaguardam assim a aplicação de medidas diferenciadoras a todos os alunos e não apenas àqueles abrangidos por necessidades educativas especiais.

Podemos definir diferenciação assumindo, com De Corte (1990), que esta consiste num conjunto de medidas didáticas mediante as quais se adapta o processo de ensino e aprendizagem às diferenças individuais dos alunos, permitindo a cada um explorar ao máximo o seu potencial na concretização dos objetivos didáticos propostos. De facto, assumindo que, numa escola massificada, a igualdade de oportunidades de acesso à educação não significa igualdade de oportunidades de sucesso, a diferenciação pedagógica apresenta-se como uma resposta educativa para as diferentes necessidades dos alunos, visando garantir o seu sucesso académico.

A partir da identificação de alguns dos principais princípios pedagógicos que subjazem a uma pedagogia diferenciada, procuraremos, neste trabalho, demonstrar como, no âmbito do ensino-aprendizagem do Português e mais concretamente nos domínios da leitura, escrita e gramática, diferentes estratégias diferenciadoras poderão ser implementadas, ao nível dos conteúdos, dos processos e dos produtos.

Maria de Fátima Maia Ribeiro

(Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil)

“Até que um dia virá e “os portos do mundo sejam portos de todo o mundo””: trocas transatlânticas e sociabilidade de línguas, poderes, culturas e identidades

Palavras-chave: Cosmopolitismo entre África e Europa, Multilinguismo *criol*/português/outras línguas, Interculturalidade entre países de língua oficial portuguesa, *Nha Fala* de Flora Gomes, *Um filme falado* de Manoel de Oliveira, Literatura angolana.

Vinculada ao projeto de pesquisa “Discursos de migrações, êxodos e retornos, trânsitos e trocas culturais em/entre países de língua oficial portuguesa, em contextos de globalização e pós-colonialidade”, empreende-se leitura comparatista das produções cinematográficas contemporâneas portuguesa, *Um filme falado* (2003), de Manoel Oliveira, e bissau-guineense, *Nha Fala* (2002), de Flora Gomes, mediada por narrativas literárias e textos de opinião dos angolanos Manuel Rui e Luandino Vieira. A triangulação geopolítica e cultural sugerida pelo *corpus* em cotejo desdobra-se em direção a potências europeias con-

vocadas para as ações em cena, mediante abordagens complementares e suplementares. Em primeiro plano, investe-se na diversidade de tratamentos e de caminhos apontados, em termos de problematizações e enfrentamentos das atuais relações da língua portuguesa com outras línguas europeias, a par da proposição de coexistência e trocas entre línguas e culturas portuguesas, crioulas e francesas, em especial no que tange a saídas para embates e dilemas da contemporaneidade, associados ao século XX, com suas cargas de (pós)colonialidade e globalização incontornáveis. Na sequência, esta reflexão traz à cena a discussão distendida a respeito das implicações e paradoxos entre multiculturalismo, multilinguismo, multilingualismo e interculturalidade a ponto de construir formas diversificadas de sociabilidade ao tempo em que embasa aporias da contemporaneidade, sobremodo assentes em demandas transnacionais, cosmopolitas e cosmopolitistas, tanto quanto locais, regionais e nacionais.

Maria de Lourdes Bravo da Costa

(Universidade de Goa, *Projeto Pensando Goa*)

Compreender problemas de questões agrárias em Orlando da Costa de “O Signo da Ira”. O cultivo de arroz em meados do século XX em Goa

Palavras-chave: Arroz, Vangana, Costumes, Terra, *Bhatkar*, *Mundkar*.

Este trabalho procura demonstrar como o romance *O Signo da Ira*, mencionado por críticos como sendo um retrato de Goa rural, tem lacunas perceptíveis. Orlando da Costa não entrou nos aspectos agrícolas de cultivo de arroz em Goa, que é o foco principal da novela, além da relação de *bhatkar-mundkar*. A raiz do problema é que o autor viveu na zona urbana e não tem experiência para compreender os meandros de Goa rural. O que leva a preparar e cultivar os campos não é apenas uma atividade física, mas enredados costumes e tradições compreensíveis em sua totalidade apenas por pessoas rurais. Na introdução ao livro, o autor declara que as pessoas e os fatos são imaginários. Somente a terra e o sistema de posse complexo, favorecendo os que “têm” contra os que não têm, é retratado como sendo verdade. A história é tecida ao redor da questão focal das relações de terras para a compreensão dos leitores. Todo o resto é pura ficção (nota do autor no início do livro).

Em Goa, alguns dos campos de arroz são cultivados duas vezes por ano em várias aldeias. Em primeiro lugar, durante as monções (*sorod* ou *kharif*) e segundo durante a temporada de inverno (*vangana* ou *rabi*). Embora Costa diga que ele tinha experimentado, observando o trabalho realizado pelos curunbis, ele não deu nenhum detalhe sobre a terra usada. Na verdade, existem três tipos de divisão, dependendo da localização geográfica das terras cultiváveis: *Morod* (terras altas), *Kher* (Midlands) e *Khazan*, terras salinas ao longo de estuários de Goa. A *vangana* sobre a qual o romance é o ponto central é cultivada apenas na região *Kher*, que está mais perto dos corpos de água.

Maria do Carmo Cardoso Mendes

(Universidade do Minho)

*Invento o que escrevo / escrevendo para me inventar:
a obra poética de Mia Couto*

Palavras-chave: Mia Couto, Obra poética, Identidade, Viagem.

A obra poética de Mia Couto é uma busca constante de identidade, anunciada no poema de abertura da coletânea *Raiz de Orvalho*. Essa busca supõe sobretudo a identificação com elementos naturais do continente africano, mas não se alheia de um sentido de comunhão com Portugal, ao mesmo tempo que procede a uma denúncia da colonização. O oceano atlântico é encarado pelo sujeito poético como lugar de passagem de uma ave solitária, metáfora do poeta que viaja entre continentes.

Esta comunicação, centrada em composições líricas das coletâneas *Raiz de Orvalho* e *Outros Poemas, Idades, Cidades, Divindades*, e *Vagas e Lumes* tem assim como principais propósitos: 1) Reconstruir o processo de busca de identidade elaborado nas três coletâneas poéticas; 2) Identificar as principais metáforas – a ave, a água, a árvore – que conotam essa procura identitária; 3) Explicitar as aproximações propostas pelo sujeito lírico para uma relação harmoniosa entre o continente europeu e o continente africano; 4) Demonstrar que, tal como se verifica na ficção romanesca, a obra poética de Mia Couto é uma viagem pela identidade do Eu, do sujeito moçambicano e das aproximações entre povos e continentes.

Maria do Socorro Pessoa

(Pós Doutoranda no LEIP/CIDTFF, Dep. de Educação – Universidade de Aveiro; Universidade Federal de Rondônia – RO – Brasil)

Maria Helena Ançã

(CIDTFF/ Departamento de Educação da Universidade de Aveiro)

Na língua portuguesa das fronteiras brasileiras a norma é variar

Palavras-chave: Variação Linguística, Norma, Fala, Fronteiras, Língua Portuguesa, Dialetos.

Nas fronteiras do Brasil com Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Uruguai, Paraguai e Argentina, as variedades da Língua Portuguesa e das Línguas desses países são os instrumentos da intercomunicação entre os habitantes locais. O Brasil possui 23.102 km de fronteiras, sendo 15.735 km terrestres e 7.367 km marítimas (Pena, 2016). Ao longo dessa fronteira, as populações são dos mais diferentes matizes: indígenas, quilombolas, migrantes, imigrantes à procura de ouro e riquezas naturais, ribeirinhos, viajantes-pesquisadores e povos da floresta em geral. Ao longo dessa fronteira, a fala dos habitantes, com sotaques, expressões e tonalidades diferenciadas, revela um país multi-pluri-linguístico como é o Brasil, embora sua Língua Oficial seja denominada simplesmente Língua Portuguesa (Artigo 13º. da Constituição Brasileira, 1988). Variedades tão diversificados de uma mesma Língua revelam a existência de muitos Brasis, cujos falantes, por si só, afirmam que “falam português errado”. As diferenças linguísticas que os marcam juntam-se às línguas dos fronteiriços, proporcionando, aos Educadores e Sociolinguistas, o acesso a um verdadeiro Laboratório Linguístico, particularmente na região fronteira da Amazônia, devido ao contato com inúmeras línguas indígenas. Ao nomearem-se como errados em relação ao seu modo de falar, os habitantes fronteiriços revelam perceber que há uma “língua correta”, “a norma” e que praticam imensa variação dessa norma. Não compreendem por que falam como falam, e, quando os jovens começam a frequentar as escolas questionam: Que língua é essa que os inferioriza na escala social? Nesse sentido, este texto pretende apresentar um trabalho centrado no desenvolvimento de um estudo de natureza didáctica que envolve a pluralidade e a diversidade da Língua Portuguesa nas regiões fronteiriças do Brasil, investigando-

-se as Políticas de Linguagem e de Língua, bem como o modo como tais políticas promovem, ou não, a integração sócio-linguístico-cultural dos usuários da Língua Portuguesa em contato com outras línguas dos espaços fronteiriços.

Maria Fernanda Matias

(Fundação Calouste Gulbenkian)

A experiencia museológica da Fundação Calouste Gulbenkian na Índia: Goa e Cochim

Palavras-chave: Património, Museologia, Preservação.

No quadro da sua ação de defesa e difusão da língua e da cultura portuguesas no mundo, a Fundação Calouste Gulbenkian tem dedicado uma atenção especial ao estudo, recuperação e salvaguarda dos testemunhos históricos de origem portuguesa. Entre esses testemunhos encontra-se um importante património religioso móvel que, no caso da Índia, se encontra exposto a condições que muito contribuem para a sua degradação e completo desaparecimento. Tal circunstância foi determinante na organização de um museu de arte cristã em Goa, inaugurado em 1994, para o qual foi necessário elaborar recentemente um novo projeto que inclui as vertentes museográfica e museológica, com vista a solucionar os problemas provocados pelas inúmeras transformações introduzidas arbitrariamente no núcleo expositivo inicialmente preparado para o Museu de Arte Cristã. Em Cochim, a Fundação selecionou e organizou um conjunto artístico expressivo e construiu um edifício de raiz, próprio para receber a coleção constituída. O *Indo-Portuguese Museum of Cochim* foi inaugurado em 2000 no recinto do Paço Episcopal da Diocese de Cochim e, em 2015, foi alvo de uma intervenção aprofundada que incluiu uma reformulação do percurso museológico, a revisão da informação histórica e introdução de sinalética atualizada. Trata-se de projetos desenvolvidos em tornos de uma temática comum, estabelecidos ao abrigo da mesma instituição religiosa mas que, inseridos em ambientes culturalmente diversos, resultaram em experiências díspares.

Maria Filomena Gonçalves
(ECS/DLL, Universidade de Évora)

Variação e Contacto Interlinguístico no Corpus do
Dicionário Histórico do Português do Brasil (Séculos XVI a XVIII)

Palavras-chave: Dicionário Histórico, Léxico português, Variação linguística, Contacto.

O *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (sécs. XVI-XVIII) – *DHPB* é um projeto desenvolvido no Laboratório de Lexicografia da Universidade Estadual Paulista (Araraquara, FCL, São Paulo). Ideado por Maria Tereza Biderman, que o coordenou até ao 2008, data do falecimento da investigadora, o projeto, que contou com o financiamento do CNPq e a participação de pesquisadores brasileiros e portugueses, foi levado a bom porto sob a coordenação de Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa.

Tinha-se em vista a elaboração de um Dicionário Histórico que recolhesse as unidades lexicais mais frequentes em documentos do período colonial, desde 1500, data da Carta de Caminha, até 1808, data da chegada da corte portuguesa ao Brasil, revelando os significados dessas palavras (substantivos, adjetivos e verbos) e os seus contextos de ocorrência num recorte de três séculos da língua portuguesa. Com este propósito, foi constituído o chamado *Banco de Textos I* que reúne documentos descritivos do Brasil – fauna, flora, geografia, costumes indígenas, administração, desbravamento do território, agricultura, comércio, pesca, etc.. Graças à aplicação de vários recursos informáticos – em especial o programa *Philologic* – é hoje possível a pesquisa automática numa massa textual que apresenta 7.492.472 de ocorrências, resultantes da digitalização de 23.858 páginas.

Como é evidente, um *corpus* com estas características não podia deixar de reter inúmeros exemplos de variação linguística, aspeto que constitui o escopo desta comunicação, que tem como objetivo demonstrar, precisamente, o valor do Banco de Textos do DHPB para o estudo diacrónico da variação do Português.

Assim, com este trabalho pretende-se, por um lado, identificar e exemplificar as formas de variação linguística mais representadas no Banco de Textos, analisando cada caso – variação diatópica, diastrática e disfásica – e os fenómenos a elas associados; por outro, examinar descrições / efeitos do contacto interlinguístico em curso no território brasileiro num período de três séculos relevantes tanto para a história do Português Europeu como do Português Brasileiro.

Maria João Ferro

(Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa / Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

A tradução de originais em língua portuguesa na Europa: Uma análise contrastiva

Palavras-chave: Tradução, Globalização, Multilinguismo, Multiculturalismo, *Lingua franca*.

Devido às crescentes necessidades de comunicação em ambientes multilingues decorrentes da sociedade globalizada em que vivemos, tem-se gerado uma tensão entre a manutenção e promoção do multilinguismo, por um lado, e a utilização de uma *lingua franca*, ou de um conjunto restrito de *linguae francae* consoante a geografia e o sector socioeconómico, por outro. A língua portuguesa apresenta-se bem posicionada para assumir um lugar de destaque na sociedade organizada em rede e constituir-se como *lingua franca* em certos sectores, sendo a quarta mais falada em todo o mundo (Observatório da Língua Portuguesa, 2015) e tendo um papel de destaque em termos do número de utilizadores na Internet, onde ocupa a quinta posição (Internet World Stats, 2015).

Este panorama, porém, contrasta com a posição da língua portuguesa no universo da tradução. Segundo a classificação de Heilbron (2010), o português é uma língua periférica em termos do sistema mundial de tradução, no qual o inglês se destaca como única língua hipercêntrica, sendo o idioma de origem de 55% a 60% de todas as traduções a nível mundial. A circulação mundial de obras de ficção e de não-ficção sob a forma de traduções obedece, portanto, a uma estrutura altamente hierarquizada e dominada pelos países anglófonos, com especial destaque para os EUA, o que tem necessárias repercussões ao nível do comércio internacional de bens culturais.

Com base nos dados disponibilizados pelo *Index Translationum*, uma base de dados que contém informação bibliográfica sobre as obras traduzidas e publicadas em cerca de cem estados membros da UNESCO entre 1979 e 2009, fazemos uma análise comparativa das traduções de originais portugueses e de outras línguas no espaço europeu. Pretendemos demonstrar que as obras em língua portuguesa estão pouco difundidas por via da tradução, sendo importante desenvolver políticas que promovam a tradução de autores que escrevem em português.

Mário Filipe
(Universidade Aberta)

Política de Língua e Políticas Públicas, uma visão necessária

Palavras-chave: Política de Língua, Promoção, Difusão, Português Língua Estrangeira, Políticas Públicas, Língua Portuguesa.

A política de língua externa definida no quadro das políticas públicas como um vetor chave da política externa portuguesa, deve assentar num consenso nacional alargado entre as forças políticas e a sociedade civil, tendo como objetivo a minimização dos obstáculos que se colocam à emergência da Língua Portuguesa como língua de comunicação internacional e enquanto componente linguística para o desenvolvimento sustentável dos países onde é falada e instrumento veicular de transmissão de conhecimento formal, constituinte de base e de coesão para um desenvolvimento concertado pluricontinental, num contexto de respeito pelos direitos humanos, linguísticos e cívicos de participação e valorização pessoal, cultural e social dos povos.

A Resolução do Conselho de Ministros n.º 188/2008, de 27/11, aprovou a orientação estratégica da política “para a língua portuguesa capaz de responder aos novos desafios”.

Decorridos sete anos sobre a aprovação deste documento, importa atentar nos novos desafios nacionais, a evolução conjuntural do período político, económico e de reformas estruturais sobrevividas ao documento então aprovado.

Mónica Esteves Reis
(Centro de História da Arte e Investigação Científica, CHAIA-UÉ)

A historiografia da arte Indo-Portuguesa e a missão científica de Mário Tavares Chicó em Goa

Palavras-chave: Arte indo-portuguesa, Historiografia da arte, Inculturação, Encontro de culturas, Produção artística, Autenticidade.

A designação de arte Indo-Portuguesa aparece pela primeira vez em Portugal, no catálogo de exposição de 1883 assinado por Sousa Viterbo,

promovendo a exposição retrospectiva da arte ornamental Portuguesa e Espanhola. Teria sido em 1881 que a designação apareceu publicamente pela primeira vez, nos escritos de John Charles Robinson, referindo-se a produção artística de Goa nos séculos XVII e XVIII para uma exposição no *South Kensington Museum*, hoje o *Victoria and Albert Museum* (V&A). Esses registros iniciais são fundamentais para entender o que depois aconteceu em termos de compreensão da verdadeira dimensão da arte Indo-portuguesa, que passou de conflito sobre a autenticidade dos objetos no final do século XIX para a sua reafirmação na primeira metade do século XX, para o qual Mário Tavares Chicó apresentou uma contribuição valiosa durante a sua missão científica para Goa.

Monica Lupetti

(Dipartimento di Filologia, Letteratura e Linguistica, Università di Pisa, Italia)

Matteo Migliorelli

(FCSH, Universidade Nova de Lisboa)

*Português língua de comunicação internacional no século XVIII:
o caso da Gramatica linguae malavaricae. Samscredam
de Giuseppe Chariati Indiano*

Palavras-chave: Português língua veicular, Gramática, Historiografia Linguística Missionária, Índia, Giuseppe Chariati, Sânscrito.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como, ainda no século XVIII, a língua portuguesa desenvolvia um papel central na comunicação internacional, sendo língua veicular e de cultura no caminho para o Oriente. Com este fim, levaremos a cabo uma análise macro e microestrutural da *Gramatica linguae malavaricae. Samscredam*, com caracteres malabáricos, redigida em português por um eclesiástico, e ainda hoje manuscrita.

Os jesuítas portugueses organizaram missões de evangelização no Oriente já a partir do século XVI e eram responsáveis pela divulgação da cultura e da educação cristã, além do ensino da língua portuguesa, demasiado complexa para os nativos dessas terras, que chegavam a aprender apenas o português essencial para a compreensão do catecismo. Frente a este *impasse*, eram os mesmos missionários que aprendiam e estudavam

as línguas autóctones, exportando-as para a Europa, através de gramáticas e manuais de conversação.

Um caso exemplar é a *Gramatica linguae malavaricae. Samscredam*. Não há fontes que testemunhem a existência do texto, nem do seu autor, se excluirmos uma citação no catálogo da Biblioteca picena de Filippo Vecchietti e Tommaso Moro, de 1790, que nos leva a presumir que o autor, Giuseppe Chariati Indiano, seja, na realidade, italiano. O exame do manuscrito relevou também erros, nos excertos redigidos em português, devidos à interferência com o italiano, elemento que confirmaria a nossa hipótese sobre a origem do autor. Um outro ponto que merece destaque é o facto de o autor ter adotado, pela grafia do sânscrito, os caracteres do malabárico, falado no sul-oeste da Índia, região da antiga colónia portuguesa de Cochim. O nosso estudo visa portanto reconstruir o perfil do Chariati e as razões que o levaram, na redação do texto, a preferir a língua portuguesa ao italiano e ao latim, destacando a importância que o português teve na difusão da cultura em 1700.

Montserrat Villar González

(Universidade de Salamanca, Espanha)

*Álvaro Alves de Faria: Um poeta nas duas margens.
Poeta brasileiro e poeta português. Experiência de tradução.*

Palavras-chave: Poesia brasileira, Poesia portuguesa, Características literárias, Experiência vital, Influências, Tradução.

Nesta comunicação, vamos falar do poeta de São Paulo Álvaro Alves de Faria, pertencente à geração 60 e que continua a ter uma rica produção literária depois de perto de 60 anos de escritura.

Um poeta nascido no Brasil, de pais portugueses, mas que até 1998 não veio a Portugal, a convite da doutora Graça Campinha da Universidade de Coimbra. Nessa altura, Alves de Faria foi capaz de virar por completo a sua poética e mudar até ser identificado como “poeta português”. Poética, esta, que nada tem a ver com a desenvolvida por ele no Brasil até essa data; do mesmo modo, é a partir dessa data que começa a escrever livros de poemas muito diferenciados, podendo falar de “poesia do Brasil” e “poesia portuguesa” em Álvaro Alves de Faria.

Nesta comunicação, vamos tentar assinalar as características que achamos mais diferenciadoras de ambas “poéticas”, classificar essa obra e

comentar brevemente a nossa experiência de tradução de obras pertencentes a estas duas líricas para espanhol que podem servir como exemplificadoras de ambas “poéticas”.

Falaremos brevemente da experiência de descobrir e traduzir um poeta vivo com essas duas faces tão bem delimitadas e da sua pessoal visão da obra.

Nobre Roque dos Santos

(Universidade Zambeze - UniZambeze, Moçambique)

A situação linguística de Moçambique

Palavras-chave: Moçambique, Situação linguística, Português, Línguas Bantu.

Moçambique é um país multilingue, onde o uso do Português co-ocorre com outras línguas autóctones, que, a nosso ver, são usadas para manter a identidade étnica ou regional. Por exemplo, nos meados da década de 70, uma briga entre dois cidadãos de etnia Sena e Chuwabo originou um conflito étnico entre estas duas etnias no bairro da Munhava, cidade da Beira. A língua foi o principal elemento de identificação dos adversários. Para melhor compreendermos o estatuto da LP, a sua importância na educação de muitos moçambicanos, apresentamos, a seguir, uma descrição pormenorizada da situação linguística de Moçambique. As línguas faladas em Moçambique podem ser divididas em três principais grupos, nomeadamente as línguas Bantu, as línguas asiáticas e as línguas europeias.

Nuno Dias

(DeCA, Universidade de Aveiro)

Centro de Interpretação do Design Português

Palavras-chave: Design, Cultura material, Museografia.

O Centro de Interpretação do Design Português (CIDES.PT) é um projeto que se propõe investigar, desenvolver e avaliar novas abordagens

para a história, museologia e museografia do design com foco no Design Português.

Um dos seus principais objetivos é dar a conhecer melhor o alcance do design português, no sentido de contrariar preconceitos enraizados que muitos portugueses têm sobre si próprios. Com efeito, de forma mais velada ou manifesta, a baixa auto-estima nacional evidencia-se numa relação estigmatizada com aquilo que somos e produzimos, sobrevivendo com vitalidade desproporcionada a ideia antiga que pressupõe ser superior a qualidade do que vem do estrangeiro.

Uma ambição do CIDES.PT é tirar proveito da investigação em design para adicionar uma nova dimensão hermenêutica às perspetivas históricas, antropológicas e etnográficas tradicionalmente utilizados na pesquisa sobre a cultura. Será possível encontrar na cultura material portuguesa contemporânea – no design e na arquitetura – traços de uma identidade portuguesa? Podemos procurar através dessa cultura material (que se desenhou e desenhará) o desígnio de uma universalidade que se compagine com o alcance cultural que a disseminação da língua portuguesa representa?

Nuno Rosmaninho

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Incidências artísticas do universalismo português

Palavras-chave: Universalismo, Arte portuguesa, Século XX.

O conceito de *universalismo* reveste-se da maior importância para avaliar a deriva nacional da arte portuguesa no século XX. Tanto alude à preponderância portuguesa no mundo como ao carácter internacional do modernismo, tanto à necessidade de a arte de um país alcançar uma projecção mundial como ao perigo de a arquitectura se desligar da região e da pátria onde se insere, tanto contém um valor ecuménico como laivos colonialistas. Alguns autores usam os termos *universalidade*, *humanidade* e, mais tardiamente, *transnacionalidade*. No âmbito da radiosa terminologia identitária, é necessário explicar como se transitou dos malditos *estrangeirismo* e *cosmopolitismo* para o voluptuoso *universalismo*.

A palavra *universalismo* admite duas acepções quase contrárias. Por um lado, designa, como refere o dicionário da Academia, a «tendência

para universalizar uma ideia, um sistema, uma obra.» Por outro, qualifica a «doutrina que considera a realidade como um todo único, em que os indivíduos apenas podem ser isolados por abstracção». E quem diz *indivíduos* poderia dizer *nações*. Foi este duplo sentido que lhe conferiu relevância no debate identitário travado durante o Estado Novo.

Antes que o *internacionalismo* lograsse ganhar os espíritos como uma palavra atraente, virtuosa e mesmo unânime, houve um tempo em que o vocábulo mais consensual era *universalismo*. Este termo não estava contaminado pela política, ou melhor, era suficientemente aberto para admitir o apreço daqueles a que hoje chamaríamos nacionalistas e internacionalistas. Para os primeiros, o universalismo era a projecção mágica dos valores nacionais no mundo e, portanto, a validação do patriotismo. Para os segundos traduzia a convicção de que a arte deve pertencer ao mundo, interessar os homens de todas as nacionalidades, e não ser feita com o propósito obsessivo de servir os compatriotas. Claro que os presencistas e os comunistas dão contornos diferentes a esta última ideia, mas concordam em afastar a arte das peias nacionalistas das décadas anteriores.

A difusão dos imperativos universalistas da arte aquietou as mentes, inutilizou polémicas, deu uma falsa ideia de ordem. É neste ambiente estagnado (com o qual se interrompem cinquenta anos de agitação identitária), que encontramos os fundamentos das exacerbações antinacionais posteriores ao 25 de Abril de 1974. Esse ambiente falsamente pacificado, mas sentido como opressor, levou a uma reacção hostil. Em 1990, alguns artistas mais jovens, querendo destruir a ideologia nacional do Estado Novo, chegaram a preferir um *internacionalismo* absoluto, isto é, a desprezar a própria ideia de uma arte especificamente portuguesa. Neste contexto, o préstimo do *universalismo* diminuiu de forma considerável. O seu uso tornou-se marginal, sobressaindo ocasionalmente para auxiliar o periclitante desígnio nacional da arte.

Olga Maria Castrillon-Mendes
(UNEMAT/Cáceres)

*Relações Brasil/Portugal no discurso de configuração
das fronteiras coloniais: um caso de Mato Grosso*

Palavras-chave: Relatos, Fronteiras coloniais, Mato Grosso.

Proponho, nesta comunicação, refletir sobre a relação Brasil/Portugal nas cartas de dois Capitães-Generais do século XVIII, em Mato Grosso, Rolim de Moura e Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Consideradas “figuras fronteiriças” do Setecentos, Rolim, primeiro capitão-general, foi responsável pela fundação estratégica de Vila Bela (primeira capital de Mato Grosso), e Albuquerque, quarto na ordem dos governantes coloniais, balizador dos principais pontos de segurança na linha de fronteira, dentre eles Vila Maria do Paraguai (hoje a cidade de Cáceres). Trago por objetivo fundamental a relação política e jurídico-administrativa entre o discurso das cartas dos administradores e as Instruções advindas da Corte Portuguesa, como constituinte da demarcação das fronteiras definitivas do Brasil. Embora as duas posições estejam legitimadas pelo poder de falar em nome do outro, entre Rolim e Albuquerque o sentido de fronteira é regulado pelo conhecimento afetado sócio-historicamente. No primeiro, está a obrigação de cumprir e manter o espaço conquistado, assegurando as prescrições legais do tratado de Madri (1750). Em Albuquerque, está o militar/estadista que, além de manter o já conquistado, avança, penetra no até então impenetrável, conciliando os extremos. Ao mesmo tempo em que informa sobre as novas terras, re-afirma a cultura europeia, numa proposta de ação verticalizada de um *programa* de construção da fronteira.

Paula Barata Dias

(CECH, Universidade de Coimbra)

*A tradução de A Retirada dos dez mil de Xenofonte, por Aquilino Ribeiro:
Encontros e desencontros entre dois autores*

Palavras-chave: Tradução, Xenofonte, Aquilino Ribeiro.

Foi reeditada em 2014 a tradução aquiliniana da *Anábase*, obra de Xenofonte, dedicada à viagem de um contingente de mercenários gregos em que se incluía Xenofonte, pelo interior do Império Persa, nos finais do séc. V.

Aquilino Ribeiro, o prosador encantador de palavras do séc. XX português, explica na sua introdução à obra a motivação para este exercício de tradução: era pouco mais do que um exercício escolar, destinado a desenvolver o seu conhecimento do Grego, sob orientação do seu professor, aquando do seu exílio em Paris. Nesta comunicação, pretendemos

explorar aspectos da tradução de Aquilino, analisando passagens em que se torna evidente não só a competência do tradutor como a ultrapassagem do modelo de partida pelo génio literário de Aquilino.

Paula Maimuna Bernardo Ângelo Bambo

(Universidade Pedagógica, Moçambique)

Paisagem Linguística da cidade de Quelimane

Palavras-chave: Paisagem linguística, Cidade, Quelimane, Português, Inglês.

O presente trabalho tem por objectivo descrever e analisar a paisagem linguística da cidade de Quelimane, onde uma diversidade de línguas coexiste e está em constante interacção. Considera-se que uma paisagem linguística é também uma paisagem social, formada não apenas por recursos linguísticos visuais, mas também por pessoas, que participam de interacções a todo o tempo com falantes de outras línguas. Na cidade de Quelimane há vários estabelecimentos comerciais de chineses, nigerianos, somalianos entre outras nacionalidades, e em que os letrados têm grande influência da língua inglesa. Nesse sentido, nosso interesse é não só olhar para a complexidade dessa sociedade urbana, mas também para o processo a partir do qual os residentes estão organizados em termos de língua. Assim, iremos mostrar e caracterizar os padrões e condições de emergência social nos centros urbanos, com base em imagens linguísticas presentes na cidade, partindo do princípio de que as cidades se têm tornado lugares onde diferentes culturas, línguas e identidades interagem.

Da análise feita, depreende-se que, falar da paisagem linguística da cidade de Quelimane é o mesmo que descrever a utilização de duas línguas o português e o inglês. Este facto, utilização de dois códigos, inglês e português em lugares públicos, deixa claro que para os lugares públicos os residentes da cidade de Quelimane elegeram aquelas duas línguas como línguas de comunicação renegando para o segundo plano a língua local, o echuabo. Outro aspecto que merece ser realçado é que mesmo os chineses nos seus estabelecimentos também utilizam aquelas línguas (inglês e português).

Em suma, a paisagem linguística da cidade de Quelimane denuncia a existência de estatutos diferentes para as línguas, isto é, a língua local

serve para comunicação no meio suburbano e as línguas inglesas e portuguesas para a comunicação em todos os meios.

Paula Morão

(Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa)

Fumar, pensar, olhar para dentro de si – Alguns exemplos portugueses

Palavras-chave: Fumar, Pensar, Melancolia, Auto-representação, Poesia.

Contemplar o mar ou as chamas é um muito antigo operador da meditação melancólica. A modernidade, com Baudelaire à cabeça, acrescenta a esses auxiliares do movimento mental o motivo do fumo, seja o de um cigarro, de um cachimbo ou de um charuto. Tomando exemplos da literatura portuguesa do século XIX em diante, seguir-se-ão trilhos dessa rota em que o sujeito enfrenta o mundo e se conhece a si mesmo.

Paulo Osório

(Universidade da Beira Interior)

O Português como Língua Pluricêntrica

Palavras-chave: Pluricentrismo, Variantes, Variedades, Difusão da língua, Unidade, Diversidade.

Se remontarmos à história do português, facilmente verificamos que, em dada altura, a língua portuguesa se difundiu por vários territórios, sendo hoje a língua oficial de alguns deles. Nesta intervenção, pretende-se, pois, traçar alguns marcos desse fenómeno de evolução e difusão do português, analisando-se, assim, o pluricentrismo da língua portuguesa.

Analisando-se a construção de variantes e variedades de português, fundamentalmente no mundo lusófono, pretendemos, ainda, analisar e perspetivar algumas das políticas linguísticas atuais que permitem encarar e continuar a difundir o português enquanto língua pluricêntrica, realçando-se, pois, a sua unidade e diversidade linguísticas.

Rita Pereira

(DEP, Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian, China)

Carlos Rodrigues

(DCSPT, Universidade de Aveiro)

Expectativas de empregabilidade e a aprendizagem da Língua Portuguesa na China: o caso de Dalian

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Ensino Superior, China, Empregabilidade, Globalização, Relações internacionais.

São cerca de 30 as instituições de ensino superior chinesas onde mais de 1300 alunos aprendem a Língua Portuguesa (LP), sendo notória a crescente atenção que o português tem vindo a merecer na China. A atenção dedicada à LP naquele país não é alheia a sua importância global, com os seus 250 milhões de falantes – 4% da população mundial – o que a torna a quarta língua materna mais falada no Mundo. Porém, de acordo com os estudiosos das razões e natureza do crescente reconhecimento da LP na China, pode considerar-se a existência de um consenso alargado em torno da forte correlação entre esse reconhecimento e a crescente importância dos países lusófonos na estrutura de relações externas chinesas ou, por outras palavras, na sua estratégia de internacionalização (走出去战略, zǒu chūqù zhànlüè). De facto, não obstante o decréscimo registado nos anos mais recentes, os países lusófonos, com particular incidência para Angola e o Brasil, constituem uma relevante componente do comércio externo chinês e da sua dinâmica de investimento no exterior.

O presente artigo visa levar a discussão para além do consenso estabelecido em termos da importância económica da LP. Para o efeito, às principais motivações, a investigação junta as expectativas de empregabilidade dos estudantes associadas à aprendizagem da língua e o impacto que essa aprendizagem teve na actual situação profissional de ex-estudantes. A investigação que o artigo reporta baseia-se essencialmente num estudo desenvolvido na Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian (大连外国语大学, dàlián wàiguóyǔ dàxué), envolvendo actuais e antigos alunos da licenciatura em português oferecida por aquela instituição de ensino superior.

Roberto Loureiro

(Universidade de Coimbra / CAPES)

Uma proposta de ensino das Viagens na Minha Terra

Palavras-chave: Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Literatura, História, Ensino, Leitor.

Viagens na Minha Terra não é um livro fácil, sobretudo para ser lido por adolescentes: uma introdução difícil para o leitor de hoje; uma narrativa com *nuances* complexas, ainda que passados cerca de 170 anos da sua publicação; um texto extremamente crítico em que Garrett analisa a política, a literatura e os temas mais urgentes do seu tempo; uma série de referências obscuras para o jovem leitor; e uma novela romântica no meio de um texto estabelecido na chamada Literatura de viagem. Em tempos de crise das humanidades (tempos que duram mais do que gostaríamos), como atrair o leitor adolescente, e português, para esta leitura complicada, mas essencial? Portanto, esta comunicação propõe que os alunos portugueses conheçam mais o homem português oitocentista do que a obra, mais a história contida nas páginas do romance do que o virtuosismo de Garrett como artista.

Rosa Lúcia Coimbra

Urbana Pereira

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

A tangerina da sorte: Um estudo de metáforas com nomes de vegetais em falantes chineses e portugueses

Palavras-chave: Metáfora, Símbolo, Polissemia, Línguas em contacto, China, Portugal.

O objetivo da pesquisa que aqui se apresenta é estudar as projeções metafóricas construídas a partir de nomes de vegetais na China e em Portugal. O estudo parte de um inquérito a informantes provenientes dos dois países em questão, no qual se sugerem, para cada nome de vegetal, várias possibilidades de associação simbólica. Partimos da hipótese de que as escolhas serão maioritariamente determinadas por fatores culturais e, como

tal, espera-se que apresentem uma certa homogeneidade dentro de cada grupo e uma diferença marcada entre os dois grupos inquiridos.

O modelo teórico da Linguística Cognitiva, nomeadamente os estudos de George Lakoff, Mark Turner, Gilles Fauconnier e Mark Johnson sobre mapeamentos metafóricos e espaços conceptuais múltiplos, servirá de base para a análise e comparação entre os domínios fonte e alvo da linguagem metafórica que cada grupo associou.

A relevância deste estudo prende-se com o papel que estas expressões polissémicas desempenham numa grande quantidade de situações discursivas, tais como insultos, elogios, textos publicitários, textos literários, etc. e, em geral, no uso quotidiano da linguagem. Por outro lado, o crescente interesse mútuo entre a China e Portugal torna relevante o estudo de um fenómeno que, ignorado, poderá dar origem a mal-entendidos nas mais diversas situações de comunicação como, por exemplo, na vida quotidiana, em contexto escolar, em transações comerciais e outras situações discursivas.

Rosa Maria Faneca

(CIDTFF, Universidade de Aveiro)

*Diversidade linguística e cultural nas escolas portuguesas:
O papel que os jovens de minorias linguísticas e culturais
atribuem à Língua Portuguesa*

Palavras-chave: Competência plurilingue e pluricultural, Diversidade linguística e cultural, Línguas de Herança, Língua Portuguesa, Repertórios Plurilingues.

A presente contribuição parte de um estudo de caso mais amplo que pretendia investigar os repertórios plurilingues de jovens de minorias linguísticas e culturais, analisando o papel das línguas de herança (LH) na constituição de uma competência plurilingue e pluricultural (CP), encarada enquanto recurso em contexto escolar.

A operacionalização do estudo geral foi feita com base num inquérito por questionário *online* e entrevistas a alunos, de minorias linguísticas e culturais e num inquérito por questionário *online* a professores de duas escolas básicas e secundárias da região centro de Portugal, no ano letivo 2013-2014.

Para esta contribuição, centrámo-nos, unicamente, nos resultados obtidos no questionário e nas entrevistas realizadas a alunos, oriundos de países de expressão portuguesa. Pretende-se focar a atenção nas relações entre as LH e as principais dificuldades que estes jovens enfrentam na aprendizagem da Língua Portuguesa (LP), nas escolas portuguesas.

Nesse sentido, a presente contribuição tem um triplo propósito: i) identificar os perfis linguístico-culturais de alunos de minorias linguísticas e culturais; ii) caracterizar as relações que estabelecem com a LH, com a LP e com as outras línguas dos seus repertórios linguísticos; iii) analisar as principais dificuldades linguísticas manifestadas pelos jovens relativamente à proficiência do português exigido na escola.

Almejamos especificamente analisar a consciência linguística evidenciada pelos sujeitos relativamente às suas LH e às dificuldades sentidas em LP, que poderão afetar o sucesso escolar e a sua plena integração no contexto escolar.

A compreensão destes processos permitir-nos-á, por fim, apresentar sugestões didáticas que possibilitem colmatar as dificuldades referidas pelos jovens.

Rose Maria Belim Motter¹

Beatriz Helena Dal Molin¹

Julia Cristina Granetto¹

Francieli Motter Ludovico²

Luana Rodrigues de Souza Oliveira¹

¹ (UNIOESTE, Brasil)

² (UTFPR, Brasil)

Língua portuguesa como língua estrangeira na Universidade Estadual do Oeste do Paraná na modalidade presencial e a distância: um relato

Palavras-chave: Português língua estrangeira, Interculturalidade, Modalidade presencial, Modalidade a distância, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Objetos digitais de ensino aprendizagem.

O objetivo do presente artigo é evidenciar o cenário do curso de Português como Língua Estrangeira na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – no Campus de Cascavel, que é oferecido na modalidade presencial e a distância por meio de ambientes virtuais.

Inicialmente os cursos atendiam aos estrangeiros que se encontravam na região, porém, hoje existe a procura pela aprendizagem do português por pessoas de outros países. Os materiais pedagógicos utilizados nos cursos são elaborados tanto na forma escrita quanto na digital, com a elaboração de Objetos Digitais de ensino-aprendizagem, os quais se fundamentam na abordagem da interculturalidade, com o intuito de mostrar a língua e a cultura brasileira. Contudo, o alicerce dessas atividades está na valorização do sujeito que estuda o idioma, do seu mundo já construído pela sua formação cultural. A base teórica que dá sustentação para esse trabalho está centrada em Lakoff e Johnson (1980), Krashen (1982), Lévy, Motter (2013), Dal Molin (2004) Santaella (2009), Deleuze e Guatarri, Morin e Jensky etc.

Rosilda Alves Bezerra

Pires Laranjeira

(Universidade Estadual da Paraíba / Universidade de Coimbra / CAPES)

*A (Re)Construção de uma Nação e o Processo Identitário
em “Mistida” de Abdulai Sila*

Palavras-chave: Mistida, Abdulai Sila, Identidade, Nação, Guiné-Bissau, Comunidade.

Homi Bhabha (1998), em *O local da cultura*, indica a necessidade de um tempo duplo para a nação, enquanto narração cultural, a partir das tensões e ambiguidades que o conceito de espaço-nação sugere, no sentido de representação social, considerando aquilo que Benedict Anderson denominou “comunidades imaginadas”. Ou seja, a comunidade, e não somente a nação em sua globalidade, passa a ser imaginada conforme um grupo social que enfrenta as complicações e tensões, sendo emissora de uma estrutura de valores e símbolos que atribui sentido à história da sociedade, com todos os seus conflitos e contradições. Escrever a nação não diz respeito apenas ao uso da língua, ao espaço geográfico, às variadas religiões, etnias, costumes e tradições, conforme identificadas em narrativas. A partir da reflexão em torno desses conceitos, este trabalho propõe refletir sobre a apropriação simbólica da nação e sua “disseminação” a partir do romance *Mistida* (1997), do autor da Guiné-Bissau, Abdulai Sila. Parte da história, que na referida obra parece revelar na apropriação da língua

portuguesa uma narração de uma nação, insere episódios com passagens de desesperanças e tragédias vividas pelo povo da Guiné-Bissau no período colonial, conforme constatado em *Desafio do Escombro* (Augel, 2008). As relações tensas entre colonizadores e colonizados e a disseminação coletiva a partir do conceito de povo, minorias e diferenças culturais são aspectos que permeiam a reconstrução do passado a partir do presente. Ao inserir uma releitura de narrativa da nação, uma vez que a proposta concreta nesta narrativa de *Mistida* busca efetivar uma estrutura que tem a língua portuguesa como principal arma de intervenção, a narração aponta para uma quebra de segmentos e regras estabelecidas do presente, sem se apropriar do uso de um discurso maniqueísta e, com isso, cria e modifica a perspectiva de futuro.

Rui Ramos

(Universidade do Minho)

Contributos para o estudo dos usos da língua portuguesa em Timor-Leste

Palavras-chave: Proficiência em língua portuguesa, Língua segunda, Língua oficial, Timor-Leste.

Timor-Leste encontra-se situado em plena Wallacea, área geográfica caracterizada por grande diversidade linguística, com mais de 250 línguas autóctones. Neste contexto, a língua portuguesa usufrui do estatuto de língua oficial do estado timorense, mas só é língua materna de um grupo de cidadãos quase residual e concorre com muitas outras línguas na comunicação quotidiana, na administração pública e no ensino.

Neste estudo, apresentam-se alguns contributos para o desenho dos usos contemporâneos da língua portuguesa em Timor-Leste, fundamentando a observação e a reflexão em dois estudos recentes coordenados pelo autor: um sobre a proficiência em língua portuguesa dos docentes da Universidade Nacional Timor Lorosa'e e outro sobre o uso de línguas no quotidiano de alunos de uma escola timorense situada na capital, Díli.

Pretende-se, assim, suscitar a discussão sobre o uso efetivo da língua portuguesa neste país lusófono e promover a discussão sobre as estratégias a implementar para a sua crescente difusão.

Shao Xiao Ling

(DECA, Universidade de Aveiro)

*A Música Erudita Portuguesa na Perspetiva Intercultural:
O caso da comunicação com a China*

Palavras-chave: Música erudita, Portugal, China, Comunicação, Interculturalidade.

Este artigo aborda a dinâmica da cultura musical portuguesa a partir do universo globalizado, especialmente da sua articulação com a China – um espaço geográfico longínquo, porém historicamente ligado aos descobrimentos marítimos portugueses do século XVI e de convivência multissecular, sobretudo por via de Macau, nos âmbitos sociopolítico, económico e cultural.

A chegada dos portugueses a Macau foi em 1513, mas o primeiro vestígio da música portuguesa foi deixado pelo Jesuíta Tomás Pereira, na Corte do Imperador Kangxi, em 1674. A sua contribuição para a implementação da música erudita ocidental na China é documentada pela autoria do livro teórico em chinês, pelo ensinamento do clavicímalo e pela construção do órgão de tubos, na igreja católica Nantang. Todavia, após o falecimento deste jesuíta e, perante a perplexidade da adoção católica aos costumes dos crentes chineses, o cristianismo foi erradicado, em 1723, da China continental. As atividades teológica, científica e musical limitaram-se ao Colégio de São Paulo, em Macau, até ao encerramento, em 1723, por ordem de D. José I.

Desde esta data até ao século XX, verificamos uma ausência de registos acerca do intercâmbio musical dos dois países, apesar de algumas pistas que apontam a influência portuguesa na introdução da banda militar na China.

A dinamização do intercâmbio musical retoma a sua pujança em 1980, após relação diplomática dos dois países. Além das organizações governamentais, constatamos a existência das instituições que promovem a comunicação da música erudita portuguesa com a China, destacando-se a Fundação Gulbenkian, a Fundação Oriente e o Festival Internacional de Música de Macau. A criação de novos circuitos é também originada pela mobilidade de estudantes internacionais – em destaque, a Universidade de Aveiro – onde se encontram alunos chineses e brasileiros a estudar a música portuguesa. Esta dinamização musical

merece uma nova abordagem e estímulo, como objetivo principal do nosso estudo.

Silvania Núbia Chagas

(UPE/UC/Capes)

Religiosidade e poder na obra de Paulina Chiziane

Palavras-chave: Tradição oral, Sagrado, Religiosidade, Magia, Poder, Literatura.

O romance *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane, apesar de tratar da condição da mulher, como é peculiar na obra dessa escritora, não tem esse viés como força motriz. A narrativa se compõe, focada na religiosidade, mais especificamente, no embate entre os poderes atribuídos ao sagrado. Sagrado este, que se manifesta ao longo da narrativa e constrói a sua tessitura. A escritora, por meio dos pressupostos das religiões animistas imbricadas com o Cristianismo, empreende uma discussão muito profícuca entre a religiosidade dos povos de tradição oral e a cultura ocidental. É uma escritura de grande fôlego, no sentido, de não somente abordar, mas de questionar, com grande acuidade, toda a temática em suas bases, elencando e trazendo à tona, várias *nuances* da fragilidade humana, diante do sagrado, por meio das personagens. Demonstrar como isso ocorre, é o objetivo desse trabalho.

Silvia Helena Benchimol Barros

(Univ. Aveiro e Nova de Lisboa / Universidade Federal do Pará, campus de Bragança, Brasil)

Karley dos Reis Ribeiro

(Universidade Federal do Pará, campus de Cametá, Brasil)

Tradução de Lendas e Mitos Populares: Imaginário Amazônico e desafios Interculturais

Palavras-chave: Tradução Interlinguística, Tradução intercultural, Narrativa oral, o Toco, Literatura Fantástica, Estratégias de Chesterman.

O presente artigo trata da reflexão sobre os desafios da tradução de textos orais inseridos no estatuto de lendas ou mitos populares do folclore brasileiro. O objeto de análise é a narrativa oral “O toco” abordada de forma simbólica em língua portuguesa por um habitante da cidade de Salvaterra na Ilha de Marajó, Pará – Brasil. O objetivo deste estudo é avaliar aspectos da tradução interlinguística e intercultural da referida lenda para língua inglesa considerando-se a tradução como atividade sujeita a fatores que extrapolam o domínio linguístico, que contempla incompatibilidades culturais, a presença de *realias* e peculiaridades do contexto social, geográfico e cultural. O aporte teórico basilar centra-se nos estudos sobre literatura fantástica de Todorov (1981) e nas estratégias de tradução propostas por Chesterman (1997) de onde emergem a análise do corpus e as reflexões sobre o processo. Metodologicamente, utilizamos o relato oral como origem do registro escrito seguido de versão para a língua inglesa. As reflexões advindas da análise, priorizam os desafios da busca por sentidos próximos na língua estrangeira.

Sílvia Rosa Simone

Leonilda Sanveca

(FCLCA, Universidade Pedagógica de Moçambique)

A Língua Portuguesa e o Hibridismo Linguístico em Moçambique

Palavras-chave: Hibridismo Linguístico, Comunicação Institucional, Comunicação mercadológica, Era Digital, Globalização.

O objectivo deste artigo é discutir como a Língua Portuguesa interage com as línguas nacionais em Moçambique e de um modo particular na Universidade Pedagógica de Moçambique (UP), num contexto digital e globalizado com o intuito de facilitar a comunicação. Pretende-se abordar a questão a partir das análises das culturas moçambicana e institucional, demonstrando como a sociedade no geral e a UP (em particular) actuam com as plataformas digitais para se comunicar entre si e com os seus públicos de interesse. A pesquisa ancora-se nas obras de Dias (2002), Kunsch (2014), Baldessar (2009) e Hall (2003). Para o estudo de caso, adoptamos o método de análise de conteúdo com subsídios da semiologia, com o intuito de compreendermos as formas de manifestações linguísticas híbridas resultantes do uso da língua portuguesa em simultâneo com as

línguas moçambicanas, sobretudo na designação de sistemas, produtos e plataformas informáticas da Universidade Pedagógica nos canais de comunicação interna e externa da instituição e também na divulgação de marcas, serviços e produtos pelo mercado moçambicano.

Telmo Verdelho

(DLC, Universidade de Aveiro; Academia das Ciências de Lisboa)

Os pecados da boca, reflexão breve sobre a moralidade linguística

Palavras chave: Moralidade linguística, Insulto, Agressão verbal.

Retoma-se o capítulo LXX do *Leal Conselheiro*, “dos pecados da boca”. Propõe-se uma leitura com algumas anotações filológicas e um breve enquadramento na tradição antiga e medieval da moralidade linguística. Prolonga-se a reflexão para o âmbito da violência e do conflito verbal no discurso do nosso tempo.

Thiago Maerki

(Bolsista Sanduíche Capes, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp)

A língua portuguesa entre a simbologia marítimo-expansionista e a mística franciscana

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa, Franciscanismo, Expansionismo Português, Jaime Cortesão, Quinto-Império.

No século XVII, Duarte Nunes de Leão e Álvaro Ferreira de Vera ressaltaram o caráter universal da língua portuguesa, fruto do expansionismo do homem português que a levava a diferentes povos. Junto com a língua, como se sabe, o português carregara consigo uma maneira própria de ver o mundo, extremamente influenciada pela espiritualidade cristã, aspecto que marcaria definitivamente sua cultura e literatura. Pouco mais de um século depois, Pedro de Rates Henequim (condenado pela inquisição lisboeta em 1744), influenciado pelo joaquimismo e pela teoria quinto-imperialista, defendera que a língua portuguesa não só se tornaria

a língua universal como também que fora a língua primordial falada por Deus e Adão no paraíso. Além disso, segundo Henequim, o Quinto Império estabelecer-se-ia no Brasil, visto por ele como uma espécie de paraíso terreal. Apesar de terem objetivos particulares, esses autores comungam, na verdade, de uma mesma raiz motiva: a correlação entre expansionismo marítimo-português, espiritualidade cristã e língua portuguesa. No entanto, aquele que soube melhor correlacionar esses três elementos fora Jaime Cortesão, que imprimiu-lhes um caráter específico: o elemento cristão seria, sobretudo, constituído por uma mística franciscana. Para Cortesão, inclusive a língua portuguesa seria uma “língua lírica”, “língua franciscana” e os descobrimentos teriam tido como gérmen o caráter expansionista da espiritualidade de São Francisco de Assis.

O objetivo do presente texto é investigar os desdobramentos dessa tríade nos autores supracitados, dando destaque ao que diz respeito a uma constituição simbólico-cristã da língua portuguesa associada ao expansionismo propiciado pelas grandes navegações.

Vanessa Gomes Teixeira

(Faculdade de Letras da Universidade de Porto)

*Cultura e Aquisição de segunda língua:
análise de um material didático de Português para surdos*

Palavras-chave: Português para surdos, Segunda língua, Aspectos culturais, Materiais didáticos, Educação de surdos, Surdez.

Com o desenvolvimento de pesquisas da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e Português como segunda língua (L2) para comunidade surda, começa a se pensar, a partir da década de 90, no Bilinguismo, que defende que o surdo deve adquirir a língua de sinais, considerada sua língua natural, como materna (L1) e a língua oficial de seu país como segunda (L2) na modalidade escrita.

No entanto, para que se tenha um ensino efetivamente inclusivo, não basta apenas a tradução de materiais existentes para a LIBRAS. Esses materiais devem respeitar também as especificidades da comunidade surda, como: o fato dela aprender o Português como segunda língua na modalidade escrita e o fato de ter como língua materna uma língua de modalidade espaço-visual, o que acarreta em uma apreensão visual do

mundo e que gera normas, valores, comportamento comum compartilhado e tradições sócio-interativas diferentes daquelas compartilhadas pelos ouvintes. Segundo Felipe (2001), denominamos esse *modus vivendi* de ‘Cultura Surda’.

Nesse contexto, a presente pesquisa busca refletir sobre a importância de serem trabalhados aspectos culturais nos materiais voltados para o ensino de Português como segunda língua para surdos. Para a realização dessa tarefa, inicialmente será discutida a relação entre aquisição de segunda língua, cultura e material didático. Depois, será analisada uma unidade do livro de Português do 5º ano do Ensino Fundamental I da Coleção Pitangua em formato de CD-ROM, que foi traduzido para a LIBRAS. A análise em questão busca perceber de que maneira aspectos culturais da comunidade surda e suas especificidades são abordados no material voltado para o ensino de Português como segunda língua.

Wendel Cássio Christal
Maurício Pedro da Silva

(Universidade Nove de Julho, Universidade Presbiteriana Mackenzie)

*Uma flor africana: literatura infanto-juvenil
brasileira e relações étnico-raciais*

Palavras-chave: Literatura infantil juvenil, Obax, Lei 10639/11645, Racismo.

O presente artigo trata das possíveis relações entre a literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea e a questão das relações étnico-raciais, destacando aspectos relacionados não apenas à discriminação racial, mas também à contribuição da cultura africana para cultura e história brasileiras. O encontro entre a literatura infanto-juvenil e as relações étnico-raciais resulta num complexo conjunto de manifestações artístico-literárias que engloba desde obras que tematizam o universo da cultura africana e afro-brasileira ou que tematizam o preconceito racial diante a realidade social contemporânea, até obras que tratam da escravidão e suas representações, da identidade negra e da diversidade cultural do Brasil, entre outras. Independentemente da “divisão” que se faça da produção literária infanto-juvenil vinculada às questões étnico-raciais e da “definição” que suas diversas manifestações podem assumir, essa produção

não prescinde de um agenciamento que resulta numa conscientização da identidade negra, por isso mesmo não apenas inserindo-se no contexto normativo da lei 10.639/03, mas principalmente numa ampla discussão histórica da formação da sociedade brasileira e da contribuição, para essa formação, da cultura de matriz africana. Diante desse quadro, propomos exemplificar como essas relações e esses fatos se concretizam no âmbito da literatura com a análise do livro *Obax* (2010), do escritor e ilustrador brasileiro André Neves, obra agraciada com o selo de “leitura altamente recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e também vencedora do prêmio Jabuti como melhor livro infantil em 2011. Ambientada no oeste africano, *Obax*, palavra somali que significa “flor”, narra a história de uma menina criativa e sensível, cujas peripécias servem de pretexto para a exposição de um rico universo cultural africano e afro-brasileiro em razão do potencial estético que texto e imagem suscitam. Em Portugal o livro foi publicado em 2013 com adaptações ao português europeu.

Xavier Frias Conde

(UNED, Espanha)

Os escritores galegos de expressão portuguesa: escritores invisíveis?

Palavras-chave: Escritores galegos, Lusofonia, Português da Galiza, Reintegracionismo.

Na Galiza atual nem todos os escritores empregam a normativa oficial do galego, que se baseia no castelhano. Há um grupo de escritores que defendem a unidade portuguesa e escrevem numa variante de português própria. Porém, esta escolha supõe uma grande discriminação não só na Galiza, mas também em Portugal, pela falta de reconhecimento do chamado *português da Galiza* como veículo literário.

Neste artigo, analisaremos quais os principais problemas que deve afrontar o coletivo de escritores galegos de expressão portuguesa, bem como a situação editorial em que se encontram. Uma parte desta pesquisa foi realizada através de questionários a alguns dos autores lusófonos da literatura galega contemporânea.

Zainabo Alcina dos Anjos Viage

(Universidade Pedagógica – Delegação de Nampula, Moçambique)

O Português, Uma Língua de Comunicação e Culturas

Palavras-chave: Língua, Ensino, Cultura, Português, Variação.

O objectivo principal desta comunicação é reflectir sobre a língua portuguesa como meio de comunicação e de culturas em Moçambique, numa perspectiva didáctica-pedagógica. Pois, a abordagem desta temática abre espaço para a valorização e o resgate da identidade dos moçambicanos, uma vez que os elementos culturais estão reflectidos na língua de uma forma directa ou indirecta. É devido a esta estreita relação entre a língua e cultura que em Moçambique foi introduzido o ensino bilingue em algumas escolas primárias como projecto-piloto. Sabe-se que o português em Moçambique é a língua de ensino e de unidade nacional, por factores políticos e históricos. Moçambique é um país multicultural com uma enorme diversidade linguística, por esta razão é verificável a variação linguística em diferentes regiões do País. Para uma boa reflexão sobre o tema em discussão, optamos por uma pesquisa bibliográfica e documental, com uma abordagem descritiva, qualitativa. Partindo das análises descritas, concluímos que é pertinente conciliar a línguas portuguesa com as línguas locais faladas em Moçambique, visto que estas fazem parte integrante da cultura dos moçambicanos. Concluimos ainda que o projecto do ensino bilingue em Moçambique tem grande impacto cultural, visto que o aluno terá o domínio das duas línguas faladas em Moçambique.

Pósteres

Carlos Morais

(CLLC, Universidade de Aveiro)

Novas tecnologias no ensino de PLE a hispanofalantes

Palavras-chave: Português Língua Estrangeira, Ensino-aprendizagem, Novas tecnologias, Laboratório de línguas, Hispanofalantes.

Neste póster, evidencia-se a importância do uso das novas tecnologias no ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE) a alunos hispanofalantes de nível B1 do Quadro Europeu Comum de Referência (QECR), num laboratório multimédia e digital de línguas, com inegáveis potencialidades didático-pedagógicas.

Além de todas as aplicações informáticas que vulgarmente podem ser executadas num computador normal, o laboratório, baseado no sistema *DataSchool* (Sistema Educacional Multimédia Pluridisciplinar para o Ensino e Formação), combina *hardware* com *software*, numa mistura estratégica que possibilita a transmissão bidirecional e permite ao professor controlar, conferir e corrigir, em tempo real, todo o processo de aprendizagem dos alunos, nos domínios da leitura, da escrita, da oralidade e da audição.

Catarina Xu Yixing

(Shanghai International Studies University)

Ran Mai

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Utilização do Wechat no Ensino/aprendizagem de PLE:
Estudo de caso de alunos da SISU*

Palavras-chave: Wechat, China, Português Língua Estrangeira, Ensino/aprendizagem, Internet, Divulgação.

Com o desenvolvimento da tecnologia, estamos a viver numa era digital onde a Internet tem desempenhado um papel cada vez mais im-

portante no ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira. Os alunos e os docentes, sobretudo os que não vivem no meio onde a língua é falada, utilizam a Internet para obter informações, conhecer o mundo lusófono e também para praticar os conhecimentos já adquiridos.

Hoje em dia, a aplicação *Wechat* é muito usada por utilizadores chineses como meio de comunicação, sobretudo para divulgação de informação. Com base numa conta pública sobre gastronomia criada por um grupo de alunos de PLE de Xangai, são analisadas questões relacionadas com o processo de divulgação de informação em português por falantes não nativos, como seleção da matéria, técnica de tradução, uso de vocabulário, estilo de texto, orientação e apoio aos alunos, entre outras, com o objetivo de mostrar a importância de novas tecnologias ao ensino/aprendizagem de PLE e como estas podem ser aproveitadas tendo em consideração as características dos alunos.

Elizangela Nivardo Dias

Renata Ferreira Munhoz

(Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, FFLCH / USP)

A mulher e o abandono de seus filhos: estudo dos documentos das rodas dos expostos das Santas Casas de Misericórdia

Palavras-chave: Mulher, Brasil colonial, Filologia, Análise do Discurso, *Ethos*, Ideologia.

Este *poster* tratará da figura das mulheres no Brasil colonial (1500-1808) frente às situações de dificuldade e miséria que as levaram ao abandono de seus filhos recém-nascidos nas Santas Casas de Misericórdia. Para reconstruir o contexto histórico, o estudo parte da edição filológica e da análise discursiva dos textos contidos nas breves anotações deixadas junto desses bebês “enfeitados”. Nota-se, em grande parte desses documentos manuscritos, a preocupação com o destino da criança contrapondo-se à ideia do abandono. A tentativa de resguardar o anonimato daqueles que abandonavam seus filhos na Roda dos Expostos, para evitar que o abandono fosse feito em local diverso, é também observada no discurso dos textos. Contudo, o aparente apagamento do “eu” não se dá completamen-

te, uma vez que os sentimentos aflorados deixam marcas de pessoalidade. Mesmo com o cuidado de manterem-se anônimos, os autores das notas que eram entregues junto dos bebês revelavam detalhes como o grau de proximidade ou o parentesco que tinham com aqueles que enjeitavam. Eram frequentes as promessas de que os pais retornariam para buscar seus filhos, bem como as recomendações de que as crianças fossem bem cuidadas. A figura da mulher revela-se nos detalhes da escolha do nome e do pedido do batismo. Tais marcas de pessoalidade revelam, portanto, o *ethos* autoral e permitem, em última instância, compreender que a natural dor causada pelo apartamento dos filhos era ainda mais reforçada às mulheres do Brasil colonial dada a vigência das ultramarinas ideologias dominantes, sobretudo a católica.

Inês Moura
Luísa Álvares Pereira
Rosa Lúcia Coimbra
(Universidade de Aveiro)

Riqueza vocabular em textos de alunos do Ensino Básico

Palavras-chave: Riqueza vocabular, Densidade lexical, Diversidade lexical, Texto descritivo.

O estudo que apresentamos reflete parte da análise feita a 80 textos descritivos de alunos que se encontravam a frequentar o 4.º e 6.º anos de escolaridade no ano letivo 2011/2012 e, 3 anos mais tarde, quando frequentavam o 7.º e 9.º anos (2014/2015), respetivamente.

Este estudo longitudinal pretendeu, assim, avaliar a progressão da qualidade dos textos de alunos do Ensino Básico, de acordo com alguns indicadores de Riqueza Vocabular como a Densidade lexical e a Diversidade lexical.

Avaliaremos se a progressão se efetuou de forma positiva, isto é, se três anos mais tarde os alunos foram capazes de produzir melhores textos de acordo com os parâmetros apresentados.

Paula Maimuna Bernardo Ângelo Bambo
(Universidade Pedagógica, Moçambique)

A Variação Linguística no Contexto Escolar

Palavras-chave: Norma, Variação, Desvio, Ortografia, Pronome, Concor-
dância.

O presente trabalho tem por objectivo analisar as composições escritas de estudantes do ensino secundário geral com vista a fazer uma descrição dos elementos discursos desviantes presentes nas composições. Os estudantes que serviram de informantes têm a Língua Portuguesa (LP) como língua materna o que pressupõe que deveriam conhecer as regras básicas de funcionamento da LP, que é língua oficial e de ensino em Moçambique. De referir que a intenção era a de analisar os desvios comuns identificados nas composições. As escolas moçambicanas regem-se pela norma do português europeu. Porém, dado que a língua é dinâmica, e sujeita-se ao meio em que esta é utilizada, verifica-se que existem alguns aspectos diferenciadores entre o português europeu e o português falado em Moçambique. Nesta ordem de ideias, a nossa análise foi feita tendo como referência a norma do português da escola que é a norma do português Europeu. Importa referir que fizemos análise de três tipos de desvios nomeadamente: ortografia, concordância em género e número e a posição do pronome clítico. De salientar que nas composições existem outros desvios. Porém, não foram objecto de análise pelo facto de não terem sido cometidos por um número significativo de informantes. Constatámos que, apesar de os nossos informantes todos terem como língua materna a língua portuguesa, estes mostraram não dominar as regras de funcionamento da LP. Deste modo, depreende-se que a língua portuguesa, que é tida como norma na escola, é diferente da língua portuguesa que é língua materna dos estudantes que serviram de informantes. Assim podemos afirmar que os estudantes têm como língua materna a variante emergente do português moçambicano e não a variedade do português Europeu que é considerada norma na escola moçambicana.

Rosa Lúdia Coimbra
Maria Fernanda Brasete
(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

Os “polícias” da língua: metalinguagem do erro em comentários online

Palavras-chave: Género comentário, Notícia, Metalinguagem, Erro, Português.

Ler uma notícia de jornal, partilhá-la e comentá-la com outros leitores constitui uma prática comum, geradora de confrontos entre opiniões e pontos de vista nem sempre coincidentes e eventualmente potenciadores de conflitos. Estes assumem maior ou menor envolvimento afetivo dependendo do assunto em questão. Um dos que mais ânimos parece exaltar é o futebol, já que os opinantes se encontram, à partida, posicionados a favor dos seus clubes e jogadores favoritos.

Oferecendo o atual jornalismo *online* aos seus leitores a possibilidade de partilha e confronto de opiniões sobre as notícias, a secção desportiva não é exceção e os comentários opinativos multiplicam-se no final das páginas com trocas mais ou menos animadas de ideias.

O género textual comentário do leitor surge, assim, como um paratexto da notícia. Estes comentários, tal como os que se encontram nas redes sociais, podem apresentar-se num primeiro nível, o que acontece sempre que um leitor introduz uma nova ideia, ou num segundo nível, se o comentário não é suscitado diretamente pela notícia, mas surge como resposta a um outro comentário, de um outro leitor, podendo eventualmente gerar-se cadeias dialógicas entre dois ou vários leitores. A margem esquerda da zona de comentários torna clara essa distinção e hierarquia textual.

O estudo que aqui apresentamos parte da recolha de um *corpus* de notícias desportivas *online* com comentários dos leitores. Foram selecionados comentários contendo erros de português e foram analisadas as respostas que outros leitores teceram sobre estes comentários. Assim, foram identificados os componentes textuais destas críticas, permitindo a sua caracterização enquanto género textual.

Apoios

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

universidade de aveiro  **dlc** departamento de línguas e culturas

universidade de aveiro  **instituto confúcio**
阿威罗大学孔子学院

universidade de aveiro  **ciceco**
theoria poiesis praxis instituto de materiais de aveiro

USPFG
pensando GOA
Letras, Artes & Ciências Humanas

 **ESCOLAR**
EDITORA

FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES

FUNDAÇÃO
ORIENTE


FUNDAÇÃO
PORTUGAL
ÁFRICA

TRÍONICA
MOÇAMBIQUE

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA